

Metodologia de Intervenção em Património Edificado.
Intervenção num Palacete no Centro Histórico de Braga

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura, realizada por
Miguel Ângelo Loureiro Simões, com a orientação do Professor Doutor Joaquim Teixeira

Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

Porto, Setembro de 2016.

Agradecimentos

À minha mãe por todos os sacrifícios em prol do meu bem estar e sucesso.

À restante família por todo suporte, respeito e confiança depositada em mim.

À minha namorada por toda a ajuda e boa disposição sempre contagiosa.

À Mi pelas virgulas.

Aos meus amigos com quem aprendi e vivi muito durante este percurso.

Às tropas Para-Quedistas pelo espírito lutador inculcado.

Ao professor Joaquim Teixeira pela disponibilidade e paciência, durante toda a formação

Resumo

A presente dissertação visa ensaiar uma metodologia de intervenção em património edificado através do processo de investigação e trabalho inerentes ao acto projectual. Trata-se de uma intervenção num Palacete construído no final do século XIX, localizado na Rua Dom Paio Mendes, em Braga, que apesar de conter valor patrimonial, se encontra em avançado estado de degradação com o risco de perda de vários elementos, senão da sua totalidade. Deste modo, esta dissertação assume-se também como oportunidade de inventariar e registar um edifício do qual quase não existe informação.

O trabalho incide sobre duas componentes, uma teórica de contextualização do tema e uma prática constituída essencialmente por desenhos. Estas duas componentes encontram-se divididas em três capítulos interligados e divididos em sub-capítulos, que correspondem à exposição dos diferentes conteúdos abordados durante o desenvolvimento do projecto. Primeiro uma contextualização do local e do objecto de estudo; Segundo um momento de recolha de conhecimentos que servirão de base ao projecto; e por fim uma análise do existente que posteriormente se formaliza numa proposta de intervenção.

Abstract

This thesis aims to rehearse a methodology of intervention in built heritage through the research process and work inherent to the projectual act. This is about an intervention in a Palace built in the late nineteenth century, located at Rua Dom Paio Mendes, in Braga, which despite containing heritage value, is in an advanced state of degradation with the risk of losing several elements, if not its totality. Thus, this thesis is assumed also as an opportunity to record and register a building off which there is almost no information.

The work focuses on two components, one theoretical of the contextualization and a practice one which consists mainly of drawings. These two components are divided into three interconnected chapters and divided into sub-chapters, which correspond to the exposure of different contents addressed during the development of the project. First a contextualization of the place and the object of study; Second a moment of knowledge gathering that will support the project; and finally an analysis of the existent which later formalizes into a intervention proposal.

Sumário

1	- Introdução	1
1.1	Objecto - Objectivo	2
1.2	Estrutura	3
2	- Contexto Existente	5
2.1	Desenvolvimento Urbano de Braga	7
2.1.1	As origens e evolução da cidade	7
2.1.2	Classificação Centro Histórico de Braga	13
2.2	Abertura da Rua Frei Caetano Brandão e Construção do Palacete	15
2.2.1	Palacete da Rua Dom Paio Mendes	17
2.3	Intervenção no Quarteirão de Intervenção Prioritária	28
2.4	Análise à Legislação	31
3	- Bases	35
3.1	Problemáticas da intervenção em Edifícios antigos	37
3.1.1	Debate entre contemporâneo e passado	
3.1.2	O papel da intervenção nos edifícios existentes em face de um futuro sustentável	43
3.1.3	Tipos de intervenção sobre o património	44
3.2	Referências: projectuais	45
4	- O projecto	57
4.1	Análise do Existente	59
4.1.1	Levantamento Geométrico e diagnóstico do Estado Actual	59
4.1.2	Levantamento Construtivo	107
4.1.3	Alterações	110
4.2	O Programa	116
4.3	Proposta de Intervenção	118
5	- Considerações finais	153
	Fontes Bibliográficas	155
	Créditos de Imagens	157

A presente dissertação foi redigida ao abrigo do antigo acordo ortográfico.
As citações apresentadas no corpo de texto, oriundas de línguas estrangeiras foram traduzidas.
As imagens apresentadas foram modificadas pelo autor, residindo as alterações no ajuste de tonalidades e formato, em virtude de uma melhor apresentação e enquadramento das mesmas, no presente trabalho.

Abreviaturas

CMB - Câmara Municipal de Braga

CH - Centro Histórico

GTL - Gabinete Técnico Local

MRB - Mappa das Ruas de Braga

PDM - Plano Director Municipal

PERU - Plano Estratégico de Reabilitação Urbana

PRU - Programa de Reabilitação Urbana

RDPM - Rua Dom Paio Mendes

RFCB - Rua Frei Caetano Brandão

RMSRCHB - Regulamento Municipal de Salvaguarda e Revitalização do Centro Histórico de Braga

I

Introdução

Objecto - Objectivo

No panorama actual em que cada vez mais edifícios de valor patrimonial são negligenciados e alvo de intervenções destrutivas, é crescente a importância do tema da reabilitação, salvaguarda e sustentabilidade no campo da arquitectura. Vivemos uma época de exponencial evolução cujo ritmo nos deixa por vezes desamparados, sendo a cidade - património legado, veículo de cultura e história - o elemento que nos permite fixar no tempo, perceber o que somos e de onde vimos (evoluímos). Desta forma é urgente socorrer as nossas cidades, já bastante feridas e cicatrizadas, tanto pelo seu valor como também pela iminência de um mundo esgotado, em que cada vez mais é essencial sermos sustentáveis.

Tendo em conta que estas temáticas praticamente não foram abordadas durante a minha formação académica, surgiu a vontade de desenvolver através do acto de projecto, uma metodologia de intervenção em património edificado, formalizada numa proposta de reabilitação para um, entre muitos, dos edifícios debilitados da minha cidade, Braga.

O objecto de estudo é o Palacete no gaveto da rua Dom Paio Mendes com a Frei

Caetano Brandão. Construído após a abertura da rua Frei Caetano Brandão em 1890, trata-se de um edifício de grande imponência, riqueza e valor patrimonial situado numa posição chave dentro do Centro Histórico de Braga e inserido no Quarteirão de Intervenção Prioritária, que tem sido alvo de várias acções por parte da Câmara Municipal de Braga. Devido a estes factores, considera-se tratar-se de um edifício de elevada pertinência para esta dissertação. Não só pelo exercício académico em si, mas também numa perspectiva de inventariação do Palacete que se encontra em avançado estado de degradação com o risco de perda de vários elementos, senão da sua totalidade.

Metodologia

Atendendo ao modelo de investigação a dissertação deverá dividir-se entre uma parte teórica, de contextualização do tema e uma parte prática constituída essencialmente por desenhos.

A metodologia de investigação iniciou-se com a análise e conhecimento do existente. Neste sentido, os primeiros trabalhos corresponderam à recolha de informação sobre o edifício, ao levantamento geométrico, constructivo e fotográfico.

Posto isto, a dissertação divide-se em três momentos. Um primeiro de contextualização, onde é pretendido compreender o Palacete e sua história, assim como o meio onde este se insere, a cidade de Braga, mais concretamente o seu centro histórico. Isto tendo em conta a sua evolução urbana até à sua classificação, a abertura da rua Frei Caetano Brandão que permitiu a construção deste palacete e as intervenções já feitas no centro histórico, principalmente no Quarteirão de Intervenção Prioritária (onde se insere o Palacete).

O segundo momento debruça-se sobre reunião de conhecimentos que serviram de base ao projecto que se apresenta no momento seguinte. Isto passa por perceber a evolução do conceito de património arquitectónico ao longo do tempo e das diferentes teorias de intervenção, assim como convocar um conjunto de projectos referência. Posto isto, será abordada a legislação em vigor da Câmara Municipal de Braga, mais precisamente a que está relacionada com o Centro Histórico, que em conjunto com as referências e com o conhecimento pessoal da cidade, resultaram na definição do programa a aplicar ao edifício em estudo.

O terceiro momento de formalização da proposta parte dos conhecimentos e influências adquiridos nos dois momentos anteriores, conjugando-os com a análise do estado actual do palacete em que se focam as suas patologias, elementos de valor, método constructivo e alterações a que foi submetido.



Contexto Existente

2.1 Desenvolvimento Urbano de Braga

2.1.1 As origens e evolução da cidade

“Sem enveredar pela polémica árida das origens, diremos que já Estrabão e C.Ptolomeu se referiam à presença de Bracaros, povos de presumível origem Galo-Céltica, que ocupavam o território onde, recentemente se encontraram vestígios que remontam ao Neolítico.”¹

Antes da chegada dos Romanos existiam apenas relatos confirmados, da existência no território de um elevado número de habitantes numa rede disseminada de castros, situados nas “pequenas elevações pertencentes à plataforma bracara”². O rio Cávado, que dista cinco quilómetros da cidade, é considerado a mais importante via de comunicação na altura. A fertilidade da sua longa planície assim como a posição dominante que proporcionava sobre o território, ditaram as primeiras fixações. A mais antiga é o Castro Máximo ou Monte do Castro, que sofreu alterações resultantes da actividade exercida nas pedreiras das suas imediações, contudo “existem registos das escavações realizadas no seu perímetro durante a década de trinta, do século XX, que apontam para a existência de um sistema defensivo originalmente composto de duas linhas de muralha e de fossos. Além destas evidências, terão sido então identificados

vestígios estruturais de habitações de planta predominantemente circular, na área interna delimitada pelo muralhado”³.

A fundação da cidade Romana Bracara Augusta, algures entre 16 e 15 aC, deu-se no “contexto da organização política e administrativa da Hispânia, que se sucedeu ao fim das guerras cantábricas, constituindo um dos três centros urbanos criados por Augusto no NO peninsular”⁴. A cidade encontrava-se inserida no “sistema urbano-regional Romano, no qual inicialmente foi sede de um dos conventos Terraconensis, tendo posteriormente, por imperativo de Caralaca⁵, sido elevada a capital da província

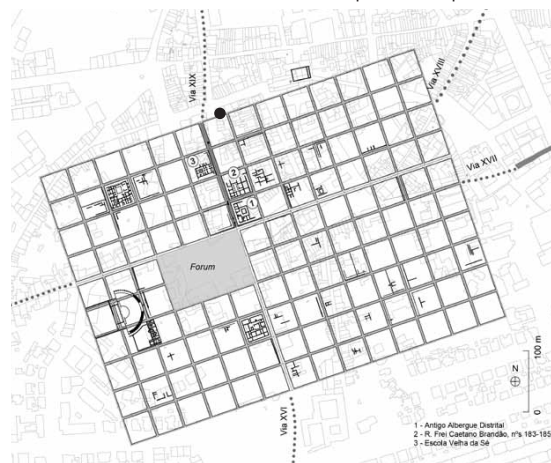


Fig.1 Malha urbana de Bracara Augusta no Alto Império.

1 FEIO, Alberto (1984) - *Coisas Memoráveis de Braga*. Braga, Universidade do Minho, B.P.B, Pub. p.98

2 BANDEIRA, Miguel Sopas de Melo (1984) - *O espaço urbano de Braga em meados do século XVIII: a reconstrução da cidade a partir do Mappa das Ruas de Braga e dos Índices dos Prazos das Casas do Cabido*. Porto: Edições Afrontamento. p.57

3 MARTINS, A. - *Castro Máximo, ou Monte de Castro*. Disponível em :<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73977/>

4 MARTINS, Manuela; RIBEIRO, Maria do Carmo Franco (2013) - *Em torno da Rua Verde. A evolução urbana de Braga na longa duração*. In *Evolução da paisagem urbana: transformação morfológica dos tecidos históricos*. Braga: CITEM e IEM. p.15

5 Imperador Romano mais conhecido por Marco Aurélio Antonino.

da Gallaecia⁶. Nesta época, Braga é o centro político e social de uma vasta área, por se localizar próxima de um rio navegável encontrando-se entre o final das cadeias montanhosas e o início das planícies litorais. Também a partir da cidade partiam cinco vias, que a destacavam na região como epicentro da rede viária do Noroeste.

Fixando-se no Alto da Cidade, supõe-se que não tenha procedido a um castro proto-histórico devido às condições topográficas. Desenvolveu-se segundo o modelo hipodâmico, orientado a NO/SE, configurando uma planta perfeitamente rectangular com uma área de cerca de 29.85Ha. Os seus eixos maiores correspondiam no sentido N/S ao cardo máximo com cerca de 461m, e orientado a E/O o decumano máximo com cerca de 650m. Actualmente, correspondem às Ruas do Conselheiro Jerónimo Pimentel e dos Bombeiros Voluntários e às Ruas de S. Sebastião e do Alcaide e ao Largo de Santiago, respectivamente. Estes dois eixos estruturantes cruzar-se-iam aproximadamente onde hoje se localiza o Largo de Paulo Osório, onde se situava o Fórum na época romana.

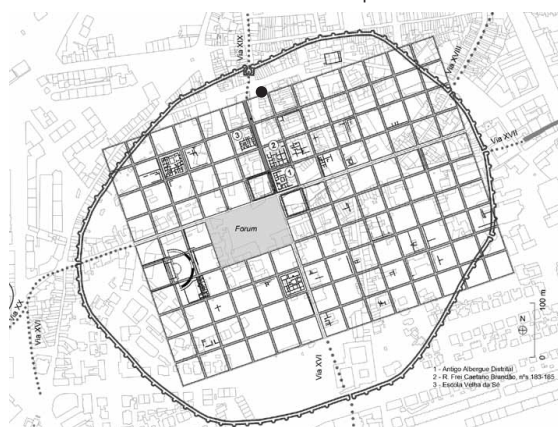


Fig.2 Malha urbana de Bracara Augusta no Baixo Império.

Apesar de nesta fase a cidade descrever o perímetro de um rectângulo sobre a colina da Cidade, a sua posterior evolução sobre as características próprias da topografia, conferiu à cintura final das muralhas romanas uma forma oval.

Embora tenha existido continuidade e coerência entre o urbanismo do alto e baixo-império romano, é durante o séc. IV que se “criarão as condições que irão influenciar o desenvolvimento de uma nova paisagem urbana que emerge e se afirma nos séculos seguintes”⁷. Isto é, a introdução e generalização do cristianismo, além de impacto cultural, trouxe alterações à cidade, tais como a construção da primeira basílica paleocristã, intramuros (séc. IV/ início V), reaproveitando um anterior edifício, no local onde mais tarde se erguerá a actual Sé Catedral.

O declínio do Império Romano e a chegada dos povos vindos do Norte da Europa trouxeram grandes alterações à urbe existente. Em 411, os Suevos tornaram Braga capital do seu Reino e em 585 sucedem-lhes os Visigodos após invasão e saque por Leovogildo. É neste período que a cidade adquire o estatuto de sede Primaz. Contudo, em “715 será destruída pela primeira horda árabe”⁸. Posto isto, segue-se um período de vários avanços e recuos de fronteiras, conquistas e reconquistas, que acabaram por deixar a cidade quase completamente destruída e abandonada. A presença dos muçulmanos não conseguiu quebrar o forte enraizamento eclesiástico e em 840 o Bispo Odoário, até então exilado em Lugo, reconquista a cidade e converte as suas

6 BANDEIRA, Miguel Sopas de Melo (1984) - *O espaço urbano de Braga em meados do século XVIII: a reconstrução da cidade a partir do Mappa das Ruas de Braga e dos Índices dos Prazos das Casas do Cabido*. Porto: Edições Afrontamento. p.58

7 MARTINS, Manuela; RIBEIRO, Maria do Carmo Franco (2013) - *Em torno da Rua Verde. A evolução urbana de Braga na longa duração*. In *Evolução da paisagem urbana: transformação morfológica dos tecidos históricos*. Braga: CITEM e IEM. p.19

8 OLIVEIRA, Eduardo Pires de; MOURA, Eduardo Souto; MESQUITA, João (1982) - *Braga : evolução da estrutura urbana*. Braga : C.M. (Estudos Bracarense). Catálogo de uma exposição, p.17

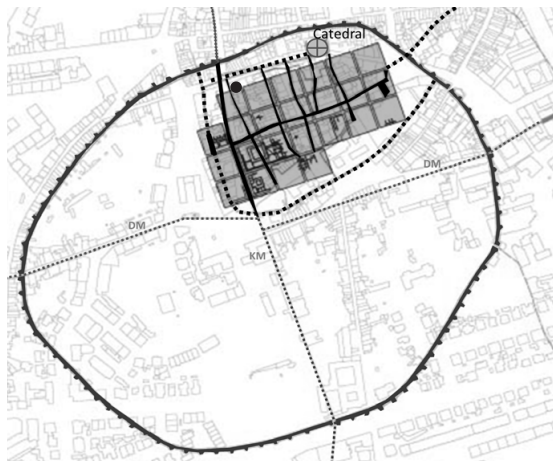


Fig.3 Alterações morfológicas de Braga na Alta Idade Média.

terras em propriedade da sua igreja. Por estes motivos, mais tarde, D.Henrique confirma “o estigma de influência da Igreja local, ao doar o senhorio de Braga ao seu Arcebispo”⁹, acto renovado/confirmado pelo seu filho D.Afonso. A partir deste momento os denominados Príncipes-Arcebispos ficam responsáveis pela evolução da cidade até ao séc.XVIII.

O acto simbólico de consagração da Sé Catedral, em 28 de Agosto de 1089, marca o nascimento da Braga medieval, pois o “centro vital da cidade consolida-se em torno da Sé, recriando uma nova cidade antagónica à já então imemorial Bracara Augusta”¹⁰. É no período de D. Henrique de Borgonha que este novo pólo se vai afirmar com o surgir de uma cintura de muralhas mais tarde reforçadas por D. Dinis e D. Pedro.

Nesta deslocação do centro da cidade, a Sé passa a definir um espaço de intersecção entre os traçados das muralhas romana e medieval, espaço este designado de núcleo duro de Braga, localizado a sudoeste e popularmente conhecido por Bairro das



Fig.4 Intercepção da cidade romana e medieval.

Travessas, que foi mutuamente influenciado pela ocupação romana e medieval.

É nesta zona da cidade, coincidente com a parte N/E da anterior cidade romana que se insere o edifício em estudo e onde, por pregorrativa do senhorio “virão a instalar-se os ofícios e os mesteres, os mercadores, os clérigos e os homens de leis, a criadagem do Paço e até uma Judiaria”¹¹.

Nesta fase, não se assiste a um crescimento, mas antes a uma reorganização interna da cidade, sendo o Palácio dos Arcebispos o único edifício de vulto erigido. Separado pelo eixo definido pela Rua do Souto, a norte da Sé, este palácio situa-se num lado da cidade desprovido de construções, onde se encontram as hortas e as quintas do Arcebispo, espaços estes que no futuro se virão a comprovar vitais na evolução da cidade. Para além da centralização junto da Sé, novos focos começaram a surgir fora da muralha, tais como S.Victor, S.Vicente e Maximinos. Tendo sido destruídos durante as guerras de D.Fernando com os Espanhóis,

9 BANDEIRA, Miguel Sopas de Melo (1984) - *O espaço urbano de Braga em meados do século XVIII: a reconstituição da cidade a partir do Mappa das Ruas de Braga e dos Índices dos Prazos das Casas do Cabido*. Porto: Edições Afrontamento. p.58

10 Idem p.60

11 Idem, Ibidem.

estes focos foram reconstruídos e revelaram-se futuros pontos de crescimento da cidade que se estenderia sobretudo em direcção ao litoral e Guimarães.

No séc. XVI, Braga fica estrangulada entre muros, o que origina a introdução de grandes alterações à mão de D.Diogo de Sousa que, com formação obtida em Florença e Roma, reorganiza a cidade segundo os novos conceitos do renascimento, mas dando continuidade à sua função de entreposto comercial e administrativo. É com o Príncipe-Arcebispo que a cidade começa a ser projectada para além das muralhas e as suas infra-estruturas melhoradas. Uma mudança significativa foi a reconstrução em pedra da maioria dos edifícios. Outra foi a abertura de portas para os novos campos (espaços desafogados de onde partiam ruas para fora da cidade) que foram ligados entre si por novas ruas “cujas grandes linhas orientadoras ainda hoje subsistem”¹². Isto foi fruto de “uma nova mentalidade que se queria mais desafogada e moderna”¹³, ilustrando claramente as ideias urbanísticas renascentistas e respondendo às crescentes necessidades de tráfego.

Neste período as freguesias extramuros conhecem um forte surto expansionista. O abastecimento de água à cidade é reorganizado e surgem os primeiros hospitais. Durante os próximos três séculos foram-se ocupando os espaços circundantes dos novos campos assim como novas edificações se encostaram ou lado exterior da muralha.

Pode-se afirmar que as intervenções de D.Diogo permitiram tanto a consolidação



Fig.5 Mapa de Braunio - 1598

do centro medieval como delinear a estrutura que a cidade viria a conservar até ao final da primeira metade do séc.XIX. Sem a sua cintura de Campos seria impossível “entender a manutenção da superestrutura radiocêntrica nesta época, em simultâneo com a preservação da muralha medieval. Digamos que este anel de praças actuava como espaço de descompressão, permitindo a manutenção do crescimento linear já estabelecido”¹⁴.

Entre 1532-1725, o período da designada contra-reforma, a população da cidade aumentou a com entrada de frades e freiras. Neste contexto, surgiram em quantidade conventos, recolhimentos, capelas e igrejas. A nível urbano procedeu-se à ocupação lenta dos espaços abertos por D.Diogo, a que se juntou a abertura de novos arruamentos, tais como: a Rua da Misericórdia que faz a ligação directa entre a zona da Sé e o Campo da Vinha; em direcção a sul e à ponte dos Pelames, sobre o rio Este, foi aberta a rua do Infante (que pouco depois passaria a chamar se rua dos Pelames).

12 BANDEIRA, Miguel Sopas de Melo (1984) - *O espaço urbano de Braga em meados do século XVIII: a reconstituição da cidade a partir do Mappa das Ruas de Braga e dos Índices dos Prazos das Casas do Cabido*. Porto: Edições Afrontamento. p.62

13 OLIVEIRA, Eduardo Pires de; MOURA, Eduardo Souto; MESQUITA, João (1982) - *Braga : evolução da estrutura urbana*. Braga : C.M. (Estudos Bracarenses). Catálogo de uma exposição, p.25

14 BANDEIRA, Miguel Sopas de Melo (1984) - *O espaço urbano de Braga em meados do século XVIII: a reconstituição da cidade a partir do Mappa das Ruas de Braga e dos Índices dos Prazos das Casas do Cabido*. Porto: Edições Afrontamento. p.65

No séc.XVIII surge em Braga um novo gosto pela mão do Arquitecto André Soares, o Barroco. Da sua autoria são a Casa da Câmara, o ex-Palácio do Raio e a igreja da Falperra. Neste período a cidade denota grande crescimento a Norte, naquela que depois se viria a tornar a freguesia de S.Victor. Por esta altura o abastecimento de água começa a ser insuficiente levando à criação de um novo ponto de captura em Sete Fontes, sendo depois conduzida aos vários chafarizes existentes em todas as praças e a algumas casas mais abastadas. Nesta fase é também erigido o Palácio do Município em frente ao Paço Arcebispal, ao qual é acrescentada uma nova ala; o hospital de S.Marcos é reconstruído; e o convento do Pópulo é reedificado pelos dominicanos.

No decorrer do séc.XIX, após alguma estagnação a cidade volta a crescer, devido não só ao dinheiro vindo do Brasil como também ao aumento da actividade industrial. Em 1854, começa a ser construído um jardim público, na actual Avenida Central e nas suas imediações começam a surgir palacetes dos novos ricos Brasileiros, bem como a biblioteca, o liceu e, mais tarde, o Teatro de S.Geraldo (1860) e o Banco do Minho (1864). Estas transformações urbanas impõem uma nova centralidade na cidade, ou a sua deslocação da Sé para a Avenida Central, continuando a rua do Souto a mais comercial da cidade. É nesta década de grandes

alterações que surge a iluminação pública a gás; a remodelação das canalizações de água; e é concluído o edifício da Câmara Municipal. Em 1872, é construído o novo cemitério, e em 1875, chega o caminho-de-ferro, cujas estações, por estarem localizadas em extremos diferentes da cidade, levam à abertura de novas ruas que posteriormente serão ligadas por transportes públicos. No bairro das Travessas, a partir de 1865, é iniciado um programa de alargamento das suas ruas, que se prolongará até ao final do século. Em 1869, devido às crescentes necessidades, constrói-se o mercado coberto e, em 1884, o mercado do peixe. Na década de 80, é construído o monumental edifício da arcada, na Praça da República (Avenida Central), juntamente com a abertura do primeiro tramo da Avenida da Liberdade, o que veio confirmar que aqui se encontrava o novo centro de Braga.

No início do séc.XX, a cidade conhece um forte impulso, devido ao papel do Tenente Coronel Lopes Gonçalves. Com efeito, o seu mandato como presidente da câmara durou apenas dois anos, de 1913 a 1915, mas nesse período Braga passou a ter abastecimento de água ao domicílio; energia termoeléctrica; um novo sistema de transportes urbanos (os eléctricos); um novo mercado coberto; serviços municipalizados; e uma nova imagem nos seus jardins, devido aos melhoramentos que sofreram.



Fig.6 Mappa da Cidade de Barga Primaz - 1756/57 - André Soares

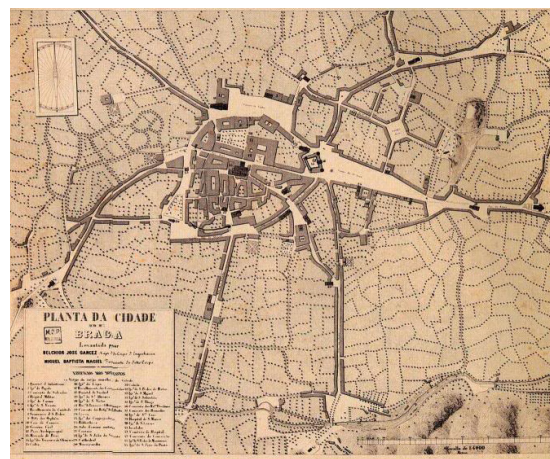


Fig.7 Planta do século XIX - Garcez e Maciel

É neste mandato que se começa a construir o novo hospital e o Teatro do Circo, mas o mais marcante foi a destruição do Passeio Público para transformação na actual Avenida Central. Em 1945, é elaborado um plano para a cidade pelo Belga De Gröer que não viria a ser respeitado continuando a cidade a crescer no sentido sul até que, em 1951, a Avenida da Liberdade chega até à ponte sobre o rio Este, tornando-se no principal acesso pelo sul (Guimarães) à cidade. Esta Avenida separava para Leste as escolas Carlos Amarante (1958) e Dona Maria II (1968), e para oeste uma área habitacional. A partir desta altura, sucederam-se os loteamentos e o alargamento do perímetro da cidade. Deslocados do centro da cidade foram construídos três bairros sociais, o Económico (1939), o da Misericórdia (1951 a 1956) e o da Alegria (1954). Posteriormente, o mercado foi deslocado para a actual Praça do Comércio e em 1961 é inaugurado o novo hospital no centro.

O pós 25 de Abril foi proveitoso para a cidade, na medida em que o planeamento urbano deixou de ser centralizado e passou para as autarquias, permitindo o início da sua verdadeira expansão. Em 1973, foi criada a Universidade do Minho que só se deslocou para as actuais instalações em 1983. Durante os anos 80, a autarquia promoveu a construção de várias urbanizações, entre elas o Fujacal e Carandá, que vieram dar resposta à falta de habitação, comércio e serviços. Ainda nos anos 80, surgiram o Complexo Desportivo da Rodovia; as Piscinas Municipais; o Parque de Exposições; o Pavilhão “Grande Nave”; e a Bracalândia.

Todavia, enquanto a cidade se desenvolvia e dilatava, grande parte do centro histórico, nomeadamente as freguesias da Sé e Cividade, acabou desprezado, resultando numa progressiva degradação do seu edificado e espaços públicos.

É ainda nos anos 80 que se inicia o processo de reabilitação do Centro Histórico, começando pela Praça da República e Campo da Vinha, onde se reduziu a circulação automóvel para benefício da pedonal e onde foram construídos parques subterrâneos. Ao mesmo tempo, um túnel que liga a nova variante à Avenida da Liberdade, passando pelo Campo da Vinha e Praça da República e respectivos parques subterrâneos. Este “gesto” visou acima de tudo retirar circulação automóvel das principais ruas da cidade medieval, onde se insere a rua do Souto, o que fez parte de uma estratégia de qualificação urbana e de dinamização do comércio tradicional.

A variante começada a construir também nos anos 80, iniciou-se pelo troço norte, na continuidade da Rua do Caires em Maximinos, passando, depois de completa, a circundar toda a cidade, fazendo ligação aos seus principais acessos. Nos anos 90, foi melhorada a circulação automóvel dentro da cidade, através da construção de novos túneis e viadutos que, em muitos casos, se vão articular com a nova variante. Embora esta variante de certa maneira delimite a cidade, não a conteve e, associado à sua construção surgiram grandes superfícies comerciais e novas urbanizações, tais como a de Lamações de Nogueiró, entre outras.

2.1.2 Classificação do Centro Histórico de Braga

Devido ao constante aparecimento de vestígios arqueológicos, que acabavam destruídos ou negligenciados nas intervenções, em “Abril de 1974 é decretada, pelo Ministério da Cultura Nacional, uma zona de protecção da cidade de Braga (...) classificada como «Imóvel de Interesse Público»”¹⁵. Esta zona de protecção compreendida pelo perímetro da cerca medieval e Romana, estendia-se a sul até à Avenida Imaculada Conceição e era limitada a poente e a nascente pelas Avenida Conde D. Henrique e da Liberdade, respectivamente.

Em Maio de 1979, ao perímetro correspondente às muralhas medievais é atribuído estatuto de “Área Crítica de Recuperação e Reconversão Urbanística” (ACRRU) e, em 1985, é formado o Gabinete Técnico Local (GTL). Em 1987, dá-se a institucionalização do “Projecto Municipal de Salvaguarda e Revitalização do Património Cultural Construído do Município de Braga” associado aos seguintes instrumentos: Gabinete de Salvaguarda e Revitalização (GSR, anterior GTL); Incentivos à salvaguarda e revitalização, como a isenção de pagamento de taxas municipais em obras de recuperação e o apoio técnico do GSR; Definição do Regulamento Municipal de Salvaguarda e Revitalização do Centro Histórico de Braga (RMSRCHB).

Com entrada em vigor deste novo regulamento assiste-se ao alargamento da área protegida, passando a incluir, para além da cerca Medieval e Romana, “o Campo da Vinha, a Rua da Boavista, Rua da Escoura, Palhotas/Rua de São Vicente, Campo Novo, Rua de São Domingues, Rua D. Pedro V, Largo

da Senhora-a-Branca/Avenida Central/Rua do Raio, Avenida da Liberdade/Granjinhos, Rua de S. Geraldo, Colina de Maximinos, Rua Cruz de Pedra, Rua Direita e o Campo das Hortas/Largo das Carvalheiras.”¹⁶

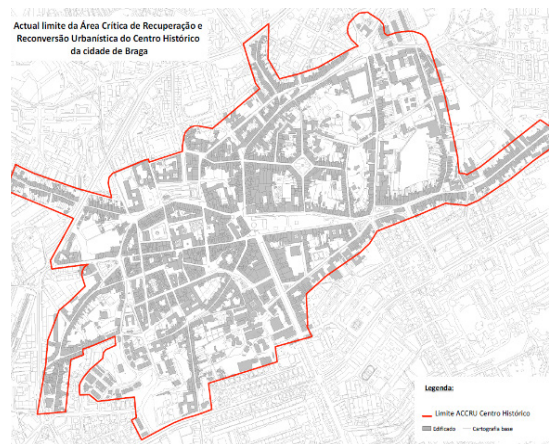


Fig.101 Planta com o limite da ACRRU

Em 1991, o GSR é inserido na estrutura orgânica da Câmara Municipal de Braga (CMB) passando a ser intitulado de Divisão de Renovação Urbana (DRU) e, em 1992, é constituído Gabinete de Arqueologia da CMB. Contudo, devido à progressiva degradação do edificado não inserido na ACRRU, esta mesma é alargada em 1996, passando a coincidir com os limites reacertados do RMSRCHB. No ano seguinte, é incluída nesta área o Sítio dos Galos, localizado na zona ribeirinha do Rio Este, por se tratar de uma zona pitoresca que se encontrava em mau estado.

É também a partir de 1996 que a autarquia começa a contar com ajuda de programas financeiros, designadamente do Programa de Reabilitação de Áreas Urbanas Degradadas; do Programa de Reabilitação Urbana (PRU) e PROCOM (Projecto Especial de Urbanismo Comercial).

15 MACEDO, João Braga (2003) - *Processos de reabilitação dos centros históricos : o centro histórico de Braga* ; Prof^a responsável Teresa Fonseca. - Porto : Faup. Pág.59

16 Idem. Pág.61

Em 1998, é alterado o RMSRCHCB devido à entrada em vigor do Plano Director Municipal (PDM), assim como à necessidade de o reajustar à evolução das questões sociais, económicas, culturais e urbanísticas. Este regulamento volta a ser alterado em 2007, com entrada em vigência do novo Regime Jurídico da Urbanização e Edificação (RJUE).

2.2 Abertura da Rua Frei Caetano Brandão e Construção do Palacete

A rua Frei Caetano Brandão (FCB) veio substituir “uma das artérias mais afectadas no processo de reorganização urbana (...) a Rua Verde, cujo traçado medieval, herdeiro do romano, foi praticamente todo alterado nos finais do século XIX.”¹⁷

A rua Verde, orientada no sentido N/S, partia da Postigo da Cidade (actual Largo Paulo Osório) e terminava na Rua dos Burgueses (actual rua Dom Paio Mendes), ligando-se aí com a rua da Sapataria que seguia até à Porta de S. Francisco (em direcção ao rio Cávado). Sabemos que, “Em meados do século XVIII, esta rua se encontrava dividida em duas: uma situava -se a norte da rua das Travessas, mantendo o nome de rua Verde, enquanto a outra, situada a sul, chamava-se Couto do Arvoredo.”¹⁸

Em 28 de Julho de 1890, por decisão camarária é criada a rua FCB cujo traçado e perfil mais regularizado, se sobrepõe à maioria do da rua Verde/Couto do Arvoredo. Este empreendimento foi construído em dois momentos: o primeiro à parte sul, que liga a praça Paulo Osório à rua DPM, permanecendo o tramo norte com a configuração medieval (como aparece representada ainda no Mapa de 1883/84 de Goullard); posteriormente a parte norte foi executada sobre a anterior rua da Sapateira, onde ainda se conservam alguns edifícios da época, no lado poente.

Em 1892, dá-se o prolongamento e alargamento da Rua das Travessas (actual D. Afonso Henriques) para poente, rompendo com a muralha Fernandina, onde actualmente se localiza o Largo das Carvalheiras, resultando na divisão física da rua Verde/FCB.

O estudo desta rua é para já o único elemento que permite fixar, o edifício em estudo, no tempo com alguma precisão levantando, simultaneamente, alguma problemática. Isto porque na análise ao mapa de Goullard (Fig.9) datado de 1883-1884, verifica-se o desenho do edifício em estudo e da Rua FCB, mas a rua só foi aprovada por decisão camarária a 28 de Julho de 1890. Isto implica que o levantamento, por parte de Goullard, já tivesse em conta futuras reformas a aplicar na cidade aprovadas posteriormente. Tendo em conta estes dados, é possível acertar que o edifício só pode ter sido construído a partir da data em que a rua FCB foi aprovada em 1890 e que, provavelmente, devido ao processo de expropriação e abertura da nova rua, só tenha sido construído nos anos seguintes.

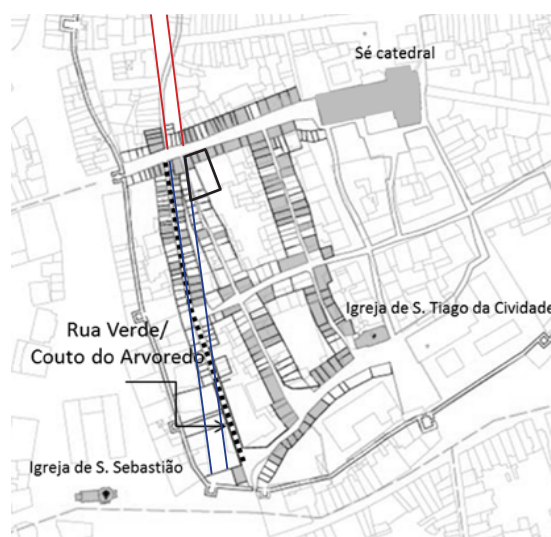


Fig.8 Planta de Braga no século XVIII com parcelamento (Fontes: MRB e Índice dos Prazos das Casas do Cabido).

Legenda:
— Primeiro momento abertura RFCB
— Segundo momento abertura RFCB
— Palacete

17 MARTINS, Manuela; RIBEIRO, Maria do Carmo Franco (2013) - *Em torno da Rua Verde. A evolução urbana de Braga na longa duração*. In *Evolução da paisagem urbana: transformação morfológica dos tecidos históricos*. Braga: CITEM e IEM. p.36/37

18 Idem p.35



Fig.9 Planta n.15 do Levantamento de F. Goullard de 1883 -84 (Palacete demarcado a cinza)

Um outro elemento que permite perceber melhor a localização do edifício é o Mappa das Ruas de Braga, executado a mando do cabido, em 1750, “numa época de reorganização administrativa da Sé de Braga.”¹⁹

Trata-se de um levantamento em que “servindo-se do traçado das 70 ruas então existentes e da sua orientação geográfica, o Padre Ricardo da Rocha desenhou, com grande minuciosidade, as 4064 casas nelas implantadas, incluindo assim, não só 1673 casas foreiras ao cabido de Braga, como também casas dízimas a Deus, igrejas,

mosteiros, capelas, fontes, portais, pontes, cruzeiros e ainda outras casas foreiras a diversas entidades.”²⁰

A análise da rua de Maximinos lado sul (actual DPM) (fig.10), onde se localiza o edifício em estudo, permite-nos verificar a existência da rua Verde e rua das Chagas que actualmente é interceptada pela rua FCB um pouco antes do gaveto, assim como os números dos foros do cabido existentes. Tendo em conta este mapa pode-se afirmar que o edificado demolido para a abertura da rua pertencia ao cabido.



Fig.10 : Rua de Maximinos (actual Rua D. Paio Mendes) - Fonte: Mappa das Ruas de Braga - 1750.

19 VASCONCELOS, Maria da Assunção Jácome de Vasconcelos - Braga Revisitada 1750. *O Livro do Mapa das Ruas de Braga de 1750*. Disponível em: <http://www.bragavirtual.com/index.php?lang=pt§ion=mappa> (consultado a 16-08-2016)

20 idem

2.2.1 Palacete da Rua D. Paio Mendes

O palacete em estudo, terá sido construído a partir de 1890. Informações relativas ao proprietário original e ao arquitecto são desconhecidas. As únicas que obtive através do arquitecto Tiago do Vale, sediado no chalé anexo à torre (reabilitada por ele mesmo em 2013), foi que o palacete terá sido construído aquando da abertura da rua Frei Caetano Brandão, a mando de um português endinheirado e emigrado no Brasil, que estaria de regresso a Portugal.

O processo do edifício, na CMB só contém informação de dois pedidos de licenciamento, datados de 2004 e 2005, para uma habitação plurifamiliar e um hotel, respectivamente. No Arquivo Municipal da CMB, só é possível obter-se informações posteriores ao ano de 1950, à excepção dos mapas medievais e do levantamento de Goullard, apresentados no capítulo anterior. De qualquer maneira, não existem quaisquer informações sobre o palacete.

Em posterior visita à Conservatória do Registo Predial de Braga, verificou-se que a primeira escritura data de 9 de Julho de 1943, e quase todas as posteriores se tratam de hipotecas sobre empréstimos feitos pelos proprietários José Joaquim Lopes Cardoso Guimarães e Eduardo Martins Quelhas Lima, a terceiros. Em 2003, é adquirido pela sociedade Natália & Raquel, Lda, da qual resultam os dois projectos (de 2004/05). De seguida, o palacete é hipotecado resultando na perda de muitos elementos que foram retirados pelas proprietárias, ficando na posse de J.Manuel Gonçalves, SA, fiador das anteriores proprietárias.

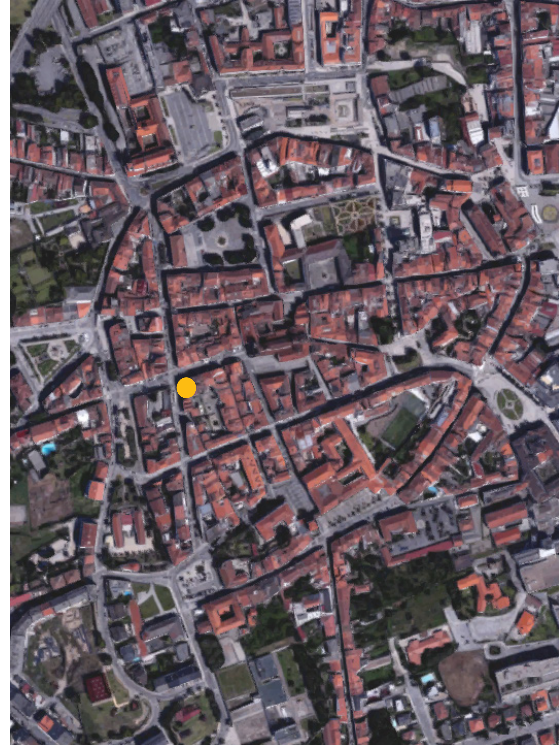


Fig.11 - Enquadramento do Palacete no Centro Histórico

Este palacete com frente para a rua D. Paio Mendes e Frei Caetano Brandão, conforma um gaveto, com uma área de implantação de 370m², e uma área bruta total de 1160m², distribuída em quatro pisos: rés-do-chão 326m²; meio piso 212m²; primeiro piso 331m²; e segundo piso/águas furtadas 291m². Segundo o Arq. Tiago do Vale, os três chalés justapostos ao palacete seriam anexos do mesmo.

Este edifício encontrava-se em 2003 dividido em dois fogos. Apesar de, neste momento, se encontrar em mau estado e alguns compartimentos já terem aluído, a análise realizou-se em torno dessa informação.

O acesso ao palacete faz-se pela rua D. Paio Mendes, acedendo ao átrio, no rés-do-chão, que precede a escadaria central, a eixo do edifício. Neste piso existem ainda quatro compartimentos voltados para as ruas, que nos últimos anos de uso corresponderiam a uma mercearia; e uma cave que acompanha a parede de meação até ao tardo, onde por duas aberturas, se acede ao pátio inglês. Este está ligado à cota do logradouro por uma

escada em caracol. Pela cave pode-se ainda aceder ao compartimento sob a escadaria principal e passando por debaixo da torre, ao acesso da rua Frei Caetano Brandão. Do rés-do-chão arrancam duas escadas para o meio piso, uma do lado esquerdo da principal e outra do lado direito, estas depois dão acesso às escadas que ligam todos os pisos, correspondendo cada uma a um dos dois fogos.

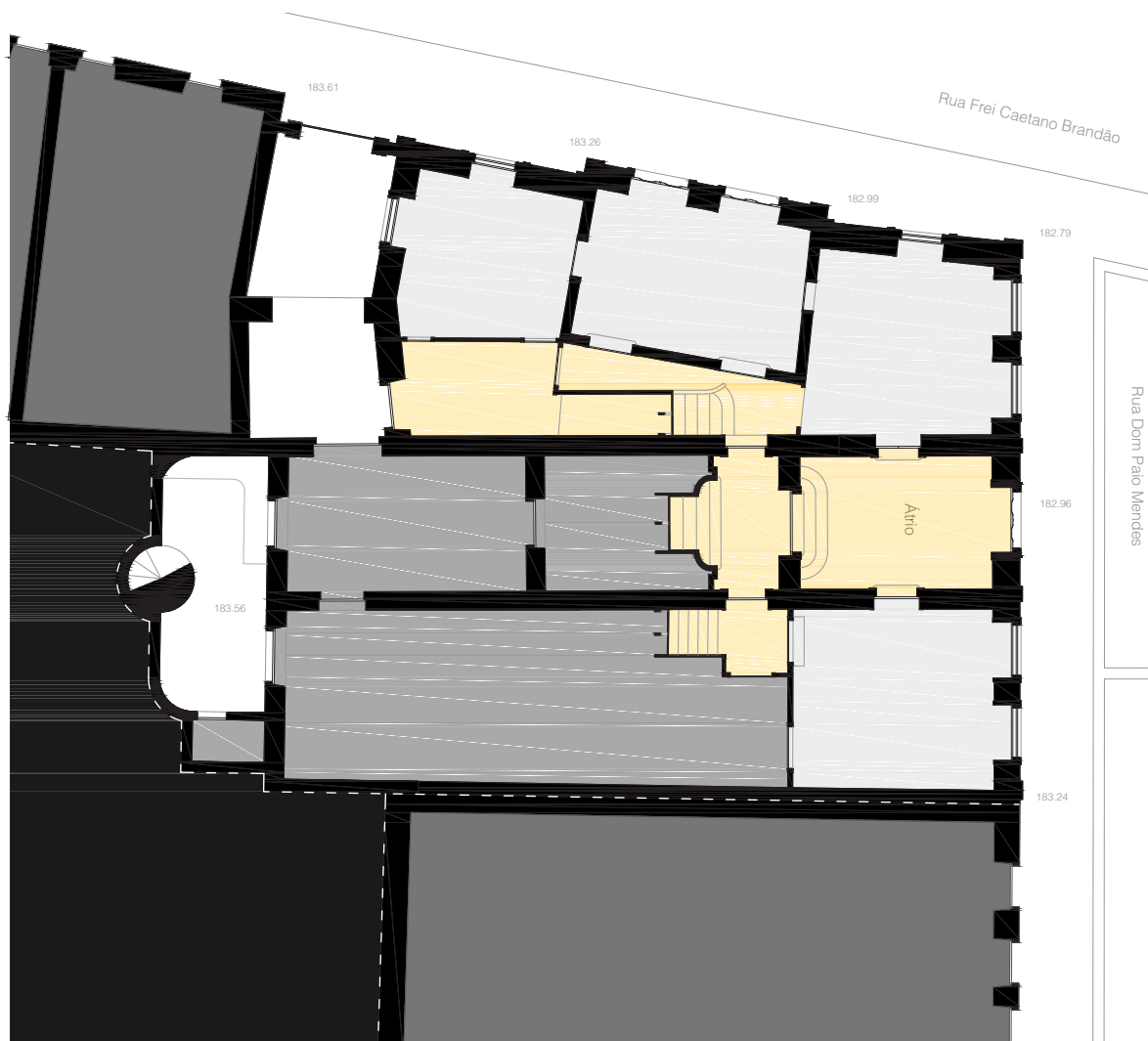


Fig. 12 Planta do rés-do-chão - escala 1:200

Legenda:

- Circulação
- Comércio
- Cave

O meio piso, está em relação directa com a cota do logradouro, característica que lhe confere um pé-direito muito baixo (2.13m). Acedendo pela escada do lado direito, existem quatro compartimentos; dois entre a parede de meação e a escadaria, que deveriam pertencer à mercearia, por terem acesso e relação visual directa; os outros dois são voltados para o logradouro, sendo que um deles seria a cozinha, pela existência

de chaminé e pelo revestimento a azulejos. Subindo pela escada do lado esquerdo chega-se a um patamar que permite o acesso: ao compartimento voltado para a rua Frei Caetano Brandão; à escada para o piso superior; e à cozinha e sanitário sob a torre, onde é possível ver o arco desta.



Fig. 13 Planta do meio piso - escala 1:200



Legenda:

- | | |
|--------------------|---|
| Circulação | |
| Comércio | |
| Habitação esquerda | |
| Habitação direita | |

No primeiro piso é onde está mais perceptível a divisão dos fogos, um primeiro (o direito), compreendido entre a parede de meação e o limite esquerdo do núcleo central; e um segundo (o esquerdo), entre o núcleo central e a fachada da RFCB. A torre, onde estão localizados os sanitários, é partilhada pelos dois fogos, acedendo o direito pela varanda e o esquerdo pelo interior. Neste piso, ao fogo direito, correspondem quatro

compartimentos: um salão mais pequeno a eixo da escadaria; o salão maior do lado direito; e dois compartimento abertos entre si, voltados para o tardoz. Ao fogo esquerdo corresponde um salão mais pequeno no gaveto e um maior mas de inferior qualidade de interiores, no enfiamento do alçado.

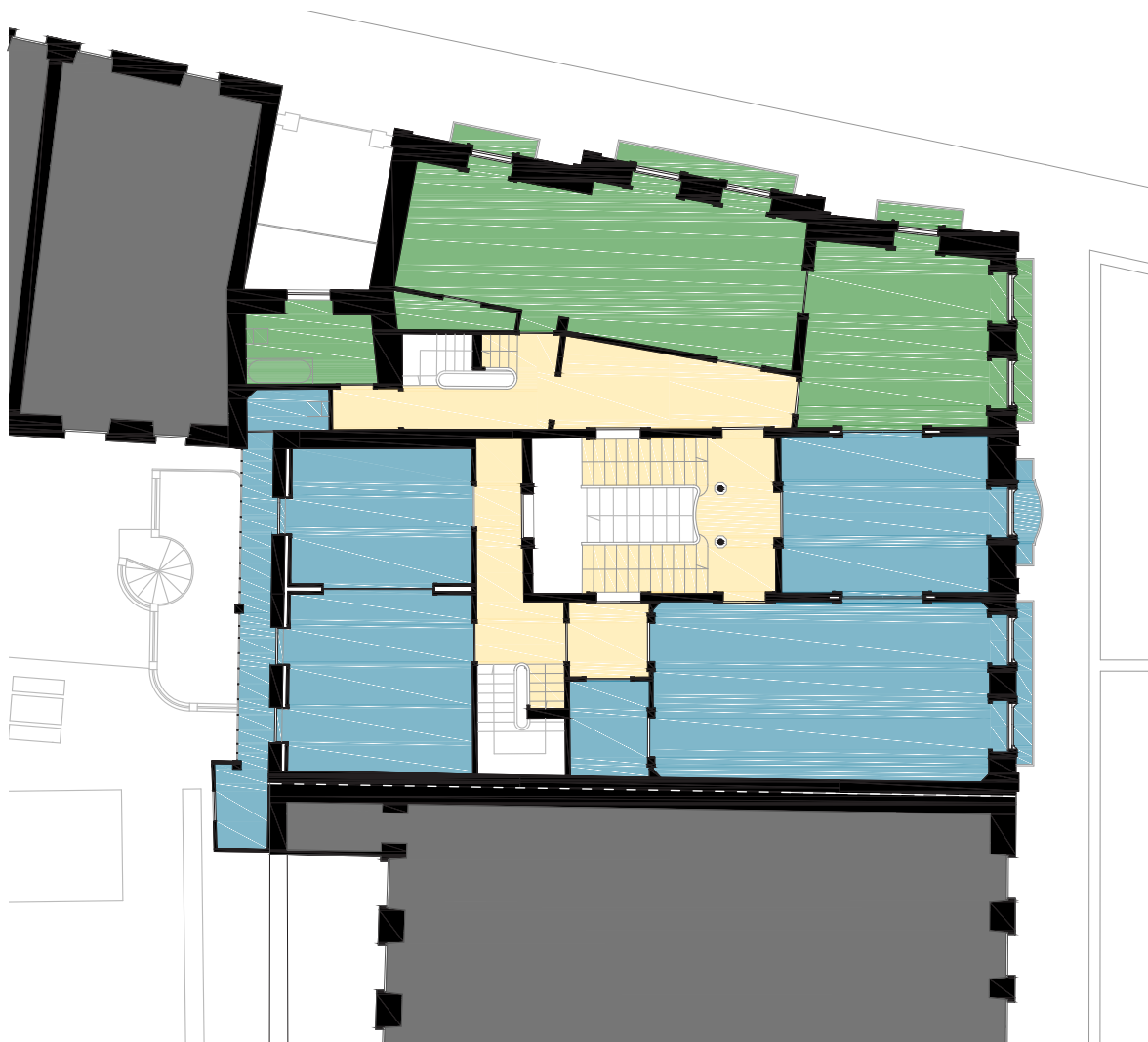


Fig.14 Planta do primeiro piso - escala 1:200

Legenda:

Circulação	■
Habitação esquerda	■
Habitação direita	■

No segundo piso, o fogo esquerdo, tem dois compartimentos voltados para o tardo com acesso à torre pela varanda. Este compartimento da torre, supõe-se que também fosse um sanitário e que lá existisse acesso ao último piso da torre contudo, não foi possível confirmar devido ao aluimento da escada de acesso. Subindo mais um lanço de escadas, existem mais dois compartimentos voltados para o alçado principal e uma

capela com arrecadação. O compartimento no enfiamento do núcleo central dá acesso à varanda, 1.10m acima da cota do sobrado. Ao fogo esquerdo, correspondem quatro compartimentos, três à cota superior e um à cota dos compartimentos do fogo direito, no tardo. Existia ainda um passadiço que ligaria à torre, mas a passagem encontra-se encerrada. A galeria da escadaria principal penso que seria de uso comum.



Fig.15 Planta do segundo piso - escala 1:200

Legenda:

Circulação	■
Habitação esquerda	■
Habitação direita	■



Fig. 16 Alçado rua Frei Caetano Brandão - escala 1/200

Quanto aos alçados, observamos que a fachada da RFCB, é composta por dois estratos horizontais divididos em três planos verticais. Devido à forma do lote, esta fachada adapta-se e gera uma torção, criando uma diagonal em relação às restantes direcções ortogonais da casa, que regem o desenho em planta. Mesmo não sendo a fachada principal, o alçado é trabalhado nesse sentido devido ao confronto com a rua, que lhe atribui destaque.

O plano central do alçado é realçado através de uma ligeira saliência em relação aos demais. O uso de um frontão vem realçar esta saliência e destacar a simetria do alçado. Encaixa no frontão uma alta platibanda que envolve todo o conjunto. Platibanda esta, marcada pontualmente por seis balaústres completos e duas metades que marcam o centro e a localização dos vãos nos dois planos verticais que encostam ao plano central. O frontão assenta num entablamento simples,

suportado por pilastras, também estas muito simples, sem nenhuma ordem aparente. Janelas altas marcam a verticalidade do conjunto.

A divisão dos dois estratos presentes no alçado é marcada por um pequeno lambrim que é trespassado pelos vãos das janelas e de onde se salientam varandins decorados com guardas de ferro. O piso térreo é igualmente marcado pela presença de um pequeno lambrim que cinta todo o conjunto que é também trespassado pelos vãos da casa.

As janelas são emolduradas em pedra de trabalho simples, apresentando pequenas decorações florais no piso superior. No piso térreo os vãos não têm a presença de decoração floral, no entanto a falsa pedra de fecho no arco da moldura do plano central, prolonga-se até tocar no varandim. Os restantes vãos têm só uma pequena falsa pedra de fecho.

Frontão - Peça que coroa a parte superior das portas e janelas, ou que coroa a entrada principal de um edifício.

Balaústre - Colunelo ou pequeno pilar que, geralmente com outros, sustenta um peitoril ou corrimão (Balaustrada).

Entablamento - Conjunto de molduras que coroam uma parede ou colonata na fachada de edifício, constituído por arquitrave, friso e cornija.

Pilastra - Pilar fundido numa parede; elemento normalmente de cantaria aparelhada, vertical e saliente de uma fachada.

Estrato - Divisão ou camada de uma estrutura.

Lambrim - Faixa que reveste o plano inferior da parede com intuito de a proteger ou realçar.

Misula - Tipo de peça resistente, com forma de base triangular, saliente de parede vertical, com a função de servir de apoio a uma cornija, arco ou varanda.



Fig.17 Alçado rua D. Paio Mendes - escala 1/200

A fachada da RDPM é da mesma forma, composta por 2 estratos horizontais divididos em 3 planos verticais, no entanto o destaque do plano central em relação aos outros, é completamente diferente da fachada descrita anteriormente. O plano central não é saliente em relação aos restantes e não é marcado por dois vãos, mas por um só, assim como por uma saliência na zona da platibanda, onde é inserida uma janela oval ornamentada, relembrando um óculo e conferindo um carácter de fachada principal ao conjunto. À semelhança da fachada da RFCB, apresenta uma alta platibanda marcada por balaustres no eixo dos vãos dos planos laterais ao plano central.

Há uma repetição do entablamento e dos lambrins por todas as fachadas da

casa, assim como das pilastras que marcam a divisão da fachada em planos verticais e de varandins salientes nos vãos do andar superior.

De forma a dar destaque ao plano central, as janelas têm uma altura maior em relação aos restantes, e uma decoração mais exuberante conferindo-lhes mais importância. Da mesma maneira que o varandim da janela do piso superior é falsamente suportado por uma mísula decorativa.

Observa-se também, que as janelas do piso superior são mais ornamentadas, para além da moldura do vão é acrescentada uma cornija simples no cimo dos vãos das janelas dos planos laterais e um desenho de cornija mais elaborado no vão central.



Fig.18 Alçado Tardoz - escala 1/200



Fig.19 - Alçado Tardoz

O alçado tardoz, entalado entre a torre e o edifício seguinte, é claramente assumido como “traseiras” em relação aos restantes. Apresenta um desenho muito simples e está bastante descaracterizado com o acréscimo de um pequeno anexo, de uma marquise na varanda do primeiro piso e do encerramento da varanda do segundo piso com uma parede de alvenaria. De notar a dimensão das mísulas que suportam as varandas à cota do logradouro e do primeiro piso.



Fig.20 - Enquadramento do Gaveto



Figura 21 e 22 - Data desconhecida

Levantamento Fotográfico de 2003



Fig.23, 24, 25 - Porta do Átrio e Escadaria Principal



Fig.26, 27, 28 - Colunas e Janela da Escadaria Principal



Fig.29 Porta Sala a eixo da Escadaria Principal



Fig.30 Candelabro Salão Principal

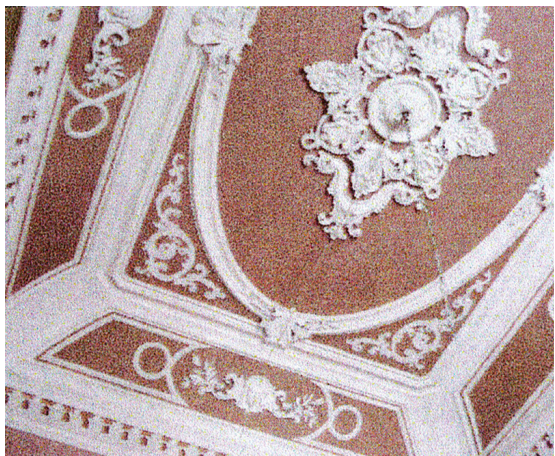


Fig. 31 Tecto Sala a eixo da Escadaria Principal



Fig.32 Tecto Salão Principal

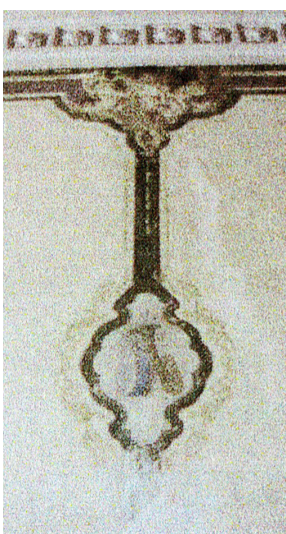


Fig. 33, 34, 35 - Pormenores do Salão Principal

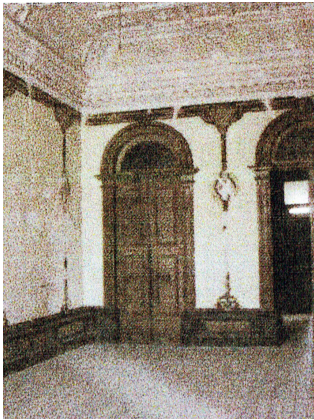


Fig. 36 Salão Principal



Fig. 37 Salão Principal



Fig. 38 Escadaria Principal



Fig. 39, 40 Corredor e escadas do segundo piso



Fig. 41 Porta Galeria



Fig. 42 Clarabóia Principal



Fig. 43 Clarabóia Escadas

2.3 Intervenções no Centro Histórico de Braga

Quarteirão de Intervenção Prioritária - Praça António Losa e Edifício Envolvente



Fig.44 Interior do Quarteirão pré-intervenção



Fig.45, 46 Interior do Quarteirão pré-intervenção



Fig.47 Interior do Quarteirão pós-intervenção

O quarteirão onde se insere o edifício objecto deste estudo fica compreendido entre as Ruas Gualdim Pais, a nascente; D. Paio Mendes, a norte; Frei Caetano Brandão e das Chagas, a poente; e D. Afonso Henriques, a sul.

Foi alvo de intervenção por parte da CMB em dois momentos. O primeiro, em Setembro de 1986, realizado pelo GTL, previa a construção de um parque de estacionamento subterrâneo inserido no interior dos seus logradouros, deixando à superfície um espaço público. Para aceder a esta praça eram propostos dois acessos, um pedonal pelo R/C de um edifício na Rua D. Paio Mendes; outro pelo largo das Chagas para acesso ao parque em que se propunha a demolição de um edifício. Este projecto não teve seguimento devido à impossibilidade de se realizarem as escavações na sequência do aparecimento de vestígios arqueológicos, deixando o espaço numa situação expectante. No segundo, entre 1988 e 1992, a CMB reabilitou cinco dos edifícios mais degradados do quarteirão com o intuito de “manter a população residente e as funções dos mesmos, ou seja, comércio no r/c e habitação nos restantes pisos.”²¹ Tendo para isso a CMB adquirido os imóveis, onde depois de reabilitar, realojou os inquilinos.

Em 1998 o processo é reaberto pelo DRU, sendo apresentado um novo projecto financiado pelo PRU, para o interior do quarteirão, composto por logradouros, separados por muros de granito em ruínas,

21 FREITAS, Ricardo Jorge Pombal Caetano de (2010) - *Reabilitação e revitalização urbana : a consciência dos valores do património como indutora de recuperação integrada da cidade histórica*. Dissertação de mestrado em metodologia de intervenção no património arquitectónico da FAUP (MIPA). p.85

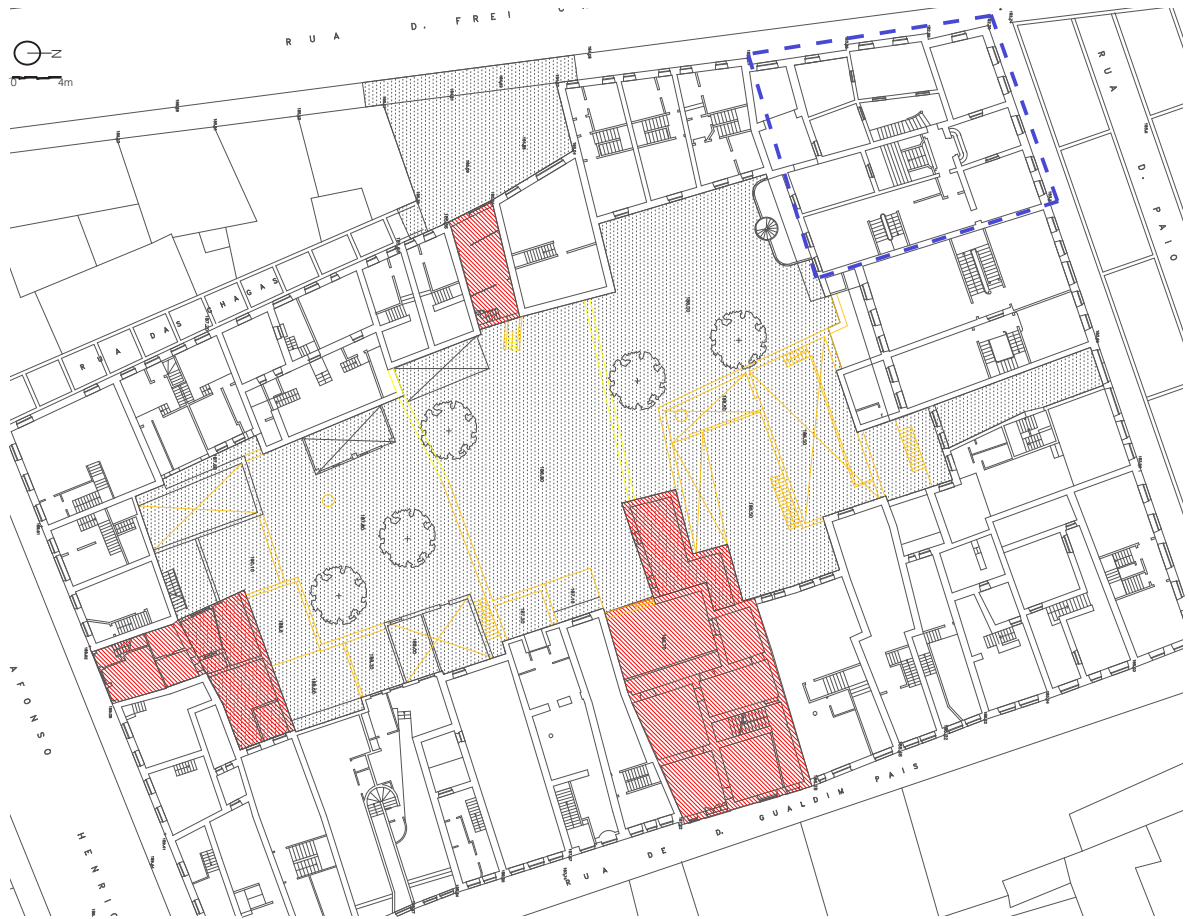


Fig.48 Levantamento Quarteirão

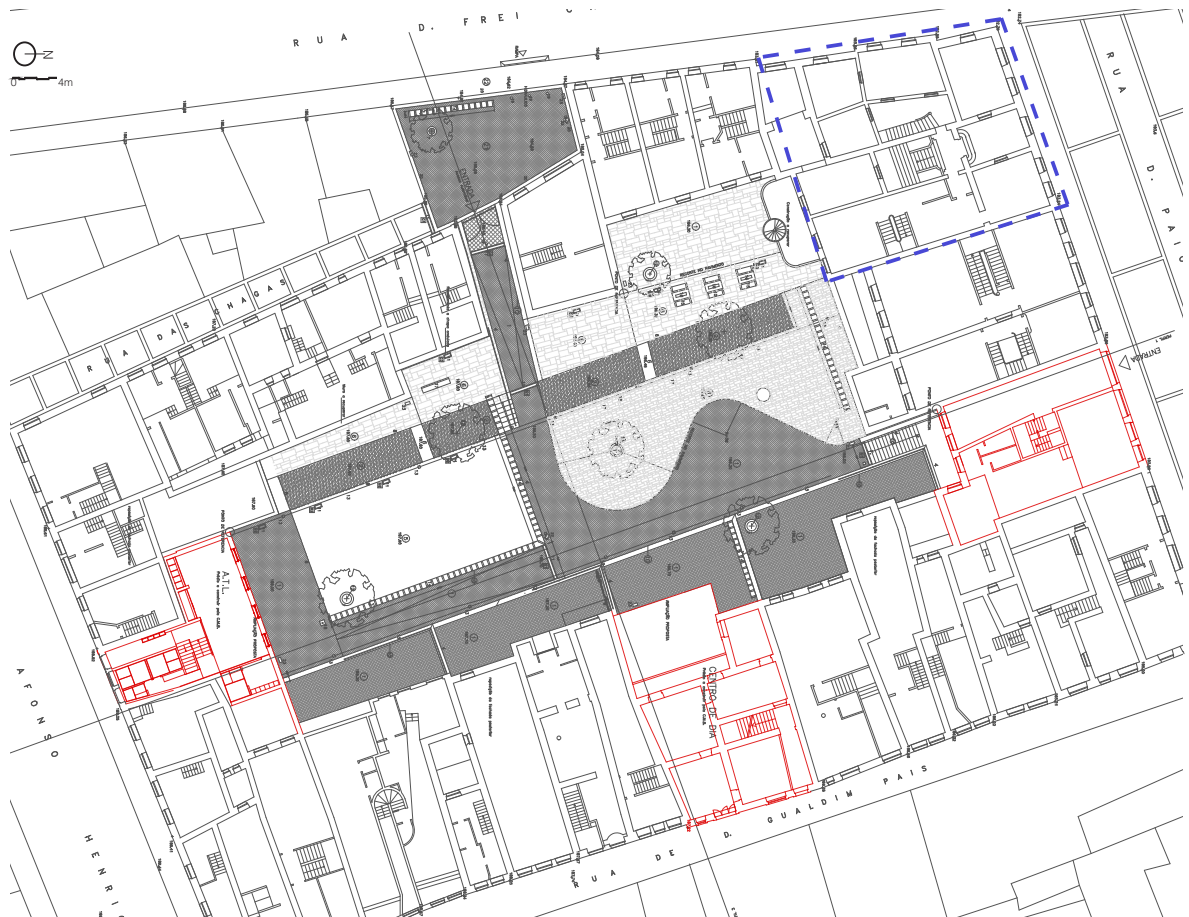


Fig.49 Projecto Intervenção Quarteirão



Fig.50 Perfil transversal da Intervenção 0 4m

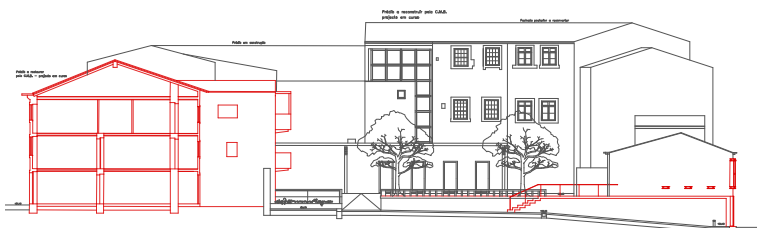


Fig.51 Perfil transversal da Intervenção 0 4m



Fig.52 Acesso automóvel ao interior do quarteirão alçado - esc. 1/200

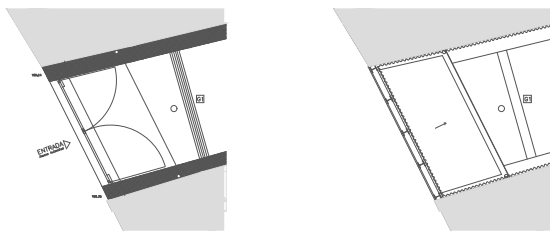


Fig.53-54 Acesso automóvel ao interior do quarteirão Plantas - esc. 1/200

com anexos clandestinos e num estado geral de abandono. Com a impossibilidade de construir o parque de estacionamento subterrâneo, manteve-se a intenção de criar um espaço público de utilização polivalente.

O acesso a este espaço far-se-ia a norte e poente pelos acessos da proposta

anterior, aos quais se acrescentariam mais dois a sul e a poente, pelo r/c do ATL e centro de dia, respectivamente. Estes dois edifícios também foram adquiridos e reabilitados pela CMB. Este espaço só tem carácter público durante o dia sendo que à noite são encerrados os acessos do Largo das Chagas e Rua D. Paio Mendes, passando o espaço a ser acedido só pelos residentes.

Em relação ao espaço público em si, a solução apresentada “com características próximas às de um jardim público (...) assenta na configuração de duas grandes plataformas que regularizam as cotas altimétricas dos logradouros preexistentes (...) Estas plataformas permitem ainda o prolongamento dos espaços comerciais para o interior do quarteirão, nomeadamente a possibilidade de montar pequenas esplanadas ou espaços de exposição ao ar livre.”²² A ligação entre as plataformas é feita através de uma rampa, sendo o tratamento do espaço efectuado com diferentes pavimentos e o granito das demolições será reutilizado nos muros. São também conservadas algumas das árvores existentes (Fig.47).

22 DRU (1999) - Memória descritiva do projecto, Braga.

2.4 Análise à legislação

Para a formulação de uma proposta coerente e realística foram consultados o Plano Director Municipal de Braga, o Regulamento Municipal de Salvaguarda e Revitalização do Centro Histórico da Cidade de Braga, o Regulamento Geral das Edificações urbanas (RGEU) e respectivo Regime Excepcional para a Reabilitação Urbana (RERU) e o

material/documentação disponível na secção de apoio à prática do site da Ordem dos Arquitectos (SRN). A legislação que será abordada de seguida, vai focar os parâmetros que estão mais directamente relacionados com o edifício em estudo, na medida em que condicionaram a proposta tanto a nível formal como programático.

Instrumentos de planeamento que enquadram o caso de estudo

1. Instrumento - Plano Director Municipal de Braga

No que toca à legislação corrente da Câmara Municipal de Braga (CMP), o Plano Director Municipal de Braga (PDMB), o edifício em estudo, encontra-se situado na Unidade Operativa de Planeamento e Gestão (UOPG) 14, correspondente ao Centro Histórico (fig.101). Esta versa “sobretudo a defesa do vasto espólio patrimonial, a articulação das diversas funções, o equilíbrio do espaço construído com um espaço público (...)”²³ e encontra-se ao abrigo do Regulamento Municipal de Salvaguarda e Revitalização do Centro Histórico da Cidade de Braga (RMSRCHB), ao abrigo do Programa Estratégico de Reabilitação Urbana do Centro Histórico de Braga (PERU).

O PDMB tem como premissa três Domínios estratégicos: Braga, um concelho que queremos visitar; Braga, um território para investir; e Braga, rumo à centralidade Ibérica. Estes domínios focam diversos pontos, passando de seguida a enunciar

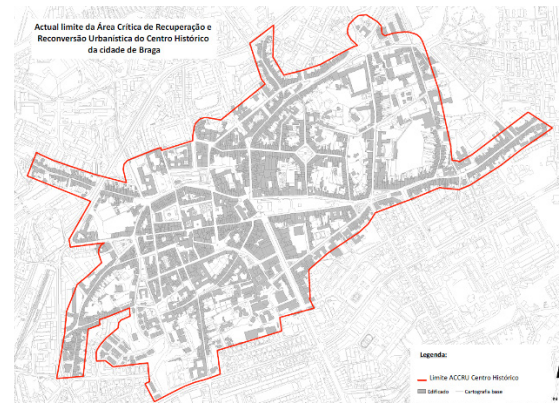


Fig.101 Planta com o limite da ACRU

os que se podem relacionar com o edifício em estudo. O primeiro domínio visa a fomentação da vertente turística como factor de desenvolvimento urbano e a incorporação de estratégias de preservação e valorização do património. O segundo, procura promover a atracção de empresas do concelho, assim como parcerias e complementaridades entre empresas locais públicas e privadas, tanto da área técnica, como na da formação. O terceiro visa reforçar a vertente histórica, cultural e turística da cidade.

²³ Programa de Execução e Plano de Financiamento do PDMB – p.8

Estas intenções são reforçadas no PERU, pois nos objectivos formulados para o CH são igualmente destacadas, “as condições que o processo de reabilitação virá a permitir em termos de requalificação e de afirmação dos produtos turísticos do concelho, nomeadamente, o turismo religioso e o turismo cultural e de animação urbana, e o seu contributo para fomentar o investimento turístico”²⁴; assim como a importância de

procurar oferecer no CH as condições necessárias para a localização de empresas em articulação com equipamentos ao nível da educação e formação e a pertinência do reforço da actividade cultural no sentido de tornar o CH “num espaço de forte identidade cultural e atractivo para a instalação de actividades artísticas e criativas e para as práticas e consumos culturais e criativos”²⁵.

2. Instrumento - Regulamento Municipal de Salvaguarda e Revitalização do Centro Histórico de Braga

Quanto ao RMSRCHB, os seus objectivos gerais apontam à conservação e revalorização dos edifícios e conjuntos de edifícios relevantes, no sentido de preservar a imagem do Centro Histórico (CH), assim como para reforçar o seu sentido urbano; e à promoção de uma melhor integração do CH no desenvolvimento da cidade. Dois pontos importantes no seu eixo estratégico são: a revitalização económica e social centrada em sectores baseados no conhecimento e criatividade; e a Inovação (tecnológica) ao nível da reabilitação do edificado e das infra-estruturas e serviços urbanos.

No que toca às condicionantes, às obras de restauro, reabilitação, alteração, ampliação, reconstrução e construção de raiz, o artigo 17º, do VI capítulo, do regulamento, dita:

“1. Os projectos de restauro, reabilitação, alteração, ampliação, reconstrução, devem respeitar as características exteriores dos edifícios, bem como integrar os elementos arquitectónicos, plásticos ou decorativos mais expressivos da construção pré-existente e

observar ainda as disposições aplicáveis do Capítulo IV.

2. Sem prejuízo da norma definida no número 1, podem ser admitidas soluções que recorram a linguagens, materiais e processos construtivos não tradicionais, desde que justificadamente integrados no edifício e na sua envolvente.

3. A substituição de portas e janelas só poderá efectivar-se mediante prévia aprovação do respectivo projecto que deve ter em consideração as tipologias tradicionais, nomeadamente, quanto à forma, cor, material e acabamento exterior.

4. Poderá admitir-se a substituição de coberturas ou clarabóias, recorrendo a soluções distintas das existentes, nos casos em que as coberturas ou as clarabóias existentes se apresentem com características inestéticas ou dissonantes, relativamente às tipologias tradicionais, bem como nas situações definidas no n.º 1.

5. Poderá admitir-se a remoção ou substituição de azulejos em situações em

24 Programa Estratégico de Reabilitação Urbana do Centro Histórico de Braga (2011). p.56

25 Idem. p.56

que manifestamente, os azulejos existentes, se mostrem inestéticos e desadequados relativamente ao imóvel e a área envolvente.

6. Os projectos relativos a obras de construção de raiz, podem recorrer a linguagens contemporâneas e a materiais ou processos construtivos não tradicionais, devendo respeitar as características exteriores do conjunto envolvente e ter ainda em consideração a articulação necessária, com os edifícios contíguos.

7. As alterações de cércea e volume de edifícios devem atender à cércea predominante no espaço urbano envolvente. Em situações devidamente justificadas que contribuam qualitativamente para a melhoria do meio e sua revitalização, poderá a Câmara Municipal em deliberação fundamentada admitir, a título excepcional, critério distinto”²⁶.

No entanto o Artigo 18º explica que são permitidas excepções à aplicabilidade do RGEU, nomeadamente quando “as dimensões e configurações do lote não permitam o respeito pelas áreas mínimas regulamentares, na condição de se demonstrar que a solução proposta assegura a funcionalidade, a iluminação e a ventilação convenientes”²⁷.

Em relação aos usos e funções dos edifícios, o artigo 19º, do VII capítulo regulamento veta:

“a utilização integral de edifícios do Centro Histórico com ocupações não habitacionais, salvo em situações devidamente justificadas e na condição de contribuir para salvaguarda e revitalização do Centro Histórico, ao nível das actividades, económica, cultural ou social, devendo ainda enquadrar-se nos termos dos seguintes critérios:

a) Edifícios destinados a entidades públicas, de interesse público ou outras sem fins lucrativos;

b) Actividades que revitalizem o Centro Histórico, nomeadamente, no plano hoteleiro, restauração e bebidas, artístico, criativo, inovador, tecnológico ou do artesanato, entre outros;”⁵⁹.

26 Regulamento Salvaguarda Revitalização Centro Histórico da Cidade de Braga (2012). p.10

27 Idem. p.11

28 Idem. p.12



Bases

Nota introdutória

Este capítulo concentra-se na recolha de conhecimentos e informações que irão servir de base à formalização de uma proposta de intervenção. Como esta é uma temática nunca antes abordada, considero essencial adquirir conhecimentos sobre a evolução da intervenção em edifícios antigos, assim como recorrer a referências projectuais de foro programático e intenções de intervenção e também a análise de toda a legislação directamente aplicável ao edifício em estudo.

3.1 Problemática da intervenção em edifícios antigos

O seguinte estudo foi feito segundo uma perspectiva cronológica da evolução do conceito de património e da maneira como o património tem sido tratado ao longo do tempo. A intenção não é dissecar as diferentes filosofias de intervenção mas sim perceber o percurso e a situação em que nos encontramos actualmente.

3.1.1 Debate entre o contemporâneo e o passado

Ser contemporâneo é condição irrenunciável do nosso ofício. Contudo, esta condição não faz “tábua rasa” do passado, porque ser contemporâneo é, também, saber coexistir com o que nos é legado e transporta em si a identidade cultural.

Sendo a cultura uma herança antropológica, que se assume como base do que chamamos património, é através desta herança que nos situamos e projectamos no tempo, ao “preservarmos não apenas os traços relevantes do que passou, como procuramos apropriar-nos do futuro, moldando-o a partir do que transmitimos às gerações futuras”²⁹.

Daí Távora afirmar que devemos defender “teimosamente, a todo o custo” os valores do passado, tanto reconhecendo o seu valor e a necessidade de o actualizar, como promovendo um diálogo salubre com o contemporâneo.³⁰

Este diálogo não deve ofuscar nem ser ofuscado devendo, acima de tudo, ser humilde perante o existente, com o necessário respeito pelo trabalho e pelos conhecimentos daqueles que antes o produziram. Pois esta relação é mais sensível do que a maioria considera, porque é difícil combater o ímpeto de nos destacarmos, ou não cometer o erro de julgar, que sabemos fazer melhor do que já foi feito. Lapsos destes são constantes na arquitectura ao longo da história e Camilo Boito lança uma máxima, que alerta o quão cuidadas devem ser as intervenções perante o existente, pois “Quanto mais o artista de hoje se inclina, se ajoelha, se aniquila na presença de um monumento, tanto melhor cumprirá o seu dever. No dia em que, levantando-se e elevando a cabeça exclama: «eu também estou aqui», naquele dia o velho edifício tremerá”³¹.

29 CRUZ, Maria Teresa (2015) - *Mediação e património : cultura e mnemotécnicas*. In Revista Património, nº3. p.8

30 TÁVORA, Fernando (1996) - *Da organização do espaço*. 3ª ed . Porto : Faup Publicações.

31 BOITO, Camilo (1989) - *Il nuovo e l'antico in architettura*. Citado In OLIVEIRA, Mário Mendonça de (2003) - *A ciência, a prática e a projectação do restauro*. In 3º ENCORE : encontro sobre conservação e reabilitação de edifícios : actas. Lisboa : LNEC. p.67

Primeiro Momento



Fig.55 Giovanni Battista Piranesi, Via Appia e Via Ardeatina, 1756.

A “ideia de património é antiga, mas durante séculos ela era associada a objectos arquitectónicos, escultóricos ou pictóricos, singulares, particulares ou mesmo únicos, em muitos casos valorizada pelo simbolismo que encerravam, pela personalidade dos seus promotores e autores, pelos feitos que celebravam, pelo poder que representavam ou tinham representado”³².

Esta forma de enquadrar o património era falaciosa na medida que, o que ontem foi importante hoje pode não ser mais, e vice-versa, o que levou à exclusão e destruição banalizada de património, que em determinados momentos caiu em mau fado.

Até à chegada do século XVIII, as antigas edificações eram consideradas um recurso do qual se tirava o melhor desfrute, de acordo com os cânones arquitectónicos e saberes vigentes. Todas as intervenções que visavam o aproveitamento das pré-existências eram classificadas de “restauro”.

Segundo Momento

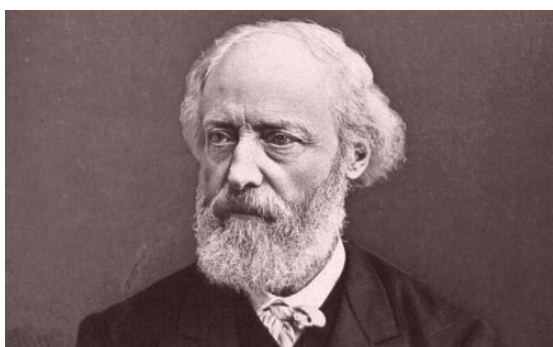


Fig.56 Retrato de Viollet-Le-Duc

Com o tempo, o homem acabou por adquirir respeito pelo passado, assim como outras formas de o olhar, e é no século XIX com o surgir da revolução industrial que, realmente, se afirmam os conceitos de património e da sua conservação, com o aparecimento de importantes figuras, como Viollet-Le-Duc, John Ruskin e Camilo Boito.

Neste momento a intervenção sobre os monumentos deixa de ser excepcional e assume-se como prática organizada que passa também a ser responsabilidade institucional dos estados. Embora, em tom de mudança, o foco patrimonial continuava a abordar apenas edifícios excepcionais.

32 APPLETON, João (2003) - *O presente do passado*. In 3º ENCORE : encontro sobre conservação e reabilitação de edifícios : actas. Lisboa : LNEC. p.23

Com Viollet-Le-Duc surge uma das primeiras teorias de intervenção intitulado de *restauro estilístico*, este novo *modus operandi* deixou-se “tentar pela redescoberta da originalidade desses monumentos, lançando-se em novas cruzadas de redescobertas de realidades que talvez nunca tenham existido, dando origem, por um lado à destruição de tudo o que se interpunha entre essa tal originalidade e o presente e, por outro lado, à criação/recriação de objectos que nunca o tinham sido, em momento nenhum da história”³³.

Quando se refere a “destruição de tudo o que se interpunha”, inclui-se os elementos acrescentados ao monumento ao longo do tempo, incluindo a envolvente, que também era considerada área de intervenção. Nesse momento, o monumento passa a ser visto como “peça de museu”, digna de um pedestal e, como tal, era aceitável e prática comum de separar o monumento do edificado que o envolvia, recorrendo a demolições e alterações. Apesar de esta abordagem provocar perdas, é preciso reconhecer que se enquadrava nos valores de uma sociedade focada na exacerbação e afirmação de nacionalismos, que exaltava o valor simbólico dos monumentos, em detrimento da autenticidade histórica.

A par desta teoria desenvolve-se uma oposta de apreço pela ruína, muito influenciada por John Ruskin e William Morris. Esta nova abordagem anti intervencionista apelou a intervenções mais minimalistas e discretas. Estas visavam a conservação do monumento sem prorrogar indefinidamente o seu ciclo de vida, retardando apenas o momento de ruína definitiva. Para Ruskin os monumentos “não são nossos. Eles pertencem parcialmente a quem os construiu, e parcialmente a todas



Fig.57 A porta de Narbonne antes da restauração, Viollet-Le-Duc.

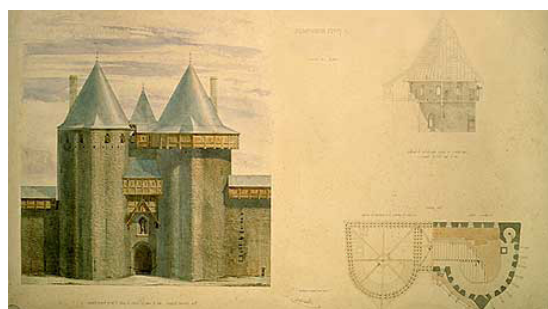


Fig.58 A porta de Narbonne estado restaurado, Viollet-Le-Duc

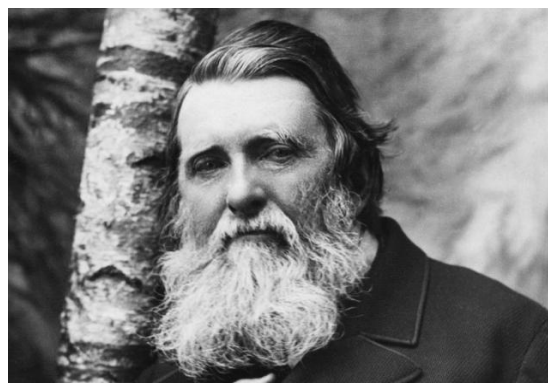


Fig.59 Retrato de John Ruskin



Fig.60

Palácio Ducal, Veneza, desenho de Ruskin, 1835.

33 APPLETON, João (2003) - *O presente do passado*. In 3º ENCORE : encontro sobre conservação e reabilitação de edifícios : actas. Lisboa : LNEC. p.24



Fig.61 Camilo Boito



Fig.62 Palácio Cavalli Franchetti, Veneza, intervenzionado por Boito entre 1879-83.

as gerações que nos seguirão.”³⁴ Desta forma a ruína, vestígio da época de criação e testemunho do decorrer do tempo, assume-se como elemento de ligação entre passado e presente, veículo de memória e identidade social.

O contributo das “Risoluzione” (1883) de Camilo Boito, consideradas as primeiras Cartas Italianas da Conservação, marcaram muito este período às quais, mais tarde, se juntam os contributos de Gustavo Giovannoni (seu seguidor), resultando no chamado restauro científico, que compreende a superação das visões românticas consumadas nas distintas condutas de Ruskin e Viollet-Le-Duc. Boito destaca o valor primordial dos monumentos enquanto testemunhos duplos, que para além de representações artísticas também considera documentos históricos, reconhecendo os estratos sucessivos que o tempo lhe foi acrescentando.

Terceiro Momento

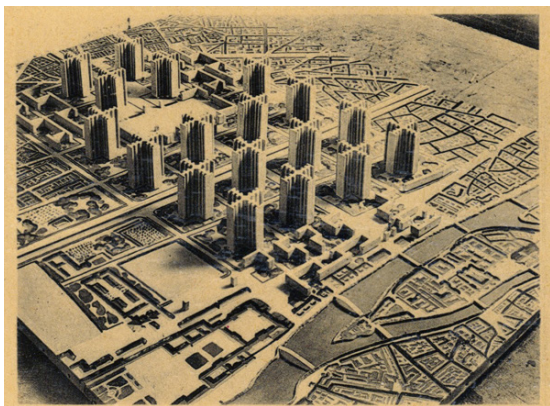


Fig.63 Plan Voisin, Paris, Le Corbusier.

Em 1931, como resultado directo das deliberações da conferência promovida pelo Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos de Monumentos (em Atenas), é aprovada a Carta de Atenas, dita do “restauro”. Muito influenciado pelo pensamento italiano (de Boito e Giovannoni), este é o primeiro documento internacional de referência, para os processos de conservação patrimonial. Um aspecto importante deste documento é o facto de alertar para a necessidade de legislação, que estabeleça princípios comuns entre os países, ainda que depois adaptados a circunstâncias locais.

A segunda Carta de Atenas, resultante do CIAM de 1933, conhecida

34 RUSKIN, John (1889) - *The Seven Lamps of Architecture*. Londres : George Allen & Unwin, p.197

pela do “urbanismo”, aborda o tema do urbanismo racionalista, sendo que os tópicos relacionados com o património histórico, foram apenas introduzidos a pedido dos delegados italianos. Posta esta postura, existe aqui uma tensão cultural, que estabelece como condição para a preservação do património a não contrariedade às novas posturas.

O pós segunda guerra mundial, marcado pela devastação, “trouxe consigo desesperadas necessidades de reconstrução de muitas cidades europeias e uma premente necessidade de produzir novas habitações (...). Assim privilegiou-se a demolição das áreas urbanas semi-destruídas e a rápida urbanização de novas áreas periféricas, desencadeando uma renovação urbana e uma construção baseadas em profundas alterações funcionais e morfo-tipológicas”³⁵, contrastantes com as prévias, a dita renovação urbana. Estas intervenções encontraram o seu fundamento teórico na segunda Carta de Atenas que, como disse antes, privilegiava o progresso do novo urbanismo, cujas estratégias tendiam até ao início dos anos 60, a marginalizar a cidade histórica, colocando-a literalmente de quarentena perante as novas propostas.

Quarto Momento

Fortemente influenciada pela escola italiana, a Carta de Veneza, marca o estabelecimento de conceitos fundamentais às acções de preservação do património construído, cujo âmbito transborda para o exterior da definição monumental antes preponderante. Ou seja, com esta carta vê-se alargar o conceito de património a um espectro, que passa a contemplar “muito do que antes era vulgar e dispensável, a verdadeira excepcionalidade dos sítios, dos lugares que o homem foi ocupando e

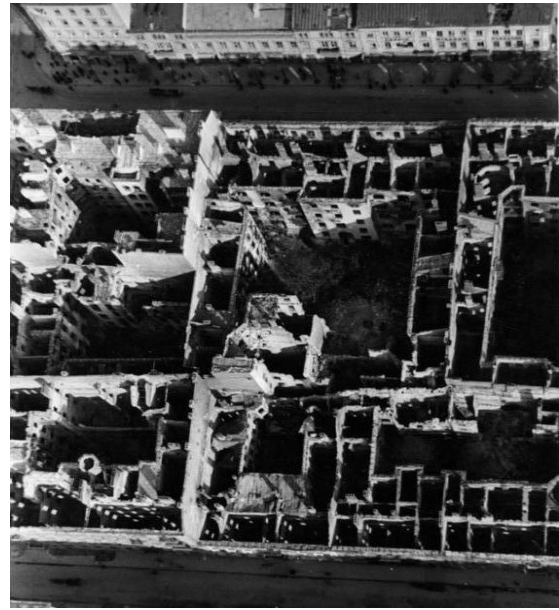


Fig.64 Palácio Bloch, Varsóvia, Setembro de 1939.



Fig.65 La Dame Blanche, Garges (Paris), anos sessenta.

vivendo, neles deixando a sua marca mais ou menos impressiva, (...) da autêntica grandeza representada por aqueles que foram protagonistas, olvidados mas reais, das histórias dos seus povos”³⁶.

A bolha do património evolui passando a abranger, para além dos monumentos singulares associados a uma ideia de poder e perpetuidade, conjuntos edificados, bairros, centros históricos e locais onde exista interacção e integração, entre a edificação e o espaço público.

35 PAIVA, José Vasconcelos; [et al] (2006) - *Guia técnico de reabilitação habitacional*. Lisboa : I.N.H. p.10

36 APPLETON, João (2003) - *O presente do passado*. In 3º ENCORE : encontro sobre conservação e reabilitação de edifícios : actas. Lisboa : LNEC. p.15

Na Europa, o fim da década de 60 e início da de 70, é marcado por um período de involução demográfica, em que se tornam evidentes as preocupações ecológicas devidas a uma consciencialização de que os recursos são finitos. Ao mesmo tempo dá-se uma severa alteração dos modelos produtivos e sociais, com uma conseqüente manifestação de crises socioeconómicas.

Com os evidentes fracos resultados das propostas de renovação e expansão urbana desenvolvidas no pós-guerra estas, começam um pouco por toda a europa, a ser substituídas por um novo *modus operandi* denominado de reabilitação urbana que, na sua génese procura inserir “um conjunto de acções coerentes e orquestradas, destinadas a potenciar os valores socioeconómicos, ambientais e funcionais de determinadas áreas urbanas.”³⁷ Estas acções, que recorriam de apoios sociais, procuravam melhorar as condições de conforto e habitabilidade e a beneficiação das áreas a intervir, com equipamentos comunitários, infra-estruturas e espaços públicos adequados, do qual é excelente exemplo o plano de Bolonha.

Em suma, esta nova linha de pensamento constitui o que hoje é entendido por conservação integrada. A sua origem remonta à Carta Europeia do Património Arquitectónico de 1975, que mais tarde evoluiu para a vulgarmente conhecida Carta de Amesterdão, documento de maior relevância pois vincula a conservação urbana com o planeamento urbano e o ordenamento do território, trazendo à mesa os poderes locais e, pela primeira vez, uma participação activa dos cidadãos.

Neste momento em que as práticas de reabilitação estão cada vez mais enraizadas e globalizadas, surgem fórmulas generalizadas

que, embora eficientes, ao mesmo tempo negligenciam o que não cabe nos seus moldes. Uma vez mais, isto alerta-nos para a necessidade de prudência, racionalidade e sensibilidade nas intervenções em edificado existente, que Álvaro Siza cita nas seguintes palavras:

“De certo modo, e uma vez que falei de poesia, o arquitecto que trabalha nesse tema sente o mesmo, julgo eu, que o escritor – tradutor de um poema.

O tradutor desejará restituir a atmosfera, a música e sem dúvida, tornar claro o significado de um poema. E evitar a tentação da assinatura.”³⁸

37 PAIVA, José Vasconcelos; [et al] (2006) - *Guia técnico de reabilitação habitacional*. Lisboa : I.N.H. p.19

38 SIZA, Alvaro, Lectio Magistralis. In *Lettere ad Álvaro : scritti in occasione della laurea magistrale ad honorem in architettura ad Álvaro Siza Vieira*. Milano : Politecnico. p.34

3.1.2 O papel da intervenção nos edifícios existentes em face de um futuro sustentável

O problema: “As alterações climáticas globais, o esgotamento de recursos, a poluição, a destruição de ecossistemas, a extinção de espécies, a deterioração da qualidade de vida, e a fraca equidade no acesso a recursos e o conhecimento demonstram que os padrões que regem as actividades humanas se estão a tornar insustentáveis em termos sociais, económicos e ambientais. Os aglomerados urbanos destacam-se como pontos críticos, onde a concentração de milhões de habitantes coloca em risco o próprio futuro da urbanidade”³⁹.

Na União Europeia, a construção assume-se como o maior sector industrial, o que consome mais recursos (espaço, matéria, energia e água) e o que produz mais impacto ambiental negativo. Nesta medida, é urgente despertar para a necessidade de sermos sustentáveis nos principais domínios de influência do parque edificado: a construção (que também implica a reabilitação/conservação) e o uso. A primeira não só consome como desperdiça recursos, que obrigam ao uso de mais recursos no seu tratamento; a segunda está intrinsecamente ligada à primeira, na medida que as opções arquitectónicas de configuração do ambiente construído e residencial, influenciam directamente os modos de uso do edificado. Assim ao intervir sobre a construção (nova e a existente) estamos também a garantir influência sobre o uso.

“Mas a sustentabilidade não é um receituário, e sim uma ideologia e uma aceitação colectiva de limites ao desenvolvimento. Aplicar o paradigma da sustentabilidade à habitação e áreas

residenciais implica, assim, rever o modelo de habitualidade assente no consumo extensivo de recursos, e estabelecer princípios de acordo com um modelo de uma habitualidade ajustada pela gestão eficiente dos recursos naturais”⁴⁰.

Uma prática sustentável exige um esforço de mudança nas práticas de construção e projecto, bem como a compreensão dos recursos envolvidos e das necessidades dos futuros utilizadores. Os seus objectivos passam pela inclusão de tecnologias de poupança energética; pela criação de sistemas construtivos reversíveis e modulares; o uso e a reutilização de materiais endógenos; a boa gestão da água e diminuição das residuais; a promoção da longevidade e da multifuncionalidade de edifícios.

O colapso do boom de novas construções, veio proporcionar mais ênfase à reabilitação, que se assume a largos passos como instrumento-chave na busca de um desenvolvimento mais sustentável. A conservação do existente, assume-se hoje como a opção mais viável e racional, quer nos aspectos ambientais e económicos, como nos culturais e ao mesmo tempo “constitui uma oportunidade para integrar estratégias de melhoria do desempenho ambiental”⁴¹.

A reabilitação emana na sua génese um tom sustentável, no entanto, procura-se aprender com os erros do passado e conter a degradação do parque edificado na sua raiz. Isto é construir controladamente e racionalmente, é prevenir e conservar antes de reconstruir, é controlar o poder destrutivo da especulação urbana e parar a *gentrificação*.

39 MOURÃO, Joana; PEDRO, João Branco (2010) Portugal. - *Sustentabilidade ambiental da habitação*. Laboratório Nacional de Engenharia Civil. Lisboa: LNEC. p.5

40 Idem. p.41

41 Idem. p.179

3.1.3 Tipos de intervenção sobre o património

Actualmente o campo de intervenção sobre o património não se limita só a restaurar e reabilitar o parque edificado, mas sim a um amplo conjunto de acções e medidas ponderadas e institucionalizadas, que visam não só o presente, mas contemplam também o futuro. A variedade de terminologias que destas resulta e a semelhança e proximidade entre as mesmas, provoca por vezes confusões e lapsos no discurso relacionado com esta temática. Deste modo, passa-se à exposição das mesmas numa perspectiva de esclarecimento, usando como referência o Guia Técnico de Reabilitação Habitacional de José Vasconcelos Paiva, publicado em 2006.

“Conservação : conjunto de actuações de preservação e de salvaguarda visando assegurar uma duração, que se pretende ilimitada, da configuração material do objectivo considerado;

Prevenção: conjunto de actuações de conservação, no mais amplo prazo possível, motivadas por conhecimentos prospectivos sobre o objecto considerado e sobre as condições do seu contexto ambiental;

Salvaguarda: qualquer medida de conservação e prevenção que não implique intervenções directas sobre o objecto considerado;

Restauro: qualquer intervenção que, respeitando os princípios da conservação e fundamentando-se num cuidadoso conhecimento prévio, vise restituir ao objecto, nos limites do possível, uma relativa legibilidade e, sempre que necessário, o uso;

Reabilitação: conjunto de operações dirigidas à conservação e ao restauro das partes significativas – em termos históricos e estéticos – de uma arquitectura, incluindo a sua beneficiação geral, de forma a permitir-lhe satisfazer a níveis de desempenho e exigências funcionais actualizadas;

Manutenção: conjunto de operações decorrentes de programas de intervenção, dirigidos a manter os objectos de interesse cultural em condições óptimas de integridade e funcionalidade, especialmente depois de terem sofrido intervenções excepcionais de conservação e/ou restauro”⁴².

42 PAIVA, José Vasconcelos; [et al] (2006) - *Guia técnico de reabilitação habitacional*. Lisboa : I.N.H. p.16

3.2 Referências projectuais

O facto de projectar perante uma tipologia e situação nunca antes abordada levanta novas questões, o que despertou desde cedo a necessidade de recorrer a referências projectuais. De uma procura alargada resultaram quatro intervenções que se separam em dois momentos: Intenções e Programa. As primeiras são projectos que se consideram pertinentes pela racionalidade e sensibilidade que demonstram perante o objecto a intervir e sua história. As segundas foram escolhidas por apresentarem programas inovadores e revitalizadores que dão resposta a necessidades da cidade moderna e cultural, e também com intuito de perceber de que maneira as pré-existências se adaptam para acomodar novo programa e vice-versa.

Intenções



Fig.66 Casa da Escrita, João Mendes Ribeiro



Fig.67 Neues Museum, David Chipperfield

Programa



Fig.68 GNRation, Carvalho Araújo

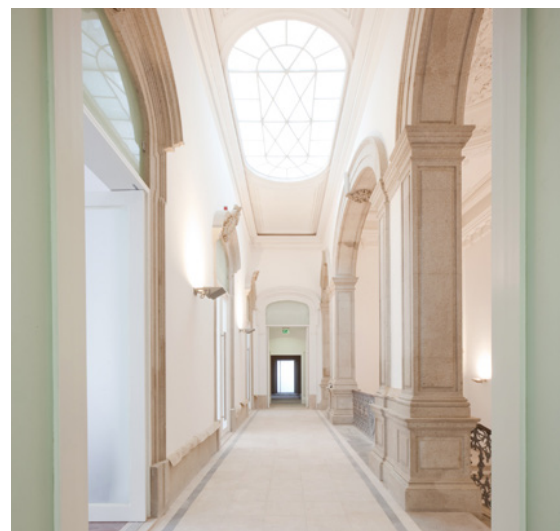


Fig.69 Palácio das Artes/Edifício Douro, Alfredo Ascensão & Paulo Henriques

Casa da Escrita – Coimbra – João Mendes Ribeiro

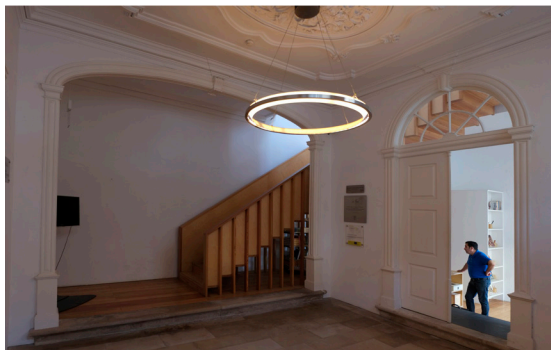


Fig.70 Átrio de Entrada Principal



Fig.71 Sala Polivalente - antiga Sala de Refeições



Fig.72 Pormenor Biblioteca

Situada na Alta de Coimbra, a Casa do Arco, actual Casa da Escrita, foi desde muito cedo a maior referência para este caso de trabalho. Tanto pela versatilidade que o projecto de reabilitação lhe acrescentou a nível programático, como pela sensibilidade com que foi abordada, que lhe permitiu reter o aspecto para mim mais importante, a escala doméstica.

Trata-se de um edifício adquirido pela Câmara Municipal de Coimbra em 2003 devido ao seu elevado valor material e imaterial, pois foi “um marcante ponto de encontro de intelectuais e pensadores dos meados do século XX”⁴³, período durante o qual pertenceu ao notável poeta e escritor, João José Cochofel. Em 2005, a autarquia, dá início ao processo de requalificação, à mão do arquitecto João Mendes Ribeiro, ficando a obra concluída em Novembro de 2010.

O programa para este edifício pressupunha a “reutilização contemporânea do edifício, com a sua adaptação a novas funções, conciliando valores patrimoniais e simbólicos com os actuais requisitos técnicos e de conforto e flexibilidade”⁴⁴. Isto traduz-se num edifício, com um conjunto de espaços amplos e flexíveis, aptos para acolher a variedade de actividades ligadas à escrita, bem como a espontaneidade dos habitantes da Casa, mas que ao mesmo tempo não perde a sua complexidade orgânica, original, devido à conjugação que é gerada pelo discurso entre os espaços públicos e privados.

Este edifício divide-se em duas alas, norte e sul. O piso térreo da ala norte, contém a entrada principal, a recepção e a livraria composta por duas estantes rotativas, que lhe permite várias configurações e

43 RIBEIRO, João Mendes (2013) - *Casa da escrita : Coimbra*. Coimbra : CMC. p.147

44 Idem. p.149

usos. No primeiro andar encontram-se os salões pertencentes à ala do século XIX, que agora correspondem à sala de leitura e conferências, voltada para a rua e à biblioteca e sala de refeições com acesso ao jardim. Nas águas furtadas está localizado o arquivo activo que contém três nichos para consulta de documentação, sob as novas mansardas; o piso térreo da ala sul, abriga três novos espaços. Os sanitários e vestiários, os acessos verticais (com elevador) e a cozinha que tem ligação à original, no piso superior, por monta-pratos. No primeiro piso, com acesso à ala norte e jardim, encontra-se a residência do escritor, com respectivo quarto, quarto de banho, sala/estúdio e um nicho de leitura dentro do torreão. O segundo, onde está localizada mais uma sala de leitura/polivalente, a administração, a sala de

reuniões e o quarto de pesquisa literária, faz ligação com o arquivo na ala norte, que não tem acesso pelo seu primeiro piso.

Os acabamentos integrais a branco que se estendem a todo o edifício, permitem “caracterizar um ambiente uniformemente luminoso e ligeiro, contrastante com a ambiência anterior à remodelação”⁴⁵. As escolhas de mobiliário foram feitas de maneira a proporcionar o ajuste dos “espaços ao novo programa funcional e a um público alargado, sem, no entanto, anular a referência ao espaço original e ao ambiente de conforto e intimidade da habitação”⁴⁶. Estas duas posições surgem da necessidade de adaptar o existente ao que é novo, mas no fundo o respeito pelo existente com que é feito, não destabiliza, não ofusca nem causa ruído.



Fig.73 Arquivo Activo (sótão)



Fig.74 Corte Longitudinal

45 RIBEIRO, João Mendes (2013) - *Casa da escrita : Coimbra*. Coimbra : CMC. p.149

46 Idem, ibidem.

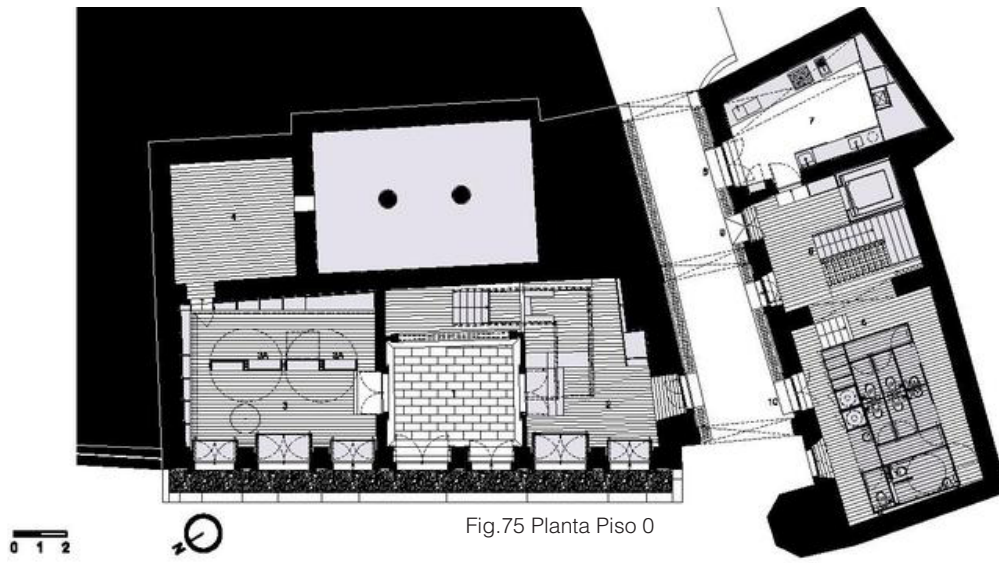


Fig.75 Planta Piso 0

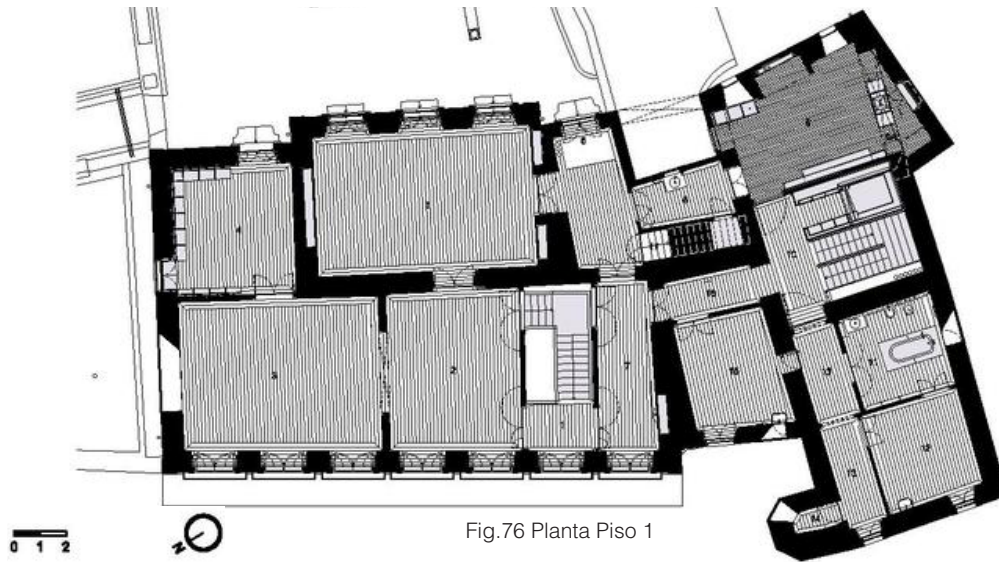


Fig.76 Planta Piso 1

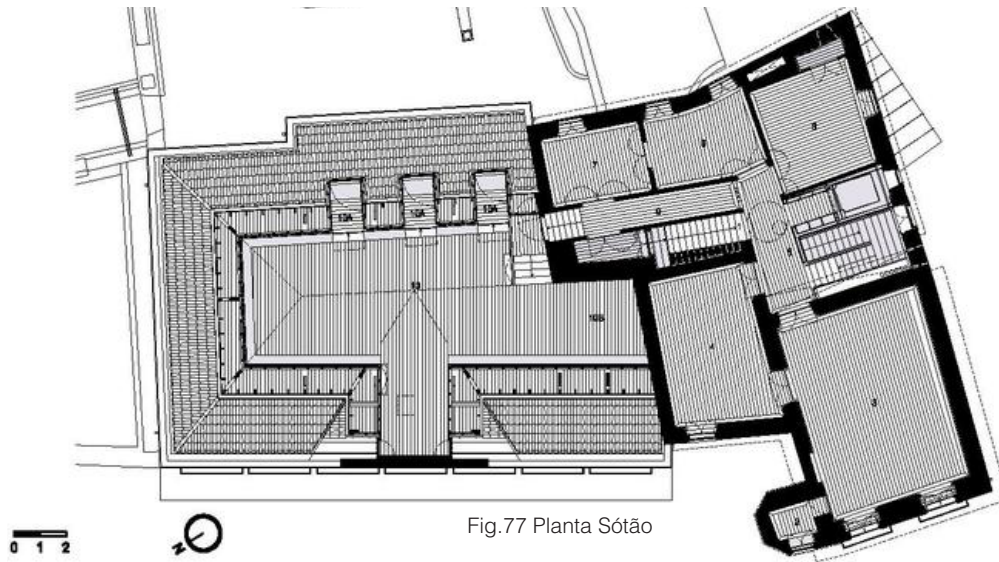


Fig.77 Planta Sótão

Neues Museum – Berlim – David Chipperfield

Localizado na Museumsinsel (Ilha dos Museus), previamente conhecida por Spreeinsel (Ilha do rio Spree), onde antes fora construído o antigo Altes Museum, projectado por Karl Friedrich Schinkel (terminado em 1828), posteriormente, coube ao arquitecto Friedrich August Stüler desenvolver o espaço por detrás do Altes Museum, criando “um santuário para as artes e ciências”⁴⁷. O Neues Museum, primeiro elemento deste projecto (da autoria do mesmo arquitecto) é erigido entre 1841 e 1859. Apresenta uma planta simples que se desenvolve em torno de dois pátios, com um foyer rectangular que ocupa toda a largura do edifício, onde se encontra uma escadaria que liga os três pisos.

Devido a bombardeamentos, no final da Segunda Grande Guerra o edifício encontrava-se em ruínas, com partes completamente destruídas e outras gravemente danificadas. O edifício permaneceu neste estado (excepto algumas contenções) até à nomeação de Chipperfield e do especialista em conservação Julian Harrap, para executar o projecto de reconstrução, em 1997-98.

A intenção do patrono deste museu de associar de forma simbiótica, o desenho e aspecto dos espaços expositivos à temática das exposições, já não era possível restabelecer porque a maioria dos artefactos e espaços já não existiam. Assim, no momento de decisão sobre o rumo deste projecto ficou claro que a intenção não seria fazer uma reprodução histórica, muito menos construir um monumento à ruína, mas sim completar, reparar e restaurar o edifício original.

“Esta preocupação levou-nos a criar um novo edifício a partir dos restos do antigo, um novo edifício que nem celebra nem



Fig.78 Estado do Edifício em 1958



Fig.79 Maqueta da Intervenção



Fig.80 Existente vs Restituído

47 Memória descritiva do projecto disponível em: <http://www.davidchipperfield.co.uk/downloads/projects/>

esconde a sua história mas a inclui. Um novo edifício que foi feito de fragmentos e partes do antigo, mas mais uma vez, aspirando a uma plenitude.”⁴⁸

Chipperfield procura recuperar o sentido do lugar, reestabelecendo o significado do edifício original, através da



Fig.81 Espaço Expositivo

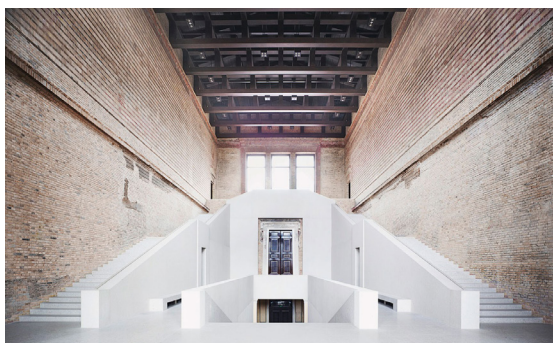
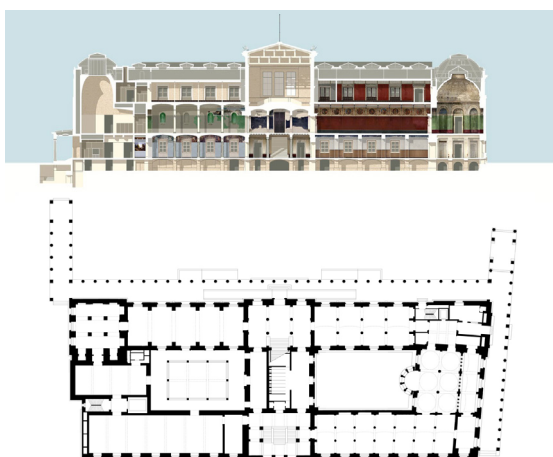


Fig.82 Foyer



Figs.83-84 Corte Longitudinal e Planta Piso 0 (sem escala)

reintegração dos fragmentos existentes num todo arquitectónico, que respeita a estrutura histórica nos seus diferentes estados de preservação. Para conseguir a desejada ligação entre velho e novo, que intitula de “bridge dimension”, as arranjos e formas introduzidas obedecem a um desenho simples, que recorre apenas ao uso de betão pré-fabricado branco e à utilização de tijolo (reciclado), de maneira a enfatizar o existente - “o contemporâneo reflecte o perdido mas sem o imitar.”⁴⁹

Um facto interessante é que Chipperfield distingue, formalmente, as grandes das pequenas intervenções. Para ele uma pequena reparação é apenas uma reparação e não necessita da mesma atenção de uma grande, que devido à sua escala, precisa de um carácter físico e material próprio, que estabeleça e marque a sua presença. As novas salas de exposição são construídas com recurso a grandes elementos de betão pré-fabricado, assim como a escadaria principal que mantém a mesma forma sem copiar a original. O Foyer assume-se como um volume de tijolo, despido da sua anterior ornamentação. A ala noroeste, onde se encontra o pátio Egípcio e o Avant-corps de Apollo; o pátio Grego; e a abóbada sul, são todos construídos em tijolos reciclados, respeitando as partes que foram preservadas. Com a reinstalação e reposição das colunatas na parte este e sul do museu, fica restabelecida a sua condição urbana pré-guerra.

Em 2009, ao fim de mais de 60 anos em ruínas, o museu reabre e assume-se como testemunho vivo dos eventos a que foi submetido - “A grande incompletude dos seus padrões decorativos ajuda a criar um entendimento holístico da estrutura histórica e contemporânea, e do seu propósito original e actual.”⁵⁰

48 CHIPPERFIELD, David (2010) - In *El Croquis n. 150*. Madrid : El Croquis Editorial. p.43

49 Memória descritiva do projecto disponível em: <http://www.davidchipperfield.co.uk/downloads/projects/>

50 Idem

GNRation - Braga - Carvalho Araújo

O projecto de reabilitação e reconversão GNRation surgiu no contexto de Braga Capital Europeia da Juventude 2012, e carrega consigo todo o conceito de dinamismo associado a esse evento. A mentalidade por trás da abordagem projectual e conceptual, parte do princípio da “ocupação pelo Homem e pela Natureza. Explora o limite entre a estrutura existente abandonada e um novo corpo invasor que se apodera do espaço. Um espaço de regeneração constante, mais do que um objecto final”⁵¹. Neste edifício, o objectivo é impulsionar as “indústrias criativas” que são uma espécie de antítese do uso militar a que o edifício se agarrava antes e, dentro desta ideologia assumiu-se a premissa de se destacar perante a envolvente e a cidade. A vontade de “agitar, de criar controvérsia, de gritar mais alto.”⁵²

Através de uma estratégia suportada e de constante abertura à comunidade, o GNRation pretende afirmar-se como pólo de dinâmicas culturais e criativas. Um espaço direccionado para a sensibilização e criação de novos públicos, expondo-os a práticas artísticas contemporâneas e cosmopolitas.

“Num momento de mudança e comemoração do espírito da juventude, o edifício do GNRATION não podia permanecer invisível, tinha que saltar para a arena, ir para o palco e vestir lantejoulas.”⁵³

As fachadas - todas consideradas nobres - recebem o mesmo tratamento à excepção do gaveto, onde um “corte abrupto” assinala a entrada e ao mesmo tempo anuncia a ruptura da nova intervenção, perante o uso anterior. “Começou aqui o princípio de intervenção, como metáfora de um edifício



Fig.85 Corte e Entrada do Equipamento

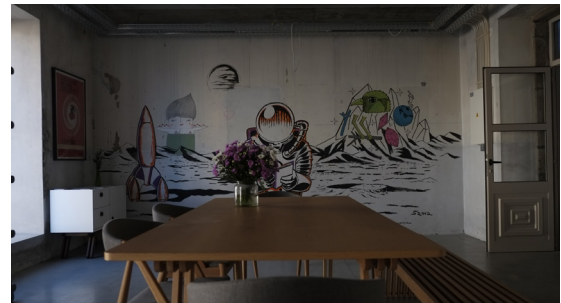


Fig.86 Sala de Leitura



Fig.87 Novo tratamento dos Pátios

51 *ArchiNews* n.36, Archi&Book's, Lisboa, 2016. p.54

52 *Idem*. p.54

53 <http://www.carvalhoaraujo.com/pt/pro/gnracion-p/>

em desequilíbrio, que explorava o limite e a aventura.”⁵⁴

Um outro grau de intervenção propõem uma invasão por parte da natureza, proporcionada pela plantação de uma amálgama de espécies vegetais, em vasos que são instalados nas fachadas, reformulando a imagem dos pátios e do logradouro. Esta intervenção assume-se como uma espécie de

reflexo da intenção programática de ocupação pelo homem, cidadão e artista.

O tratamento dos pavimentos exteriores acentuam a pretensão do projecto em ser um “mote para a regeneração urbana”⁵⁵. O edifício transpõe os seus limites e invade o passeio, diluindo a barreira entre o espaço público e privado.

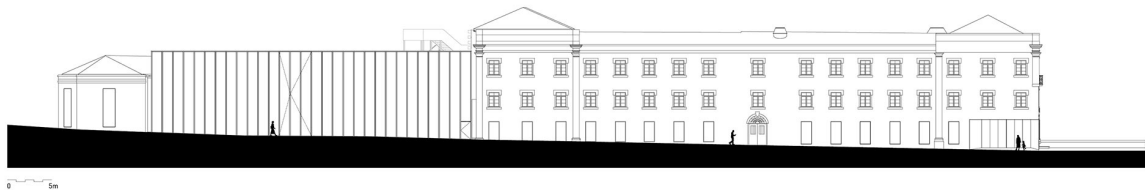


Fig.88 Alçado Lateral

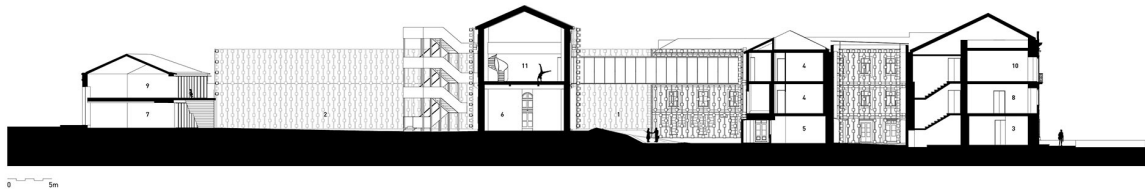


Fig.89 Corte Longitudinal

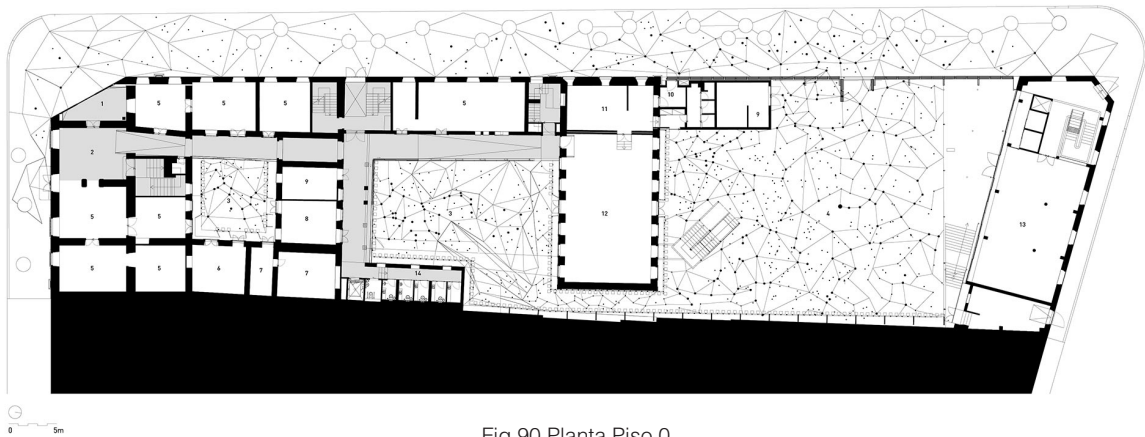


Fig.90 Planta Piso 0

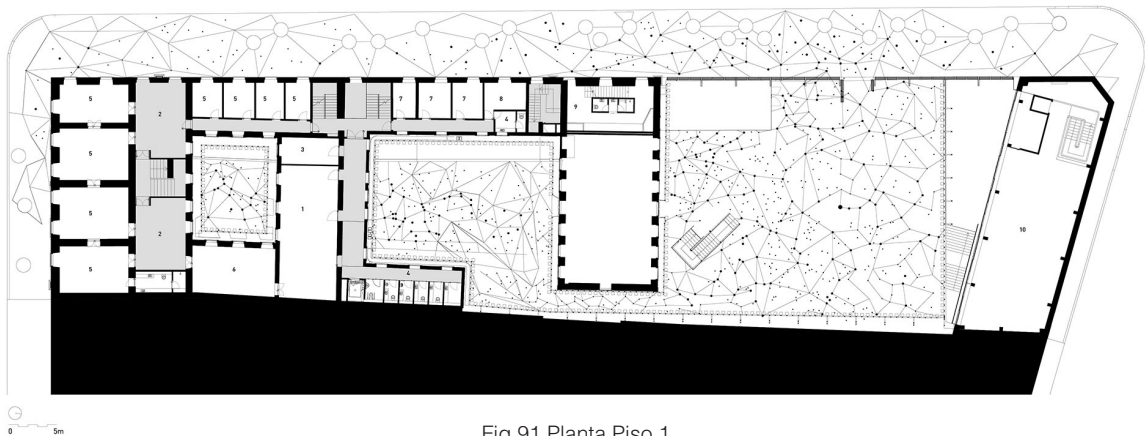


Fig.91 Planta Piso 1

54 <http://www.carvalhoaraujo.com/pt/pro/gnration-p/>

55 Idem.

Edifício Douro – Palácio das Artes - Porto - Alfredo Ascensão & Paulo Henriques

Esta obra, localizada no Largo de S. Domingos, foi construída no mesmo local do antigo convento de S. Domingos, fundado no século XIII. Em 1832, este edifício, sofreu um incêndio sendo posteriormente alvo de diversas intervenções, inclusive quando foi cedido ao Banco de Lisboa que o reconstruiu usufruindo parte da sua estrutura Setecentista. Em 1934, é ocupado pela companhia de Seguros Douro, que lhe atribuiu o actual nome, até o edifício ser deixado ao abandono na década de 80, chegando a um estado de quase ruína. Em 2001 é adquirido pela Fundação da Juventude com o intuito de aí instalar o “Palácio das Artes – Fábrica de Talentos, um projecto ambicioso que transformará o edifício num local vocacionado para a promoção de jovens artistas em diferentes áreas de actividade”⁵⁶.

O projecto assumiu como premissa a “reposição da escala original do edifício e a restituição da sua monumentalidade”⁵⁷, ambas deturpadas pelas sucessivas intervenções de que foi alvo, como o acréscimo de pisos, que o deixaram com um interior labiríntico, contrastante com o exterior. Deste modo optou-se por, sempre que possível, recuperar as estruturas originais do edifício e nos casos onde não fosse possível, “na introdução de novas lajes metálicas às cotas originais, em substituição das antigas vigas de madeira, que entretanto tinham ruído ou desaparecido”⁵⁸.

O projecto Palácio das Artes pretende assumir-se como uma centralidade artística e cultural na região do Porto, através da concepção de um espaço de experimentação, criatividade e inovação, destacando-se como uma ponte entre a formação e actividade profissional das áreas



Fig.92 Vista exterior



Fig.93



Fig.94

56 PIMENTA, Joana (2009) - *AAPH arquitectos, 1996 2009*. Casal de Cambra : Caleidoscópio. p.110

57 Idem, *Ibidem*.

58 Idem. p.111

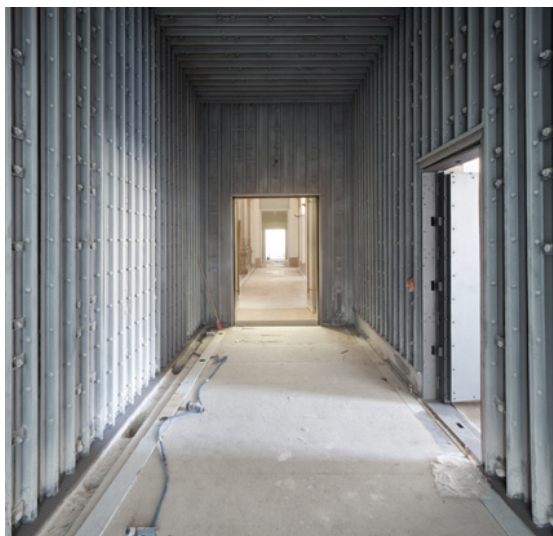


Fig.95



Fig.96

criativas. Focando sobretudo os jovens artistas e os recém-licenciados para o mercado da arte, relacionados com as áreas de Cinema, Arquitectura, Literatura, Design, Publicidade e Multimédia, das artes visuais (Pintura, Escultura, Fotografia) e performativas (Teatro, Música e Dança) e industriais. Este espaço assume-se também internacional, pois a Fundação da Juventude pretende aqui promover mostras dos projectos de jovens criadores à escala nacional e internacional.

O edifício conta com vários ateliês, a sala “Piano” e a sala “Palco”, um laboratório multimédia (que engloba dois de produção interna, dois de produção externa e um laboratório criativo). O espaço de restauração, a loja, as galerias, os centros de formação e os espaços de visita, permitem a participação do público em geral, afirmando ainda mais este edifício como *cluster* de arte.

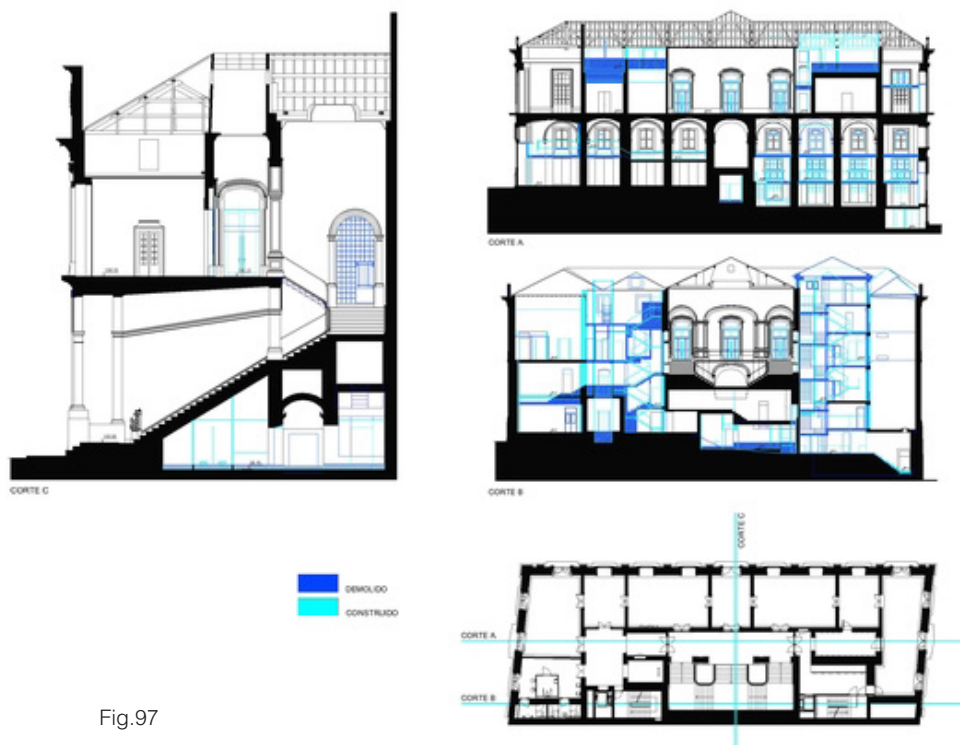


Fig.97

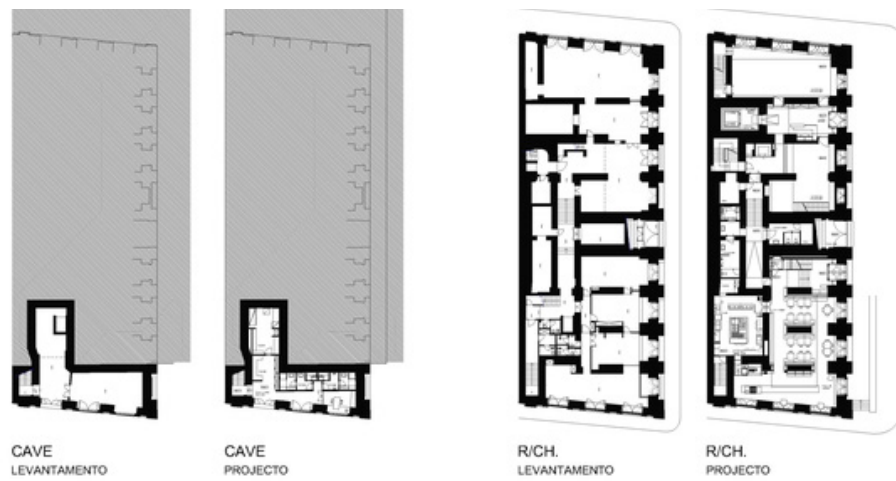


Fig.98



Fig.99



Fig.100

IV

A proposta

4.1 Análise do Existente

A seguinte análise parte do levantamento efectuado sobre as plantas que me foram fornecidas. Estas encontravam-se muito incompletas e com alguns erros, que acertei e completei nas visitas ao palacete. A estas foram acrescentados perfis e um levantamento fotográfico, que depois permitiram a análise do edifício, começando pelas patologias que apresenta e os seus elementos de valor. De seguida, foi analisado o sistema constructivo e suas particularidades, passando posteriormente a uma tentativa de interpretação do que terá sido o edifício na sua origem.

4.1.1 Levantamento Geométrico do Estado Actual - Patologias e Elementos de Valor

A primeira visita ao Palacete, permitiu observar um edifício em mau estado de conservação e de certa forma desvirtuado devido a todos os elementos que lhe foram retirados pela antiga proprietária antes da hipoteca do mesmo. Nestes elementos incluem-se todas as portas, caixilhos interiores e respectivas molduras, quase todos os rodapés e o tabuado do soalho de dois compartimentos no primeiro piso.

Este levantamento, foi efectuado a partir dos desenhos que me foram fornecidos, do registo de levantamento efectuado em 2003, e que apenas contemplavam plantas e alçados. Nas três visitas ao palacete, foram aferidas medidas do anterior levantamento, na medida do possível, tendo em conta o estado em que se encontra. Também foram efectuadas medições que me permitiram elaborar os cortes. Quanto aos elementos de maior detalhe, como tectos, sancas, pinturas, adornos nos vãos, na impossibilidade de os medir todos, foi efectuado um registo fotográfico compartimental, para posterior edição e fotomontagem. Isto permitiu registar

alguns elementos de maior valor, de uma forma menos rigorosa, mas que considero útil de qualquer maneira, pois tratam-se de elementos em risco de desaparecimento, devido ao ritmo a que este palacete se está a degradar.

De seguida, com recurso a texto, desenhos efectuados e às fotos obtidas no local, vão ser analisadas as patologias e os elementos de valor. Numa espécie de análise/ viagem compartimento a compartimento, piso a piso (que por momentos repetitiva mas) que visa registar e documentar um edifício do qual existe muito pouca informação. Esta análise tem também em vista complementar o acto de projecto, na medida em que a considero uma ferramenta fundamental, para perceber onde intervir de forma mais incisiva e onde apenas conservar e completar os elementos em falta.

Fig. 102 Planta Rés-do-chão



0 .50 1 2 3 4

- Legenda:
- Faltas █
 - Danos estruturais █
 - Desabamentos █
 - Infiltrações █
 - Danos Reboco █
 - Emparedamentos █



Rua Dona Paula Mendes

Átrio

Neste compartimento observam-se, essencialmente, danos nas paredes. O reboco danificado por destacamento e empolamento com a existência de lacunas (Fig.104 e 105). É também visível a acumulação de lixo, detritos, e de dejectos de animais. No plano da porta principal (Fig.103) foram acrescentados contadores. A pintura original encontra-se ocultada pela actual, branca e amarela, mas é perceptível em alguns pontos (Fig.106).

O tecto (Fig.106), com a sanca adornada de motivos vegetais e geométricos nos planos inclinados, não tem um desenho excepcional mas é um dos poucos em bom estado no palacete. O vão que dá acesso ao hall da escadaria principal (Fig.107), em cantaria de granito, é coroado por um ornamento de tom dourado. Este é composto de folheados e floreados, com um elmo no centro da composição.



Fig.103 Porta Principal do Edifício



Figs.104 - 105 Danos no reboco



Fig.106 Pormenor pintura e tecto



Fig.107 Porta do Hall da Escadaria

Hall da escadaria principal



Fig.108 Acesso à Escadaria

O revestimento em reboco, do portal que acede à escadaria (Fig.108), apresenta danos derivados da remoção das ombreiras e outros elementos de adorno (possivelmente em madeira). O mesmo acontece em todos os outros vãos deste espaço.

O tecto, apresenta fendilhação, manchas de humidade e lacunas no estuque.

Todas as portas e rodapés foram removidos, assim como a iluminação.

Os acabamentos deste espaço, anunciam a ornamentação da escadaria principal. Aqui é utilizado o mesmo padrão de pintura, assim como, a mesma decoração nos vãos.

Átrio da escadaria principal



Fig.109

A escadaria principal encontra-se bastante descaracterizada devido à remoção das portas, caixilhos, ombreiras, rodapés, guarda corpos e das colunas que apoiavam os arcos do patamar de chegada da escadaria.

Ao primeiro lanço de escadas, foram retiradas todas as tábuas, enquanto que o patamar intermédio e os últimos dois lanços, se encontram apodrecidos, devido a infiltrações na claraboia principal, e à acumulação de dejectos de aves, que se instalaram na sanca deste espaço.

Nas paredes de tabique que ladeiam o primeiro lanço de escadas, podem-se observar danos derivados da acção humana, como raspagem e abrasão.(Fig. 109)

O plano de parede, sobre o patamar de chegada, (Fig.110), apresenta fissuras, certamente devido ao abaulamento do

sobrado, após a remoção das colunas. Na parede seguinte, também se podem observar fissurações no reboco, assim como empolamentos e marcas de abrasão.

O pavimento apresenta marcas de desgaste, devido à exposição contínua à humidade, poeiras e detritos.

As paredes deste espaço são adornadas de fingidos de mármore, delimitados por frisos com motivos geométricos dourados e uma faixa azul, que também contém um friso geométrico e acentua os encontros entre planos.

Este átrio contém seis aberturas, duas dão acesso a compartimentos nobres e uma ao corredor do lado esquerdo do palacete. As restantes funcionam como varandas dos corredores, que se desenvolvem em galeria em torno da escadaria. Todas as aberturas com o topo em arco, são coroadas por ornamentos de tom castanho. O mesmo acontece nos arcos do patamar de chegada. Os quatro arcos que se encontram nos eixos (longitudinal e transversal) têm ornamentos mais exuberantes que os restantes cinco (localizados no patamar de chegada). Os primeiros são compostos de folheados e floreados, com um elmo no centro da composição; os segundos, de dimensão mais reduzida, são compostos por folheados e rematados por uma concha.

No remate das paredes existe um friso floreado (Fig.111). Este antecede a sanca decorada com pinturas de motivos geométricos e orgânicos, que contorna a orla do *mezanin* do último piso.

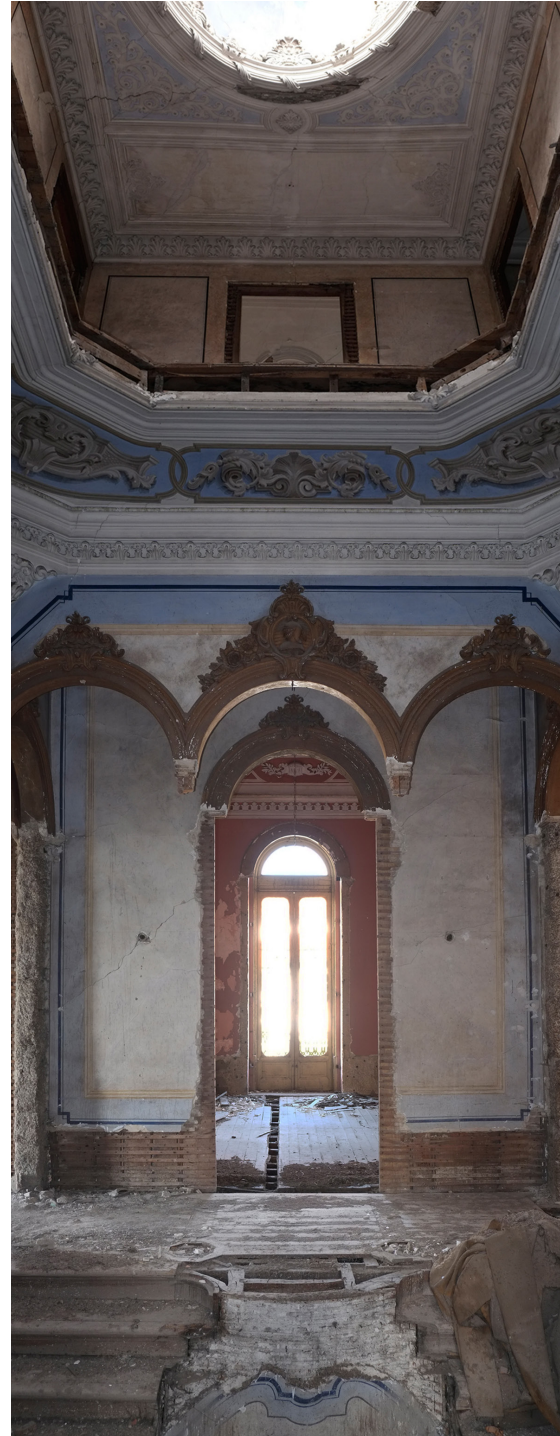


Fig.110



Fig.111

Compartimento 1



Fig.112



Fig.113



Fig.114



Fig.115

Neste compartimento observam-se danos nas paredes, com o reboco danificado por destacamento, empolamento, e acção humana/mecânica, com a existência de lacunas (Figs.113,115). Existem bolores e manchas de humidade, devido a infiltrações nos pisos superiores, no encontro da parede do alçado com a de meação. A pintura original encontra-se oculta, pela actual, amarela e azul, mas é visível em alguns pontos (Fig.113).

O tecto, encontra-se em mau estado na proximidade do alçado, tendo já aluído parte do mesmo, deixando a estrutura do sobrado exposta. A acção da água nos pisos superiores terá provocado este problema. No último existem infiltrações neste alinhamento (Fig.191); o primeiro, encontra-se desprovido de caixilharia, assim como de tabuado, o que terá deixado o tecto, e o sobrado, ainda mais exposto (Fig.160).

Nas paredes laterais, observam-se marcas de perfurações, possivelmente devido ao prolongamento do sobrado, do meio piso. Os vãos do alçado foram recentemente tapados. Falta parte das ombreiras do vão de acesso à escada (Fig.114). Todos os caixilhos, portas e respectivas guarnições, foram retirados.

A parede de tabique, que separa este compartimento da cave, apresenta danos derivados de humidade ascensional (Fig.114).

É também visível a acumulação de lixo e de detritos.

Compartimento 2

O compartimento 2, encontra-se no gaveto e localizado no quadrante mais afectado do edifício, o esquerdo. Aqui existiria uma parede de tabique (parte ainda é visível na Fig.117), afastada da de alvenaria e com continuidade para o piso superior, que desabou com parte do tecto e do sobrado.

Observam-se danos nas paredes, com o reboco danificado por destacamento, empolamento, e acção humana/mecânica, com a existência de lacunas (Figs.118,119). Existem bolores, manchas de humidade e colonizações biológicas nas paredes de alvenaria do gaveto, devido infiltrações no último piso.

Os vãos dos alçados foram recentemente tapados e retirados todos os caixilhos, portas e respectivas guarnições do compartimento.

É também visível a acumulação de lixo e de detritos.



Fig.116



Fig.117



Fig.118



Fig.119

Compartimento 3



Fig.120



Fig.121

Este compartimento, na mesma medida que o anterior, encontra-se bastante danificado. Grande parte do tecto e sobrado desabaram, e a restante, menos robusta que no compartimento anterior, está em avançado estado de apodrecimento, com o risco de queda iminente (Fig.120).

Observam-se danos nas paredes, com o reboco danificado por destacamento, empolamento, e acção humana/mecânica, manifestado na existência de lacunas (Fig.121 a 125). Existem bolores, manchas de humidade e colonizações biológicas, devido infiltrações no último piso (Figs.121,125)

É também visível a acumulação de lixo e de detritos.

Este compartimento não tem elementos de valor relevantes, à excepção das duas portas de madeira, que parecem ser as originais (Figs.121,122).



Fig.122



Fig.123



Fig.124



Fig.125

Compartimento 4

O compartimento 4 encontra-se em avançado estado de ruína, devido ao desabamento da cobertura, no último piso, e dos sobrados do meio piso e primeiro piso ficando exposto às intempéries (Fig.211).

Observam-se danos nas paredes, com o reboco danificado por destacamento, empolamento, e devido ao desabamento da cobertura, com a existência de lacunas. Existem bolores, manchas de humidade e colonizações biológicas, em todas as paredes.

A parede de tabique, que separa o compartimento do corredor, encontra-se em avançado estado de apodrecimento, assim como o que resta dos sobrados e restantes elementos de madeira.

O vão voltado para a rua, e o do lado do acesso à cave, foram tapados recentemente. Todas as portas e respectivas guarnições do compartimento, foram retiradas.

É também visível a acumulação de lixo e de detritos.



Fig.126



Fig.127

Cave



Fig. 128 Acesso à cave



Fig. 129 Acesso ao espaço inferior da escadaria principal



Fig. 130 Vista geral cave



Fig. 131 Acessos ao pátio inglês



Fig. 132 Apodrecimento do Sobrado



Fig. 133 Pormenor escadaria principal

A cave apresenta sinais de humidade ascensional em alguns pontos e infiltrações na parede de alvenaria do pátio inglês (Fig.130).

O sobrado está apodrecido no alinhamento das escadas (Fig.132), que liga o meio piso ao último, devido a infiltrações na clarabóia (Fig.152).

As paredes de alvenaria que encerram a escadaria central, diminuem de espessura para permitirem o apoio da mesma (Fig.133). A estrutura e tabuado desta escadaria, apresenta alguns sinais de apodrecimento, devido a infiltrações oriundas da clarabóia principal, e à acumulação de dejectos de aves, que se instalaram na sanca da escadaria.

Os vãos que dão acesso ao logradouro foram encerrados recentemente.

Corredor e Escadas - Lado esquerdo | Escadas - Lado direito

Nestes compartimentos, observam-se danos nas paredes, manifestados no destacamento e empolamento do reboco, bem como na existência de lacunas.

Existem alguns danos no tecto e foi retirado o guarda corpos às escadas.



Fig. 134 (esquerdo)



Fig. 135 (direito)

Pátio Inglês

Neste espaço observam-se danos nas paredes (Figs.136,137), manifestados no destacamento e empolamento do reboco, bem como na existência de lacunas que permitiram a erosão da alvenaria. A alvenaria apresenta também danos derivados do crescimento de vegetação, musgo e líquenes.

Existe acumulação de detritos que associada à inexistência de escoamento das águas pluviais, permite a fácil entrada para a cave.



Fig. 136 Pátio inglês

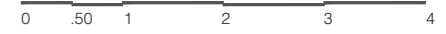


Fig. 137 Vista geral pátio inglês

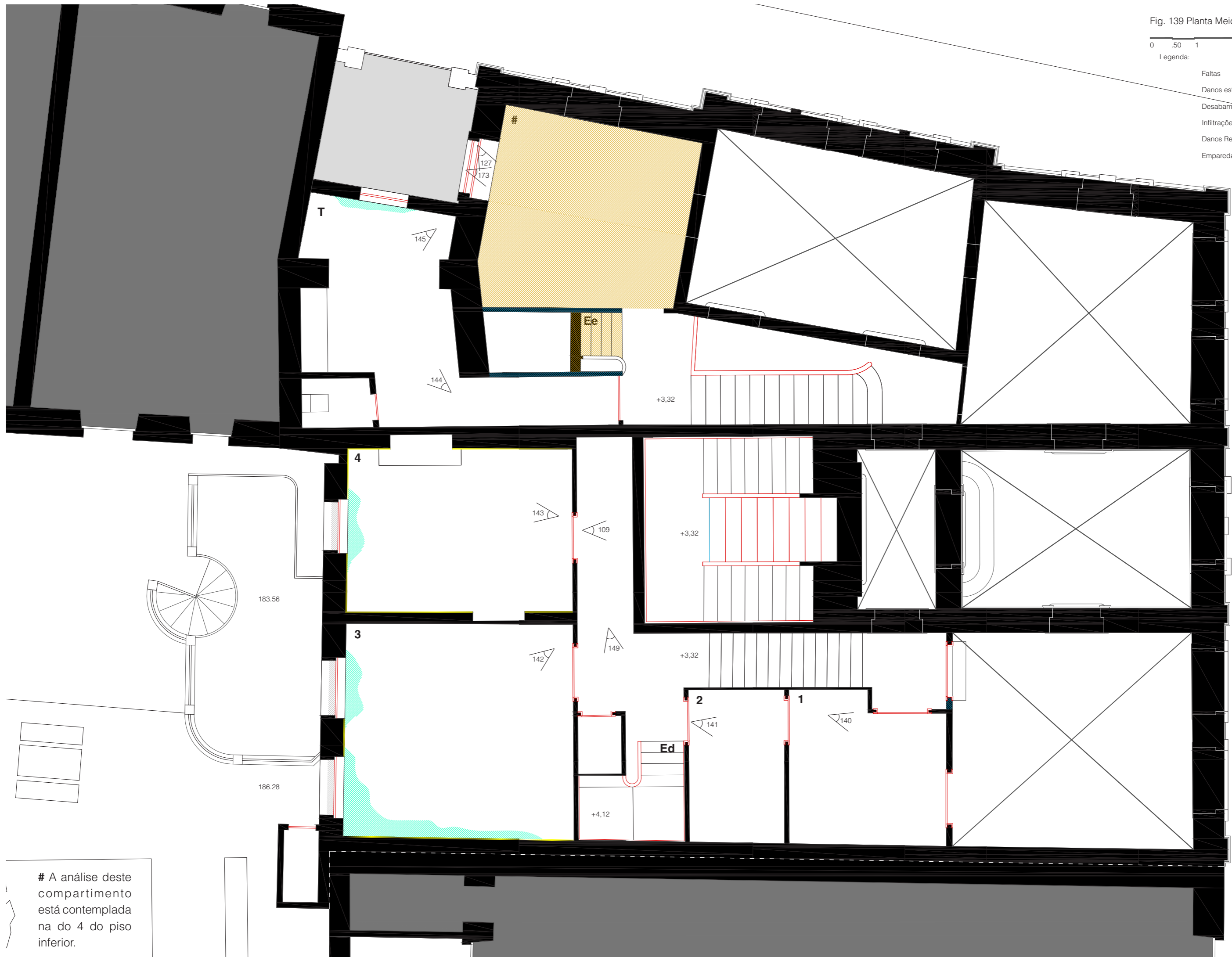


Fig. 138 Escada em caracol

Fig. 139 Planta Meio Piso



- Legenda:
- Faltas
 - Danos estruturais
 - Desabamentos
 - Infiltrações
 - Danos Reboco
 - Emparedamentos



A análise deste compartimento está contemplada na do 4 do piso inferior.

Compartimentos 1 e 2



Fig.140



Fig.141

Estes compartimentos não apresentam patologias relevantes, para além da remoção de alguns rodapés, dos caixilhos, portas e respectivas guarnições. A remoção destes elementos danificou o reboco em alguns pontos.

Compartimentos 3 e 4



Fig.142 Danos derivados de infiltrações na parede de meação



Fig.143 Danos derivados de infiltrações e remoção de revestimento interior

No compartimento três (Fig.142), observam--se danos nas paredes e tecto, manifestados no destacamento e empolamento do reboco, bem como na existência de lacunas. Existem bolores e manchas de humidade, devido infiltrações nos pisos superiores, no encontro da parede do alçado com a de meação, e também no tecto.

O sobrado está apodrecido no correr da parede de meação e principalmente na proximidade dos vãos, por onde entrava água com facilidade.

No compartimento quatro (Fig.143), repetem-se as patologias do anterior, com o acréscimo da remoção dos mosaicos.

Todos os vãos do alçado tardoz foram tapados recentemente.

Torre

Este compartimento foi uma das alterações introduzidas no palacete. Observam-se danos nas paredes e tecto, com o filme de pintura danificado por destacamento e empolamento (Figs.144,145). Existem eflorescências em todas as paredes e também no tecto, devido infiltrações no piso superior e respectiva varanda.

Os danos no caixilho tem permitido a entrada de água (Fig.144).



Fig.144 Arco perfeito do plano frontal da torre



Fig.145 Eflorescências e danos no filme de pintura

Escadas - Lado esquerdo

Este acesso vertical que liga o meio piso ao último, encontra-se em estado de ruína, devido ao colapso da cobertura e clarabóia. A exposição contínua à acção da água levou ao apodrecimento dos lanços de escadas, tendo desabado todos, com excepção do último (Fig.146). Os patamares que ainda se mantém, estão em avançado estado de apodrecimento e em risco de colapsar.

No reboco das paredes, (tanto de alvenaria como de tabique), observam-se danos de destacamento, empolamento, e derivados do aluimento, com a existência de lacunas (Fig.146 a 148). Existem bolores, manchas de humidade e colonizações biológicas, devido às infiltrações. A parede que separa as escadas dos compartimentos voltados para o alçado, estão completamente apodrecidas, e a sua integridade estrutural comprometida (Fig.146 lado direito).



Fig.146 Cobertura e escadas colapsadas



Fig. 147



Fig. 148

Escadas - Lado direito



Fig. 149 Arranque da escada no meio piso



Fig. 150



Fig. 151 Último lanço de escadas

Neste acesso vertical que liga o meio piso ao último, observam-se danos derivados de infiltrações na cobertura, que levaram ao destacamento do estuque tanto do tecto como da clarabóia (Fig.152), assim como ao apodrecimento dos elementos de madeira. Alguns degraus também se encontram apodrecidos no enfiamento dos locais de infiltração (Fig.151).

No reboco das paredes, (tanto de alvenaria como de tabique), observam-se danos de destacamento, empolamento e abrasão, patentes na existência de lacunas (Fig.149 a 151) . Existem bolores e manchas de humidade na parede de meação, devido às infiltrações.

O guarda corpos e todos os rodapés foram retirados.



Fig. 152 Danos na clarabóia

Fig. 153 Planta Primeiro Piso



0 50 1 2 3 4

Legenda:

- Faltas █
- Danos estruturais █
- Desabamentos █
- Infiltrações █
- Danos Reboco █
- Emparedamentos █



Compartimento 1

Neste salão, a eixo da escadaria, observa-se danos na parede de alvenaria do alçado, com o filme de pintura danificado por destacamento e empolamento (Fig.156 e 158).

As restantes paredes apresentam danos no reboco devido à remoção dos rodapés, portas e respectivas guarnições. A parede mista que separa este compartimento do que faz gaveto, encontra-se muito danificada, porque aqui existiria um caixilho que fora tapado aquando da divisão do palacete. Supõe-se que a remoção desse caixilho a tenha deixado neste estado (Fig.155).

O tecto apresenta manchas de humidade e destacamento de estuque tanto na proximidade do alçado como do átrio da escadaria, derivadas de infiltrações na cobertura e platibanda. Estas provocaram alguns focos de apodrecimento no pavimento.

A relação (a eixo) deste espaço com a escadaria e alçado principal, assim como a qualidade tecto e dos restantes acabamentos atribuem-lhe valor.



Fig.154 Danos no tecto



Fig.155 Vão emparedado

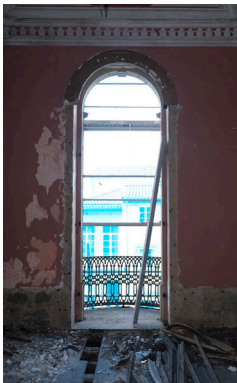


Fig.156

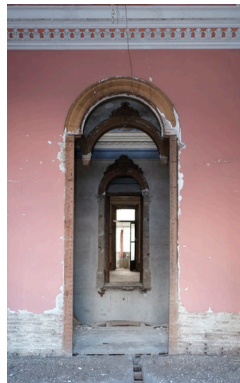


Fig.157



Fig.158 Vão comunicante com o Salão maior

Compartimento 2



Fig.159 Pormenor do tecto



Fig.160 Vista geral do Salão

Este salão, o maior e mais nobre do palacete, encontra-se muito desprestigiado devido à remoção de todas as portas, caixilhos e respectivas guarnições, assim como o mau estado das pinturas que o ornamentam.

Observam-se danos nas paredes, com o reboco danificado com a existência de lacunas, devido a destacamentos, empolamentos, fissuração, e também relativos à remoção de cablagem eléctrica (Fig.161 e 164). Na parede de meação (Fig.162) existem bolores, manchas de humidade e colonizações biológicas, devido a infiltrações na cobertura (Fig.191).

No tecto observam-se manchas de humidade, destacamento de estuque e o apodrecimento dos fasquios e da estrutura do tecto (Fig.160). Isto acontece tanto no alinhamento da varanda do piso superior, como paralelamente, junto da parede de meação (Fig.162).

Todo o pavimento foi removido o que acelerou o processo de degradação da estrutura do sobrado e do tecto do compartimento no piso inferior, devido as infiltrações antes referidas. Outro factor que contribuiu para a degradação do sobrado, foram danos nos caixilhos, que permitiram a entrada de mais água.



Fig.161 Alçado esquerdo

Este salão é decorado por uma pintura, composta por dois frisos horizontais, um que acompanha a sanca e outro o rodapé. Estes frisos em tons vermelhos, dourados e verdes, são compostos por motivos vegetalistas e geométricos.

A eixo dos espaços entre aberturas, existem frisos verticais com desenhos alusivos a instrumentos musicais e onde estava inserida a iluminação do salão. No plano da parede de meação (Fig.164), a composição é acertada pelo acréscimo de dois frisos verticais, no alinhamento das aberturas, da parede oposta.

Todas as aberturas têm o mesmo tratamento que as do átrio das escadas, com excepção da que comunica com o salão a eixo da escadaria, que tem uma porta de maior dimensão, com arco tripartido (Fig. 161).

O tecto deste salão é o mais rico do palacete, dividido numa quadricula ornamentada por motivos vegetalistas, que se repetem a uma escala mais reduzida, no friso da sanca.



Fig.162 Danos derivados de infiltrações



Fig.163 Vãos desprovidos de portas e guarnições



Fig.164 Alçado direito - Parede de meação

Compartimento 3



Fig.165

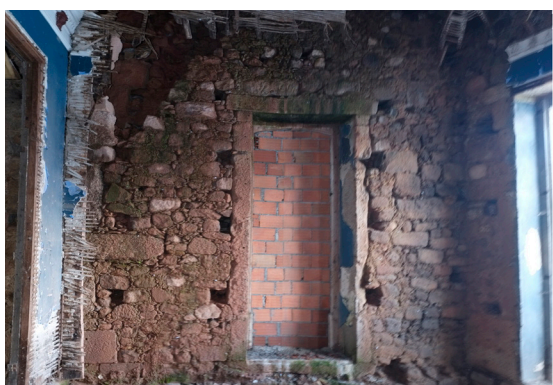


Fig.166 Parede de alvenaria exposta após desabamento da parede de tabique



Fig.167 Vão emparedado

Este compartimento que faz gaveto, está localizado no quadrante mais afectado do edifício, o esquerdo. Aqui existiria uma parede de tabique (parte ainda é visível na Fig.166), afastada da de alvenaria, que aluiu com parte do tecto e do sobrado, devido a infiltrações na platibanda.

Observam-se danos nas paredes, com o reboco danificado por destacamento, empolamento, e acção humana/mecânica, com a existência de lacunas (Figs.165,166 e 168). Existem bolores, manchas de humidade e colonizações biológicas, nas paredes de alvenaria do gaveto. Existem danos no encontro da parede de tabique com a de alvenaria, que coincide com a dobra/saliência do alçado, tendo parte da alvenaria, já caído (Fig.166).

O tecto, bastante elaborado, encontra-se em avançado estado de apodrecimento e em risco de queda devido às infiltrações (Fig.100). O mesmo acontece com o sobrado, onde também se acumulam dejectos de aves.

Os vãos dos alçados foram recentemente tapados, mas os danos prévios, nos caixilhos, aceleraram a degradação do compartimento.

Foram retiradas todas as portas e respectivas guarnições do compartimento.



Fig.168 Danos no contacto do tecto com as fachadas

Compartimento 4

Este compartimento, assim como o anterior, encontra-se bastante danificado. Grande parte do tecto e sobrado aluíram, e a restante, está em avançado estado de apodrecimento, com o risco de queda iminente (Figs.169,173).

Observam-se danos nas paredes, com o reboco danificado por destacamento, empolamento, e acção humana/mecânica, com a existência de lacunas. Existem bolores, manchas de humidade e colonizações biológicas, na proximidade do alçado e principalmente na parte que já não tem cobertura.

Os tectos estão em avançado estado de apodrecimento devido à exposição continua a humidade e infiltrações, correndo o risco de queda iminente. O que é possível verifica a flexão que existe sobre o mesmo (Fig.196).

O armário em tabique, que separa o compartimento das escadas (Fig.172), também se encontra em avançado estado de apodrecimento e em risco de queda.

Os vãos dos alçados foram recentemente tapados, mas os danos prévios, nos caixilhos, aceleraram a degradação do compartimento (Fig.170).

Foram retiradas todas as portas e respectivas guarnições do compartimento.



Fig.169 Abaulamento do tecto na passagem para a sala seguinte



Fig.170 Compartimento exposto às intempéries



Fig.171 Tecto falso e sobrado em risco de queda

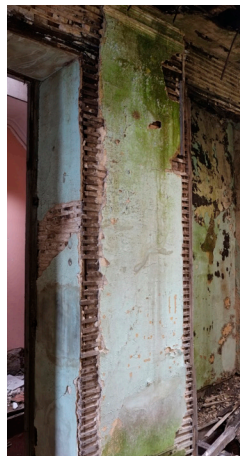


Fig.172 Armário em avançado estado de apodrecimento



Fig.173 Avançado estado de apodrecimento do compartimento 4 e do sobrado do 5 no piso superior

Compartmento 5 e 6



Fig.174 (6) Vão que liga os dois compartimentos



Fig.175 (6) Infiltrações na parede de meação



Fig.176 (6)
Parede dupla



Fig.177 (6) Danos na pintura



Fig.178 (5) Infiltrações na parede divisória dos compartimentos (esq.) e na da torre (dir.)

Nestas duas salas comunicantes, observa-se vários danos no filme de pintura, derivados de destacamento e empolamento. Isto acontece nas paredes de alvenaria (meação e torre) e nas de tabique (parede dupla do tardoz, e a que divide o compartimento). Existem lacunas no reboco, derivadas de humidade, no encontro da parede de meação com o alçado tardoz (Fig.175), bem como danos derivados da remoção dos rodapés, das portas interiores e respectivas guarnições.

O tecto do compartimento cinco (Fig.178), apresenta marcas de humidade e formação de bolor, devido a infiltrações que ocorrem no último piso, neste alinhamento, que também afectam a parede de tabique (Fig.177 e 178). Existem, também, infiltrações no encontro da parede do tardoz, com a da torre (Fig.178 lado direito). Ainda neste compartimento é possível observar fissurações, tanto no tecto como nas paredes.

O pavimento das duas salas está deteriorado nos locais das infiltrações antes referidas.

Torre

Este compartimento, assim como, os restantes nos pisos superiores deste volume, estavam destinados aos sanitários.

Aqui podemos observar danos nas paredes de alvenaria, com fissurações e marcas de escorrimento de humidade, a partir das fissuras.

O vão existente foi emparedado recentemente, mas a anterior ausência de caixilho, permitiu a degradação do pavimento e acumulação de lixo, assim como a entrada de água.



Fig.179 Acumulação de lixo no sanitário

Circulações

As circulações deste piso estão no geral desprovida de rodapés, portas, caixilhos e respectivas guarnições. Na do lado esquerdo, podemos observar danos no reboco devido ao fecho de um vão (Fig.181), e a fissurações.

Na circulação do lado tardoz, observam-se danos no reboco, causados por acção humana (Fig.182).

Existe acumulação de detritos em todas as circulações que levou à degradação dos pavimentos.



Fig.180 Circulação lado direito



Fig.181 Circulação lado esquerdo



Fig.182 Circulação lado tardoz

Fig. 184 Planta Segundo Piso



0 50 1 2 3 4

Legenda:

- Faltas █
- Danos estruturais █
- Desabamentos █
- Infiltrações █
- Danos Reboco █
- Emparedamentos █



Galeria sobre Escadaria Principal

Neste espaço existem fissurações no reboco de todas as paredes de tabique, devido ao assentamento/abaulamento da cobertura. A remoção de todos os rodapés, as portas e respectivas também deixou danos no reboco. O guarda corpos do *mezanin* também foi removido.

No tecto existem danos no lado do perímetro da clarabóia, derivados de infiltrações na cobertura, que levaram à queda de estuque, ao apodrecimento dos fasquios e da estrutura do tecto nessa área. Este ponto de infiltração tem vindo a causar danos no sobrado deste piso, assim como na escadaria, no piso inferior.

Este compartimento destaca-se dos restantes neste piso pela qualidade dos seus acabamentos. As paredes são ornamentadas com fingidos de mármore a duas tonalidades, um friso em tons bege que contorna o tecto, os rodapés e as portas, definindo nos espaços entre aberturas, rectângulos brancos contornados por dois frisos pretos.

O tecto, muito elaborado, é composto por um friso de motivos orgânicos, que faz a transição entre o plano das paredes e o tecto onde surgem padrões floreados sobre um fundo azul que se repete no interior da clarabóia.

A clarabóia principal, apresenta na orla inferior de remate com tecto um friso boleado e dentado ao qual se sobrepõe um rectilíneo, rematado por folheados. Esta orla apresenta-se saliente em relação ao plano inclinado da clarabóia, e os seus motivos relacionados/interligados com os da orla superior através de frisos verticais que ligam os dois desenhos.



Fig.185 Clarabóia principal



Fig.186 Galeria sobre a escadaria principal



Fig.187 Alinhamento dos vãos com óculo do alçado principal

Compartimento 1



Fig. 188 Acesso à varanda



Fig. 189 Danos no tecto devido o abaulamento da cobertura



Fig. 190 Danos e fissurações nas paredes devido ao abaulamento da cobertura

Este compartimento, alinhado a eixo com o anterior e com o óculo do alçado principal, encontra-se bastante danificado, devido ao abatimento/abaulamento da cobertura (Fig.206), junto do frontão, causando danos estruturais e deformações nas paredes de tabique interiores e exteriores (Figs.188 a 190), proporcionando infiltrações, que têm vindo a afectar o salão, no piso inferior.

A este compartimento, também foram retirados os rodapés, as portas e respectivas guarnições

O pavimento e as escadas que acedem à varanda, encontram-se apodrecidos, devido às infiltrações antes referidas (Fig.188).

O vão do óculo foi tapado recentemente.

Compartimento 2

Este compartimento apresenta graves infiltrações na cobertura, na proximidade da parede de tabique (da varanda) e da parede de meiação. O tecto, o sobrado e as paredes, estão em avançado estado de apodrecimento devido à acção da água.

Esta infiltração é a causa dos danos no salão nobre, do piso inferior.



Fig.191 Infiltrações na cobertura e parede de meiação

Compartimento 3

Nas paredes de tabique deste compartimento, observa-se o destacamento do filme de pintura; e danos no reboco, provocados por fissurações e destacamento, com a existência de lacunas.

As fissuras indicam, que neste compartimento, também houve assentamento da cobertura.

O sobrado encontra-se apodrecido, na proximidade dos alçados, devido a infiltrações oriundas da platibanda.



Fig.192 Fissurações e danos no filme de pintura

Compartimento 4

Este compartimento está muito afectado, devido ao aluimento do compartimento seguinte, que o deixou completamente exposto à acção climatérica.

A parede de tabique visível na figura, já não preserva integridade estrutural e corre risco de aluir iminente. As restantes paredes e o sobrado, estão também afectados pela acção da água/humidade.



Fig.193 Danos estruturais na parede de tabique

Compartimento 5

Este compartimento encontra-se em ruína, cobertura e parte do sobrado colapsou, o que deixou o compartimento exposto, o que acelerou a degradação do mesmo. O restante sobrado que ainda existe, assim como a parede de tabique que separa este espaço da escada encontram-se em avançado estado de apodrecimento, correndo o risco de desabar a qualquer momento. As paredes apresentam danos no reboco devido aos desabamentos

e à exposição contínua à água. Não existem caixilhos nem portas neste compartimento.

O estado em que este se encontra não me permitiu a entrada para obter fotos e medições, mas é possível observar partes do mesmo nas figuras 170, 173 e 211.

Compartimento 6 e 7



Fig.194 (6)



Fig.195 (7)

Nestes dois compartimentos, observam--se danos no reboco, derivados da acção da água, na parede de tabique que faz a divisão dos dois espaços (Fig.194), e no encontro da parede do tardo, com a da torre (lado direito) e com a de meação (lado esquerdo). Também existem danos derivados da remoção dos rodapés, das portas interiores e respectivas guarnições, em todas as paredes.

O tecto do compartimento seis (Fig.194), apresenta danos no estuque, derivados de infiltrações na cobertura, estando os fasquios e a estrutura apodrecidos. O tecto apresenta bolores e sinais de infiltração no contacto as paredes de meação e da torre. Isto aponta a que todas as infiltrações, destas duas salas, sejam oriundas da cobertura.

O pavimento das duas salas está deteriorado nos locais das infiltrações antes referidas.

Capela



Fig.196



Fig.197

Esta pequena capela, está completamente desvirtuada, devido à remoção de elementos do altar, o que o deixou bastante danificado.

O tecto encontra-se em avançado estado de degradação, devido a infiltrações na cobertura, assim como o pavimento.

Torre



Fig.198 Degraus que davam acesso à torre



Fig.199 Último piso da torre

Circulação

A circulação deste piso, apresenta danos no reboco, comuns ao resto da casa, e causados pela remoção dos rodapés, das portas interiores e respectivas guarnições.

No corredor do lado tardo, observam-se várias fissuras, tanto no tecto como nas paredes. Na figura 129, é possível ver o abaulamento do tecto (topo esquerdo).

No corredor direito (Fig.130), há formação de bolores, líquenes e fissuras, derivados de infiltrações, na cobertura, junto da parede de meação. O tecto também se encontra afectado pela anterior.

Existe acumulação de detritos, em toda a circulação, o que tem vindo a danificar o pavimento.



Fig.200 (tardo)



Fig.201 (esquerdo)



Fig.202 (direito)



Fig.203 (direito)

Varanda, Platibanda e Cobertura



Fig.204 Varanda

Na varanda, observa-se vários tipos de colonização biológica, como musgo, líquenes e vegetação, devido à falta de limpeza e à deficiência/insuficiência do escoamento de água. Este motivos são a causa dos danos sofridos nos pisos inferiores, tendo em conta, que estas patologias se estendem a toda a platibanda (fig.s 206 a 211).

A cobertura encontra-se no geral me mau estado. Devido a deformações, ao desgaste dos materiais, aos encontros defeituosos das águas dos telhados, à ausência de caleiras ou do seu escoamento, a telhas partidas, ao acumulado de sujidade, ao crescimento de vegetação e musgo, e sobretudo devido à falta de manutenção, associada a reparos mal executados.

As clarabóias também se encontram danificadas, devido à oxidação e dilatação dos elementos metálicos da estrutura do lanternim, que levou à quebra de alguns vidros.

Em suma, o estado da cobertura, é principal fonte da maioria das problemas que afectam este edifício.



Fig.205 Clarabóia Principal



Fig.206 Deformação na cobertura



Fig.207 Insuficiência de escoamento



Fig.208 Acumulação de lama na caleira



Fig.209 Espaço sob a platibanda



Fig.210 Degradação dos revestimentos



Fig.211 Cobertura do compartimento 5 desabada

Alçados



Fig.212 Vista do gaveto



Fig.213 Vista da rua Frei Caetano Brandão

Os alçados principais (rua Frei Caetano Brandão e Dom Paio Mendes) foram recentemente limpos e pintados, num tom mais claro que o original. Todos os vão, à exceção da porta principal e das duas portas a eixo do alçado da rua Frei Caetano Brandão, foram tapados com tijolo e rebocados. Na reentrância da torre os vãos estão abertos e sem caixilho. O primeiro vão da torre, correspondente ao sanitário do primeiro piso, também foi tapado.

No alçado tardoz, fecharam-se os vãos à cota do logradouro e os à cota do pátio inglês.



Fig.214 Alçado tardoz

Fig.215 Corte Longitudinal AA'

Legenda:

- Faltas
- Danos estruturais
- Desabamentos
- Infiltrações
- Danos Reboco
- Emparedamentos



Fig.216 Corte Longitudinal BB'

Legenda:

- Faltas
- Danos estruturais
- Desabamentos
- Infiltrações
- Danos Reboco
- Emparedamentos

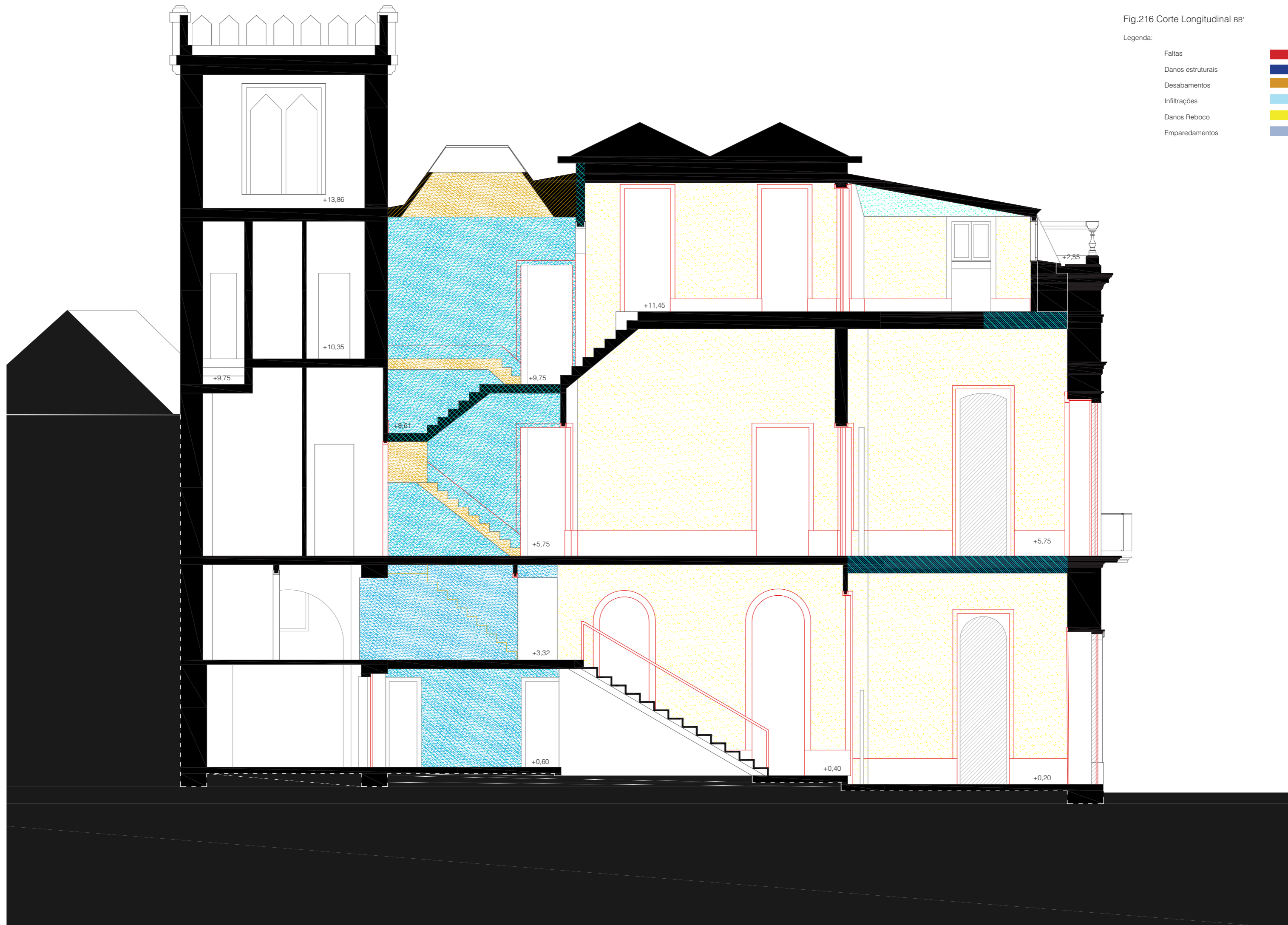


Fig.217 Corte Transversal cc'

Legenda:

- Faltas █
- Danos estruturais █
- Desabamentos █
- Infiltrações █
- Danos Reboco █
- Emparedamentos █



4.1.2 Levantamento Construtivo

Construtivamente este edifício apresenta-se dentro das características da construção pré-industrial, à excepção de algumas particularidades.

As fachadas e o núcleo central da escadaria em alvenaria, são constituídos por perpiano granito irregular de média dimensão com pedra pequena nas juntas a servir de calços (Fig.219 e 220). As fachadas apresentam no rés-do-chão uma espessura média de 67cm, o núcleo central 50cm, que no primeiro piso reduz para 18cm. Esta redução dá-se no interior do átrio da escadaria principal, permitindo o apoio das escadas e do patamar, na parede.

No primeiro piso a maioria das paredes são em tabique. Mantém-se em alvenaria, as longitudinais da escadaria, e a do lado esquerdo continua até ao encontro da torre. Isto denota a existência de dois eixos centrais fortes, necessários devido à largura e comprimento do edifício.

No segundo piso todas as paredes são em tabique, incluindo as exteriores. Ao longo de todo o edifício, a espessura destas varia entre os 10 e 20cm, havendo assim paredes de tabique simples, com duplo tabuado e com duplo tabuado e espaçamento.

Uma das particularidades do edifício, são os sobrados, que para além dos paus rolados e tarugos (com 20 a 25cm de diâmetro), apresentam uma estrutura secundária de menor dimensão (10cm), que varia entre um a três elementos, entre paus rolados (Fig.218). Outra particularidade são as molduras das portas mais ornamentadas serem constituídas por elementos de madeira (com fasquios) estucados e pintados, ao invés de peças de madeira trabalhada. Isto só é visível nos arcos que permanecem, as ombreiras/guarnições que foram retiradas, suponho que fossem constituídas exclusivamente por elementos de madeira, pois o estuque não seria suficientemente resistente para suporte das portas. (Fig.227 e 228).

No último piso, com o recuo da fachada perante a platibanda, passa a existir

uma espécie de varanda que permite a iluminação dos compartimentos, bem como a recolha da água proveniente da cobertura. Este recuo, é rematado com o assentamento de uma fiada de silhares/pedras, que avançam sobre o plano interior da platibanda cerca de 60cm. Estes elementos contêm um canal de 15cm de largura por 4cm de profundidade, desbastada na pedra, paralelamente à platibanda (35cm de distância), onde assentam as chapas onduladas, que revestem as paredes de tabique do recuado (Fig.223 e 224). Posteriormente as águas desta caleira transitam para o exterior por um conjunto de canais perpendiculares ao anterior, que distam aproximadamente 85cm, e passam por baixo da base da platibanda.



Fig.218



Fig.219



Fig.220

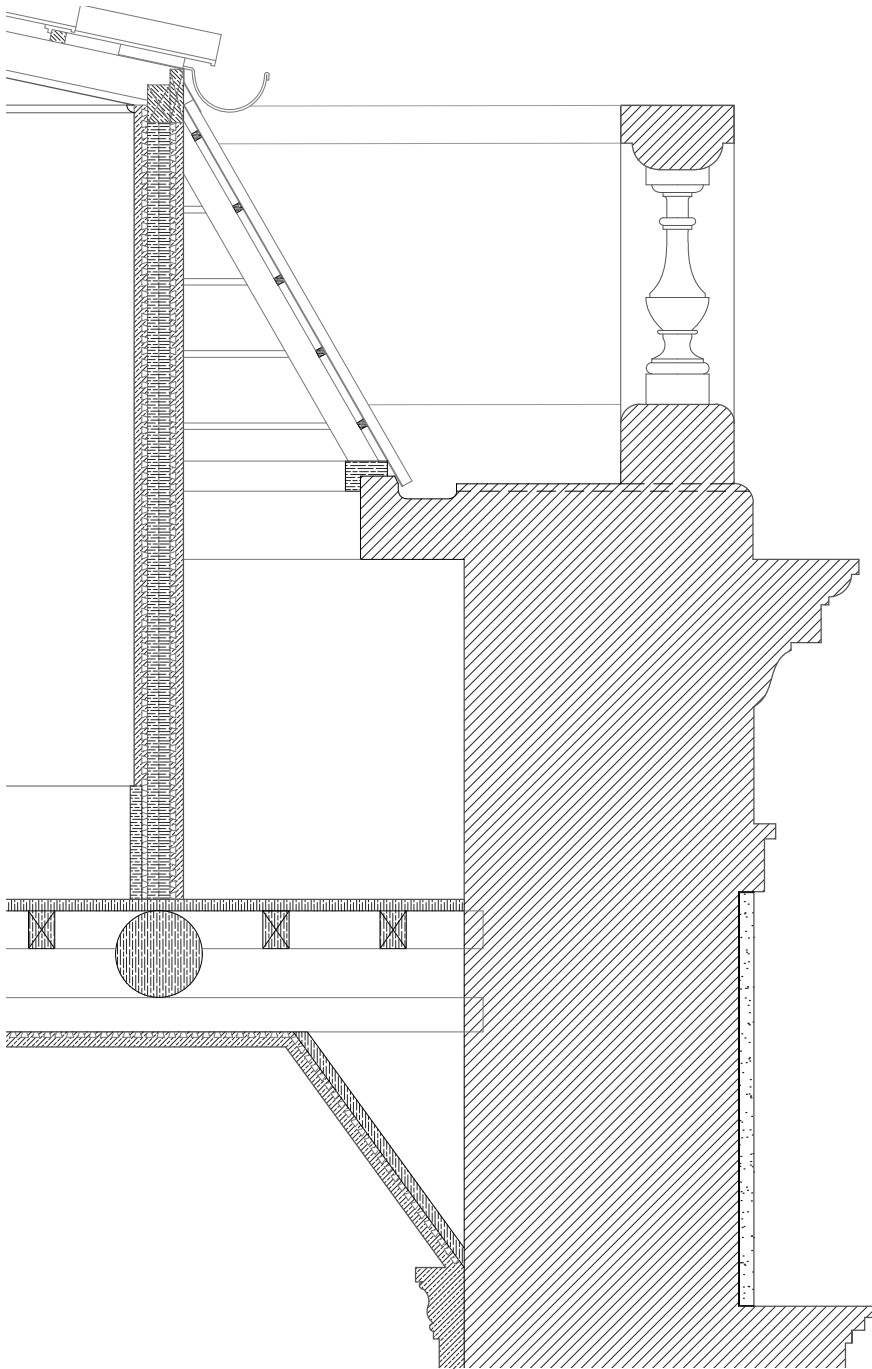


Fig.221 Corte Platibanda - escala 1/20

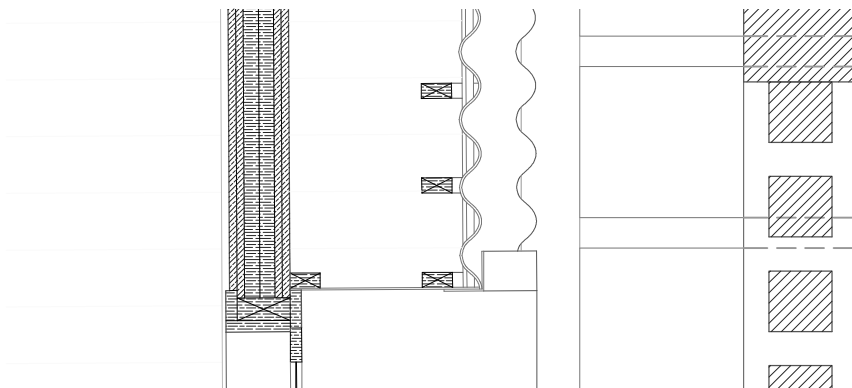


Fig.222 Planta Platibanda - escala 1/20



Fig.223



Fig.224

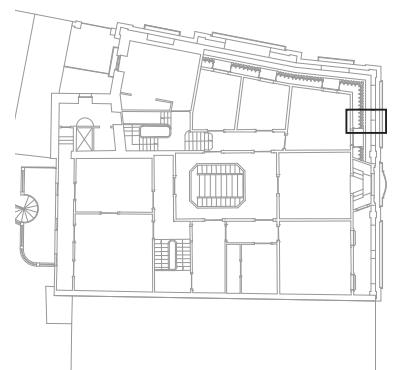




Fig.227



Fig.228

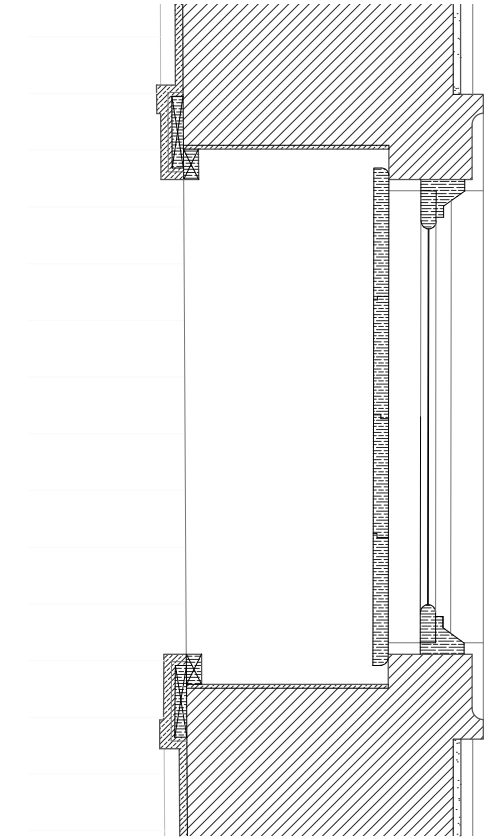
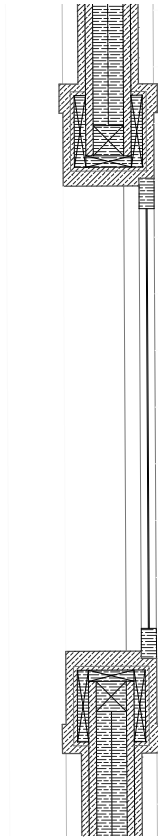
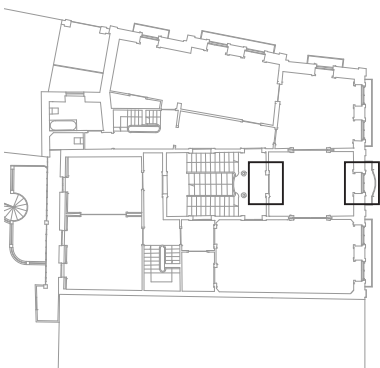


Fig.225 Planta vãos (Bandeira) - escala 1/20

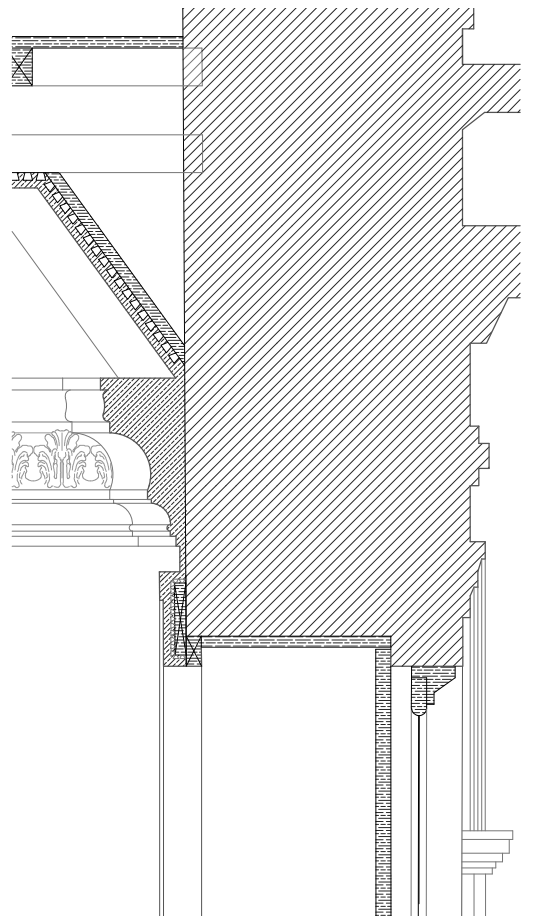
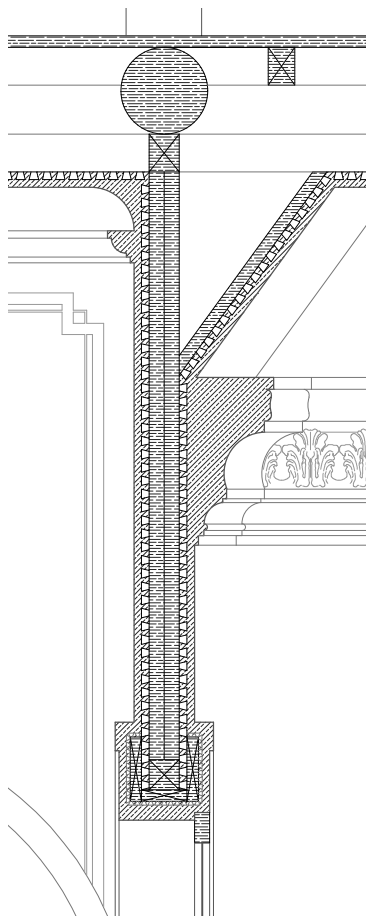


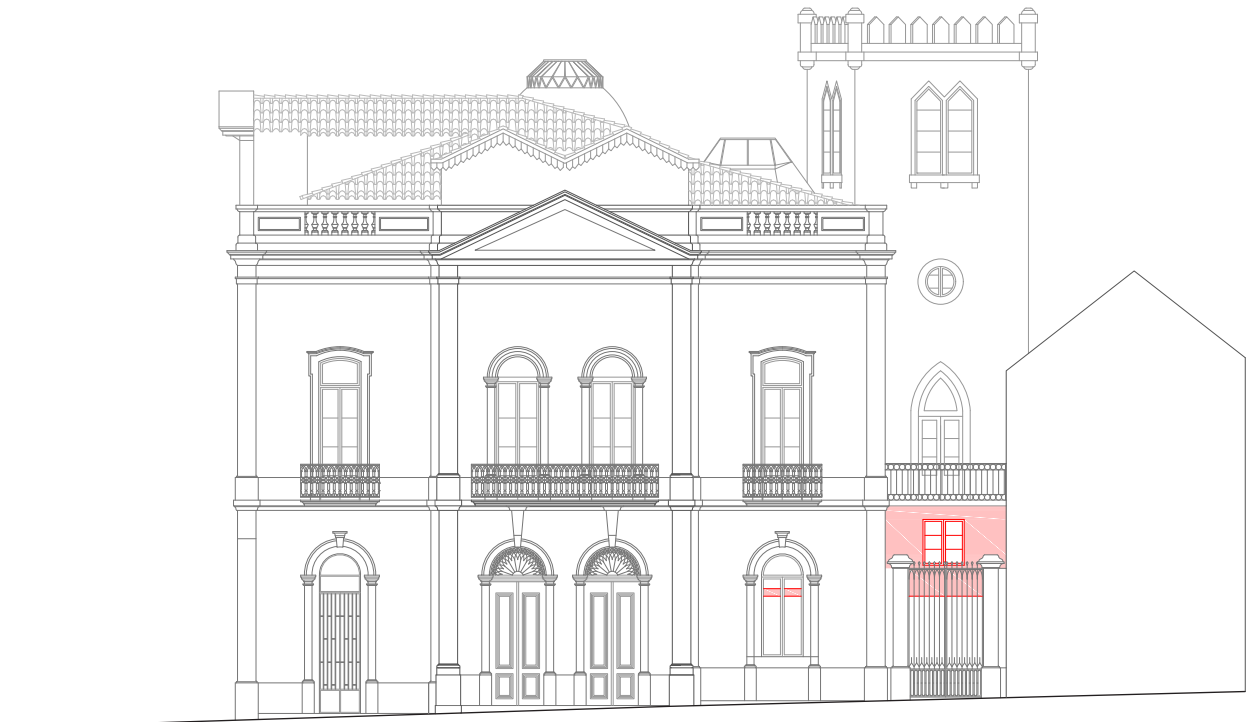
Fig.226 Corte vãos - escala 1/20

4.1.3 Alterações

O estado e organização original deste palacete são desconhecidos, mas uma análise atenta do levantamento, permite tirar algumas conclusões relativamente às alterações que lhe foram introduzidas.

De seguida, com recurso a desenhos e fotos recolhidas no local, vai ser realizada uma tentativa de interpretação do que terá sido o edifício na sua origem, procurando assim reconstituir a sua forma original.

Fig.229 Alçado lateral - escala 1/200



Legenda: Alterações ■

Fig.230 Alçado tardoz - escala 1/200



Legenda: Alterações ■

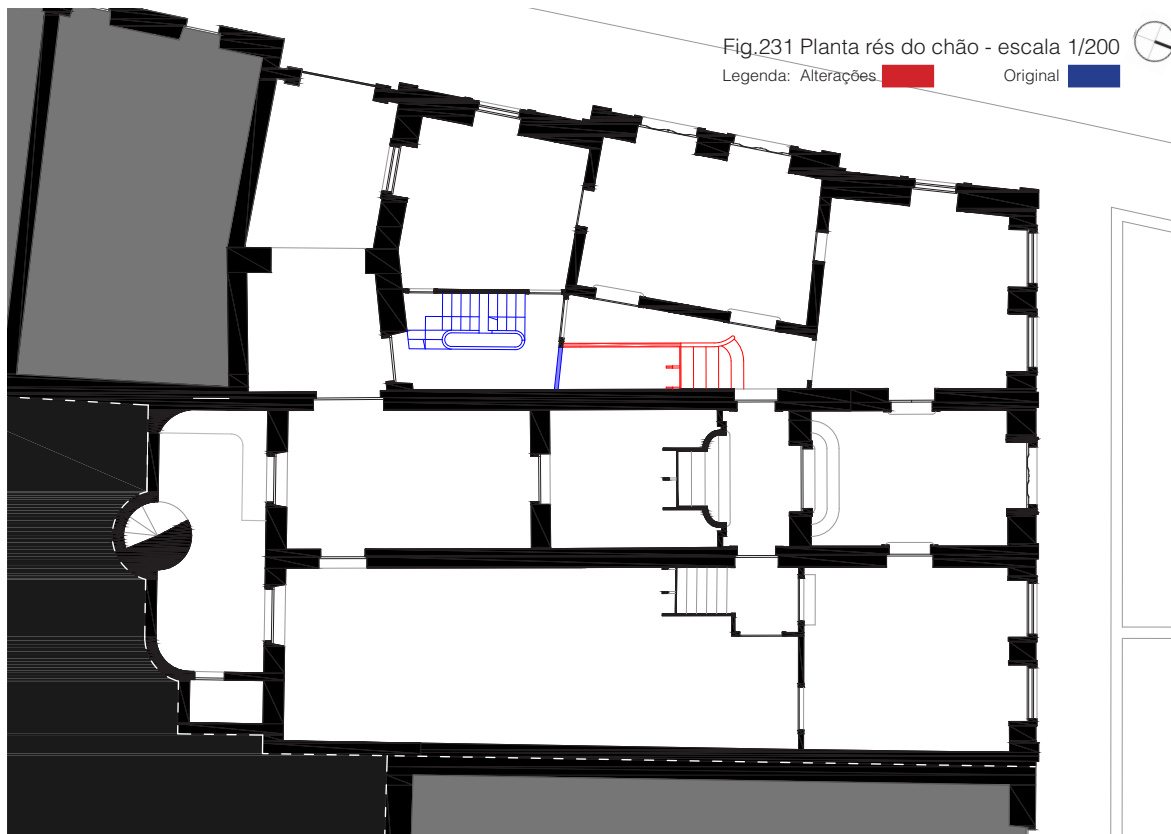


Fig.232



Fig.233



Fig.234



Fig.235

Neste piso foram acrescentadas, uma escada que faz a ligação ao meio piso. O que leva a fazer-se esta afirmação, é o facto do corredor trapezoidal onde se insere afunilar para o início da escada, restando apenas 30cm para circulação entre a escada e parede (Fig.232). A escada original, estaria localizada no alinhamento das existentes, nos pisos superiores. Isto é possível perceber nas diferenças de cor entre rebocos (Fig.234), devido aos remendos executados após a alteração; assim como pela continuidade da bomba de escadas e pelo facto de não ter sido prolongado o sobrado, de maneira a fechar o local onde passava a escada original (Fig.235).

Suponho que as escadas tenham sido alteradas, aquando da abertura da passagem e do prolongamento do meio piso para a torre. Isto porque, o último degrau das escadas interceptaria o actual corredor (ver planta do meio piso, Fig.236). Se observarmos o tecto (fig.233) percebemos que o roda tecto, que tem continuidade por todo este compartimento, foi interrompido, devido à construção de uma parede de tabique, que define o corredor de acesso à torre.



Neste piso, quanto à ampliação do piso para a torre, não restam dúvidas, por se tratar de uma laje aligeirada (Fig.237), assim como o alçado em tijolo/bloco. Quanto ao compartimento, junto das escadas, pensa-se que seja posterior por intersectar o vão do alçado lateral (Fig.238). No piso inferior já existiria um vão, no alinhamento de outros dois, do compartimento seguinte (ver planta rés do chão, Fig.231), e aquando do aumento da laje, terá sido aberto um no alinhamento do inferior (Fig.239). Também é possível observar alterações, na constituição da parede de alvenaria, onde se inserem estes dois vãos, provavelmente derivadas da abertura dos mesmos (Fig.240).

Neste logradouro deste piso foi acrescentado um anexo com paredes em alvenaria de granito. Parte deste encontra-se para além do enfiamento da parede de meação, estando então encostada ao muro da propriedade contígua (ver planta Fig.236).



Fig.237



Fig.238



Fig.239



Fig.240



Fig.242



Fig.243



Fig.244



Fig.245



Fig.246

O primeiro piso, foi alvo de alterações, decorrentes da divisão do palacete em duas habitações. Foram tapados três vãos com caixilho, dois no átrio da escadaria principal e um no salão a eixo desta (Fig.242 e 243). A ligação do corredor do tardo, com as escadas do lado esquerdo, também foi tapada (Fig.s 244 a 244), o roda tecto é interrompido, assim como na base se consegue observar que a parede é executada com pedras de pequena dimensão ligadas com argamassa de cimento, incomum à época em que o edifício foi construído.

No alçado tardo, a varanda foi encerrada com uma marquise, constituída por uma caixilharia de guilhotina em metal (sobre o guarda corpos existente) e cobertura em chapa metálica ondulada. No extremo direito, varanda é prolongada sobre o anexo do piso inferior e encerrada com paredes em bloco (ver planta, Fig.241).



No segundo piso pensa-se terem existido alterações na platibanda (resultando na actual varanda), pois acho incoerente a diferente solução construtiva perante o conjunto, e pelo facto de esta varanda ter o pavimento em betonilha. Penso que esta intervenção terá tido em vista resolver problemas de infiltrações, que são recorrentes por toda a platibanda do edifício.

Nas escadas do lado esquerdo, foi encerrada a passagem que dava acesso à torre.

O alçado tardoz foi aumentado, com a construção de uma parede (de bloco de betão) no alinhamento da varanda inferior, com laje e pilares em betão. Penso que esta alteração e a das escadas, estejam relacionadas com a divisão do palacete, pois o aumento no tardoz permite o acesso à torre, assim como o fecho da passagem, a isola para uma só habitação.



Fig.248



Fig.249

3.4 O Programa

Na primeira visita ao palacete com o assessor do proprietário, questionei-o sobre o futuro do edifício. Informou da intenção de o converter num hotel em conjunto com o edifício anexo. Este projecto encontra-se suspenso devido ao facto se tratar de um edifício classificado, o que implica a conservação e recuperação de vários elementos de valor, assim como não permite grandes alterações na disposição original dos compartimentos. Estas condicionantes acrescem o valor da intervenção, para a qual o proprietário aguarda financiamento público. E condicionam a reconversão daí a reticência em avançar com o projecto. Coloquei, então, a hipótese de adaptar o palacete a várias habitações, a qual me respondeu que em Braga, dentro do Centro Histórico, não existe mercado para habitação tão dispendiosa e que o facto de não incluir garagem reduz ainda mais as hipóteses de uma futura venda.

Posto isto surgiu a vontade de não propor um programa singular mas sim um mais diversificado, dinâmico e revitalizador, que concentre em si vários usos e dê resposta às necessidades de uma envolvente bastante versátil. Para encontrar resposta a esta vontade seguiu-se uma análise à envolvente e às suas tendências.

Como ditado na época medieval, esta envolvente continua a ser reservada aos “ofícios”, “mesteres” e aos “mercadores”, na maioria do edificado. No entanto hoje em dia, tratando-se de uma zona central da cidade, vive muito do turismo, da vida nocturna e restauração. Aqui encontramos um variado leque de comércio, com bastante ênfase nos produtos típicos, regionais e artesanais. Existem oficinas/lojas de

produção de artesanato com grande história e tradição. Salientam-se os instrumentos musicais (cavaquinhos, violas, guitarras, nomeadamente a Viola Braguesa), Arte Sacra, artigos de linho, bordados, miniaturas em madeira, farricocos, ferro forjado, sinos e as famosas velas votivas. Recentemente surgiram outras oficinas/lojas dedicadas à produção e comércio de sabonetes, compotas, licores, bijuterias e bonecas pintadas com trajes regionais. Esta forte componente de produção artesanal é pautada por eventos/feiras semanais e sazonais, e também por um evento de maior escala, a Braga Romana, que atrai comerciantes e artesãos de toda Península Ibérica.

Assim, surgiu a ideia de um equipamento público-cultural dedicado ao artesanato, à sua produção, comércio, história e difusão, articulado com um restaurante e um bar/cafetaria. Um espaço polivalente que dê continuidade e estímulo ao existente mercado e saber ligados ao artesanato mas que, ao mesmo tempo dá resposta à nova configuração, focada na restauração e nos bares nocturnos, usando-a como atractor a um edifício que se quer da cidade e aberto à cidade, como acontece no GNRation. Considero uma proposta pertinente, na medida que pode funcionar como apoio físico e logístico à elevada componente artesanal da cidade, fornecendo espaços para exposição, produção, formação, comercialização, organização e acolhimento de eventos.

“As sociedades contemporâneas têm necessidade de desenvolver estratégias locais, educativas e culturais que transmitam valores e uma identidade susceptíveis de promover e valorizar a diversidade cultural

e o desenvolvimento de sociedades sem conflitos, prosperas e sustentáveis”⁵⁹.

O programa proposto consiste de um bar/cafetaria associado a um restaurante (de pratos típicos) no piso térreo, numa lógica de interacção com os existentes na rua Dom Paio Mendes, actualmente pedonal, o que permite também a instalação de esplanada. Este programa em relação directa com a rua, visa manter o edifício funcional durante todo o dia e ao mesmo tempo trazer público ao programa cultural dos pisos superiores. Para este proponho: uma recepção, um gabinete administrativo, uma loja de artesanato, uma sala polivalente, espaços expositivos, uns arrumos, ateliers fixos e ateliers provisórios com alojamento.

Tendo em conta as características do edifício, principalmente, a sua axialidade afirmada pela caixa de escadas central e circulação em torno dela, coloquei como premissa projectar um edifício aberto e transparente. Um prolongamento da rua no qual o utilizador pode deambular livremente, percebendo o que decorre em cada espaço. Isto permite/estabelece um contacto directo entre o utilizador, os artesãos e a produção. Um edifício que se assume de montra ao artesanato.

A existência de uma sala polivalente acrescenta flexibilidade ao programa por poder ser utilizada para workshops/formações por parte dos utilizadores dos ateliers, aumentar o espaço expositivo, acolher eventos como conferências, projecção de filmes, concertos (em relação com o programa do bar).

Actualmente, encontramos-nos numa conjuntura de elevada internacionalização, por isso considere necessário e pertinente incluir ateliers provisórios com habitação, para permitir que artesãos e artistas, nacionais e internacionais, aqui se instalem

temporariamente com as condições necessárias para produzirem as suas artes. Uma outra vantagem será a capacidade de alojar convidados para eventos a realizar no edifício, como conferências e workshops. Considero essencial que os ateliers proporcionem as condições essenciais para o trabalho dos artesãos, como bancas de trabalho com lavatório e arrumação para ferramentas e materiais.

Considero o programa escolhido racional, sensível e útil à cidade, o que é reforçado pelo facto de ir ao encontro dos objectivos gerais do RMSRCHB, que incentiva à promoção de uma melhor integração do CH no desenvolvimento da cidade, através da revitalização económica e social, centrada em sectores baseados no conhecimento e criatividade. O mesmo regulamento que apesar de vetar usos exclusivamente não habitacionais, abre excepção a este tipo de programas relacionados com “actividades que revitalizem o Centro Histórico, nomeadamente, no plano hoteleiro, restauração e bebidas, artístico, criativo, inovador, tecnológico ou do artesanato”⁶⁰.

59 CARNEIRO, Roberto (2009) - “*Importância do ensino artístico e o seu impacto na elevação e criatividade de excelência*”. In revista Fábrica de Talentos nº2, Fundação da Juventude. p.12/13

60 Regulamento Salvaguarda Revitalização Centro Histórico da Cidade de Braga. p.12

4.2 Proposta de Intervenção

Esta proposta parte do princípio da existência de um equilíbrio entre três factores: Primeiro o edifício existente, as suas características e o seu anterior uso; Segundo a conjuntura em que se encontra o existente - edifício, envolvente, e os usuários, ou seja, aqueles que dele vão usufruir; Em terceiro o programa proposto e suas condicionantes.

Deste modo, parte-se para um projecto num Palacete que se encontra muito degradado mas onde continua implícita a sua grandiosidade. Situado numa cidade antiga cujo centro histórico, negligenciado no passado, surge outra vez com papel de destaque. Para onde proponho um programa cultural, cuja intenção é impulsionar e revitalizar o grande potencial de produção de artesanato da cidade.

A abordagem a este projecto reflecte na sua génese as intenções da intervenção de Chipperfield no Neues Museum. Este edifício apesar de se inserir num contexto completamente diferente, encontra-se, também, muito danificado devido a vários anos de abandono, e à remoção de vários elementos por parte da anterior proprietária. A intenção desta proposta é precisamente resolver esses danos e lacunas, acrescentando, ao mesmo tempo, os elementos necessários para o funcionamento do programa.

A introdução deste novo programa, distinto do uso original, acarreta alterações funcionais, espaciais e estéticas. Ao mesmo tempo existe a necessidade de actualizar e beneficiar as infra-estruturas do edifício, através do acréscimo de sanitários e elevador, entre outras.

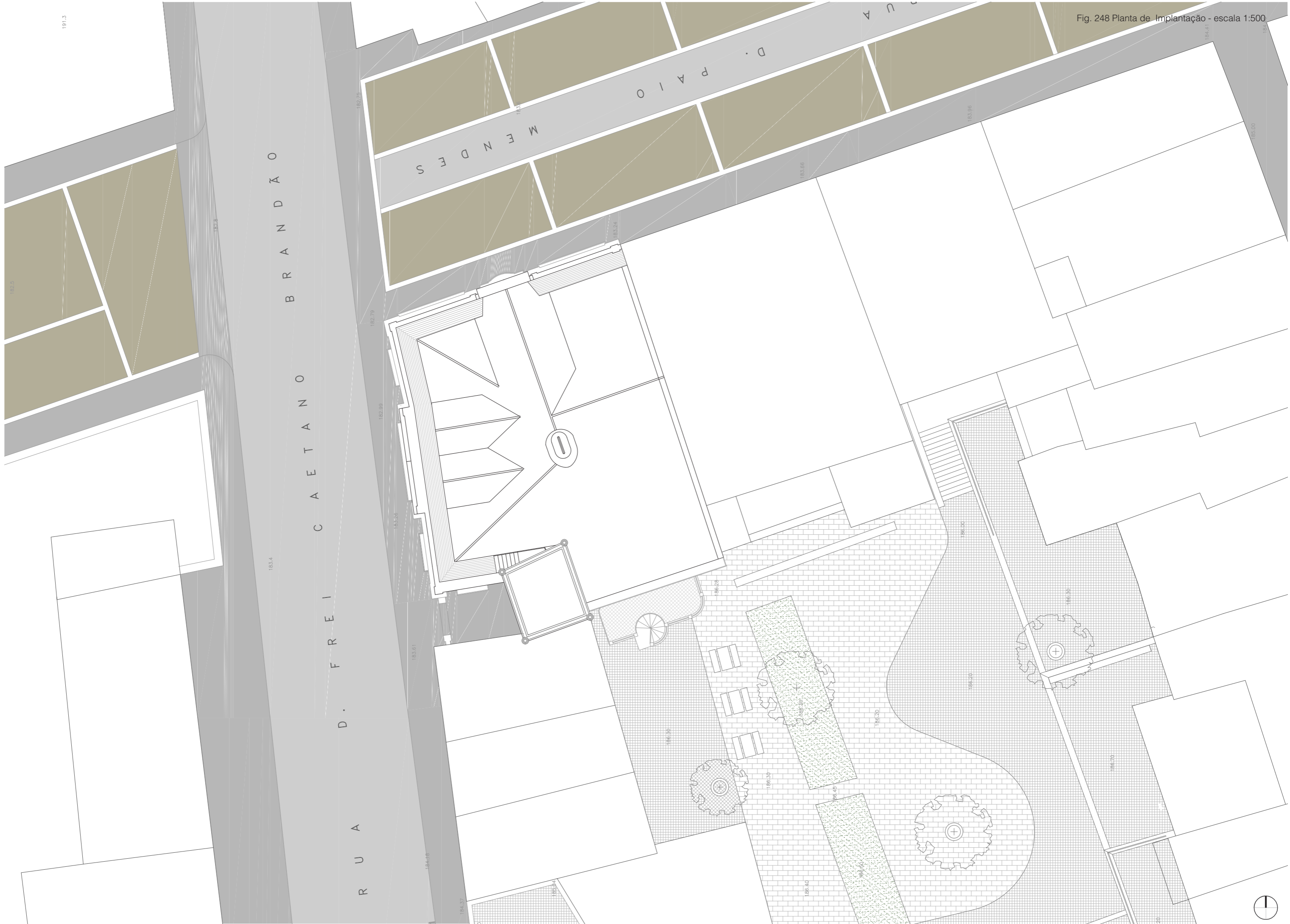
Tratando-se de um palacete com características muito típicas da sua tipologia, a intenção foi causar o mínimo impacto possível entre o existente e o novo, primando por reter o máximo possível a sua aparência. Feito alcançado pelo Arq. João Mendes Ribeiro na Casa da Escrita, em Coimbra, cujos princípios são também aqui adoptados.

A análise do existente, do capítulo anterior, foi fundamental à primeira fase projectual em que se começou a organizar o programa no edifício. A partir desta foi possível compreender como intervir nos diferentes espaços.

Uns, que por estarem muito danificados ou por não conterem elementos de valor, permitem intervir de forma mais incisiva na adaptação ao novo programa e onde o proposto pode saltar mais à vista com o uso de linguagens mais contemporâneas e recorrendo a materiais e técnicas construtivas mais recentes, mas procurando manter a coerência entre o conjunto.

Outros, ainda recuperáveis e mais ricos, onde a solução procura ser cuidada e sensível, numa perspectiva de repor os elementos em falta e de substituir os não recuperáveis de forma neutra e discreta exaltando assim tanto o existente como assumindo as cicatrizes deste palacete, ou seja, as marcas que o tempo ali deixou. Para isto, propõe-se que todas as reposições e substituições sejam feitas apenas com o recurso a madeira envernizada e a reboco e estuque branco.

Fig. 248 Planta de Implantação - escala 1:500



191.3

B R A N D ã O

C A E T A N O

D . F R E I

R U A

M E N D E S

D . P A I O



No piso térreo, o átrio assume-se como extensão da rua e como possível espaço expositivo. A intenção é mantê-lo aberto para convidar o utilizador a entrar no edifício, sendo as peças expostas o elemento atractor e havendo a possibilidade da exposição invadir o espaço público. Tendo em conta que este espaço fica aberto, são repostas as portas que dão acesso ao hall da escadaria principal e as que dão acesso ao bar/cafetaria (do lado esquerdo) e ao restaurante (do lado direito), de maneira a manter controlada a temperatura ambiente destes espaços. O acesso dos utilizadores de mobilidade reduzida é feito junto à torre, por uma porta à cota alta do piso térreo, que acede ao bar/cafetaria e que tem acesso directo ao elevador.

O restaurante (no piso térreo) ocupa parte da cave (Fig.130) e o compartimento 1 (Fig.115) que é comunicante com a rua, permite a instalação de esplanada. Propõe-se a remoção da parede de tabique que separa estes dois espaços, assim como a escada que acede ao meio piso, respectivo sobrado e os compartimentos 1 (Fig.140) e 2 (Fig.141), para criar um espaço mais amplo e aumentar a entrada de luz. Esta escolha foi também tomada por estes compartimentos terem um pé direito muito baixo (2.13 a 2.20) e fraca salubridade. Para este espaço propõe-se uma parede dupla no junto da parede de meação, para permitir o isolamento térmico do mesmo e a passagem das canalizações para os sanitários do piso superior e ao mesmo tempo corrigir a geometria do espaço.

A cozinha optou-se por colocar na parte detrás da cave, porque tem acesso ao exterior, o que facilita cargas e descargas, assim como a ventilação natural do espaço. O facto de o elevador ser instalado nesta zona permite associar ao mesmo a exaustão da cozinha, assim como o monta-cargas para a arrecadação no piso superior.

Do lado direito, propõe-se uma zona de preparação e outra de confecção com balcões separados e, debaixo da escada que permite o acesso à arrecadação e balneários, situa-se a zona de armazenamento a frio e o lavatório. No lado esquerdo fica o balcão de lavagem e respectiva maquinaria, assim como a zona de lixos. Ambos os lados da cozinha tem acesso ao monta-cargas.

No desenho do restaurante e do bar/cafetaria foi contemplada a Portaria n.º 215/2011 do Diário da Republica de 31 de Maio de 2011, cujo Artigo 3.º dita como requisito específicos às instalações dos estabelecimentos a existência de Infra -estruturas; Área de serviço; Zonas integradas; Cozinhas, copas e zonas de fabrico; Vestiários e instalações sanitárias destinadas ao uso pessoal; Área destinada aos clientes; Instalações sanitárias destinadas aos clientes. Os Artigos 5.º referente à Área de serviço; 7.º referente às Cozinhas, copas e zonas de fabrico; 8.º referente aos Vestiários e instalações sanitárias destinadas ao uso do pessoal; e o 10.º referente a Instalações sanitárias destinadas a clientes também foram contemplados no projecto.

O Bar/Cafetaria ocupa todo o quadrante esquerdo do piso térreo, correspondente aos compartimentos 2 (Fig.118), 3 (Fig.121) e 4 (Fig.127). Aqui propõe-se três espaços distintos:

Primeiro a cafetaria no compartimento 2, que um pouco à imagem do café A brasileira em Braga, serve-se dos vãos para criar nichos. Ao mesmo tempo existem dois bancos embutidos que marcam o percurso para a zona de balcão e ao mesmo tempo, o do lado direito separa a cafetaria da circulação para o elevador e sanitários, marcada também por um pé direito mais baixo;

Segundo a zona de balcão que corresponde ao compartimento 3 e a uma nova ambiência. Numa procura de realçar a escala humana e de relembrar a mercearia que em tempos ocupou este espaço, propõe-se forrar este compartimento com estantes para exposição de produtos e balcões altos entre os vãos. Este assume-se como um espaço de transição e tenso, contrastando com os outros dois. A posição central do compartimento e balcão no enfiamento das passagens acentua esta característica. Para este espaço propõe-se também o restauro das duas portas existentes e substituição das suas almofadas superiores por dois caixilhos;

Em terceiro a zona de sofás no compartimento 4, um espaço mais relaxado e informal associado ao ambiente nocturno. Neste espaço propõe-se a substituição da parede de alvenaria que separa a cafetaria da zona de balcão, por uma em betão

armado (com continuidade até ao segundo piso) por dois motivos: primeiro para corrigir os danos estruturais existentes na parede de alvenaria do alçado lateral (Fig.166) e suportar as lajes de betão armado dos pisos superiores; segundo, porque isto permite corrigir a geometria dos compartimentos nos três pisos.

Devido à dimensão do piso térreo e ao programa aqui existente, optou-se por desenhar dois sanitários. Um no espaço morto debaixo da escadaria principal com dois cubículos e outro unissexo na base da torre, também com dois cubículos mas capacitado para utilizadores de mobilidade reduzida.

Optou-se por colocar o elevador e espaços técnicos atrás da escadaria por ser o local onde menos destabiliza a planta do edifício e porque aqui estabelece uma melhor relação com a circulação existente em torno da escadaria principal. Outra opção seria coloca-lo junto da parede de meação, o que é incompatível pois coincidiria com a localização do restaurante ou com o salão nobre no piso superior (dependendo da sua localização). Por outro lado, esta escolha acaba por ser útil, porque permite a passagem das infra-estruturas necessárias aos ateliers provisórios e sanitários dos pisos superiores.

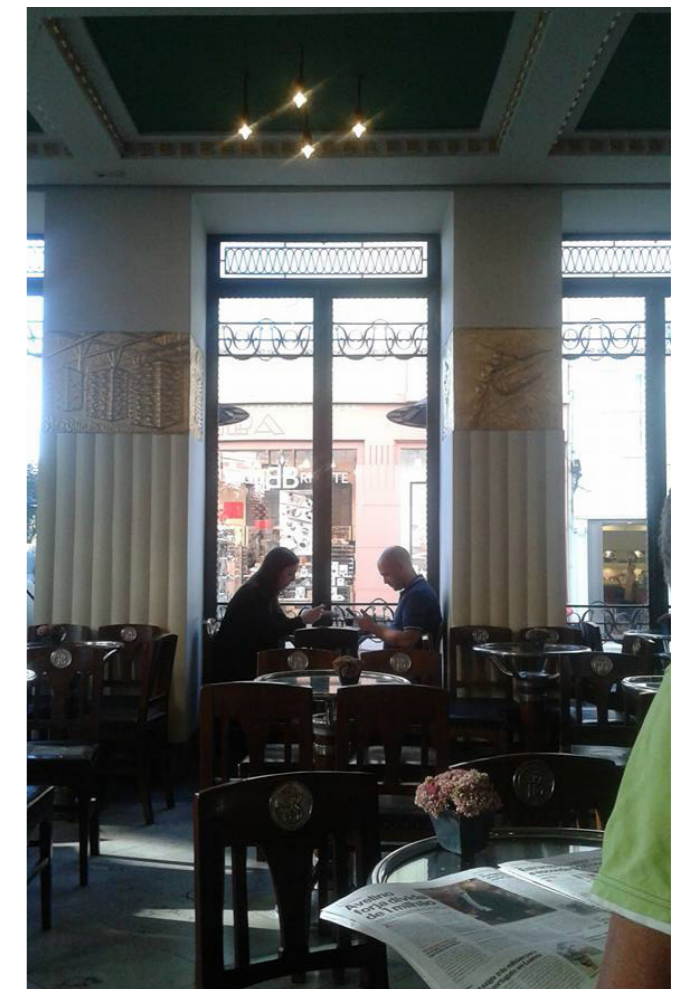
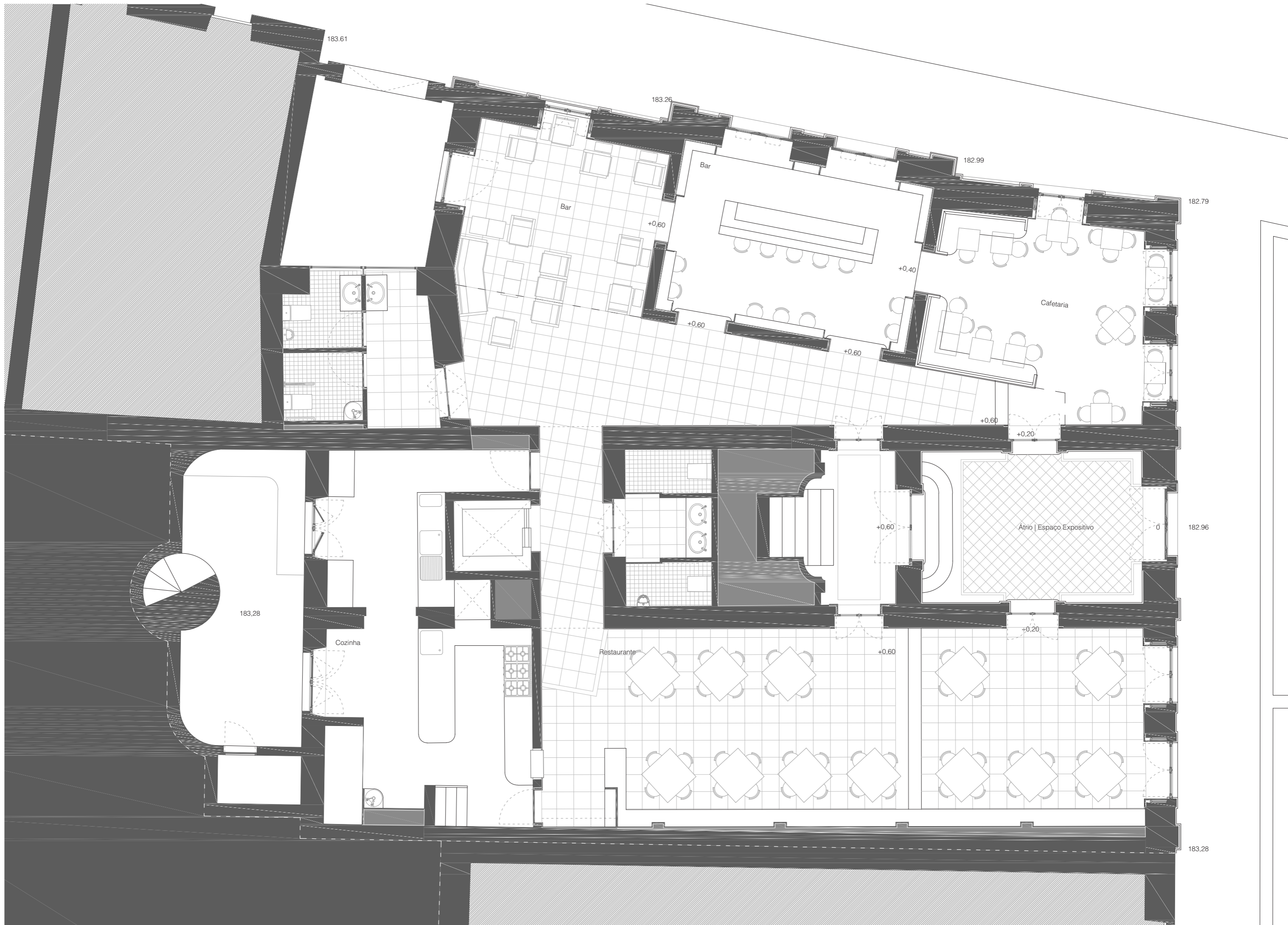


Fig. 249 Interior do café A Brasileira

Fig. 250 Planta Rés- Do- Chão

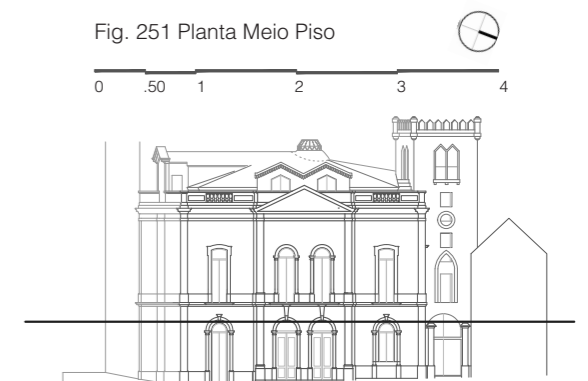


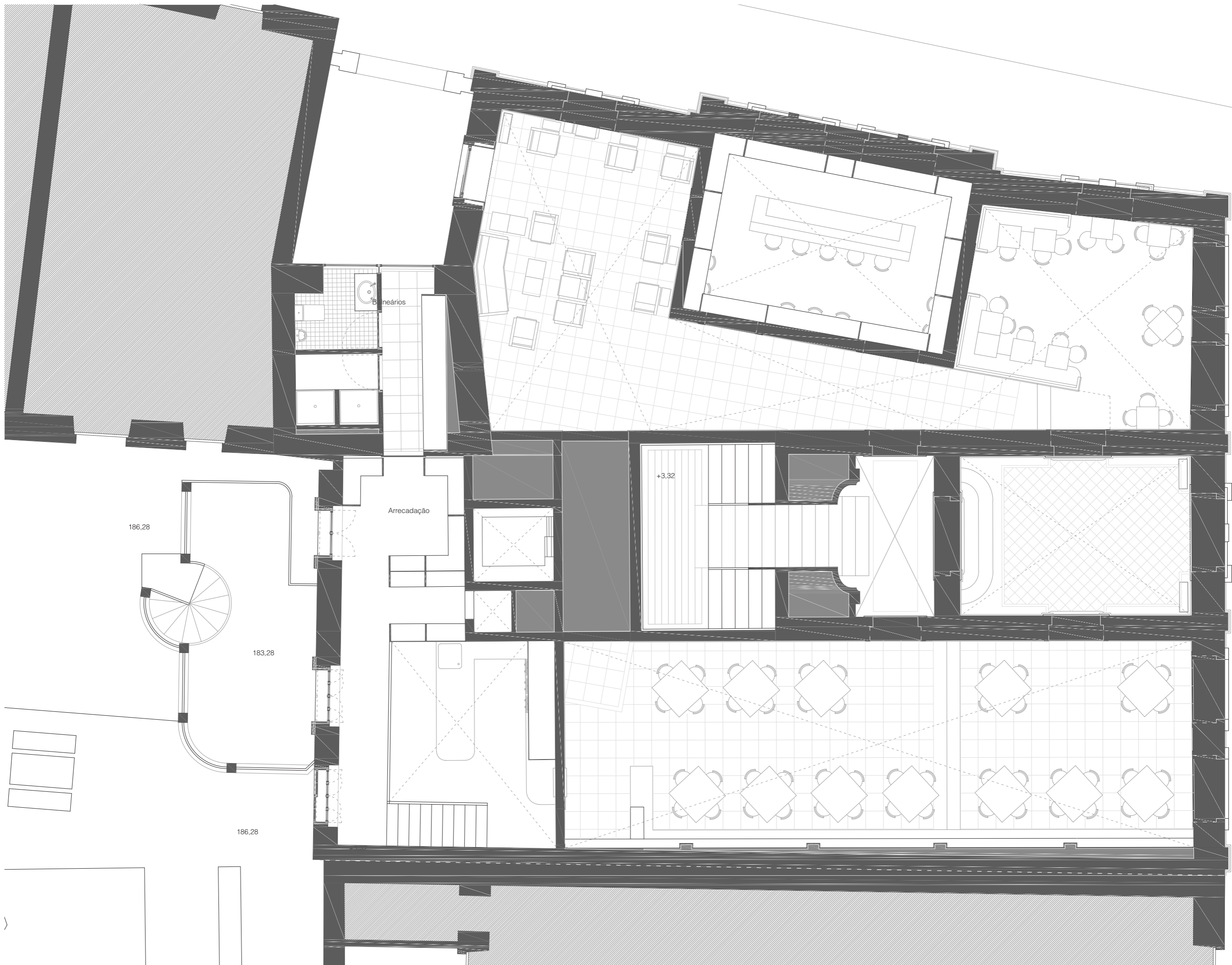


Nos compartimentos 3 (Fig.142) e 4 (Fig.143) do primeiro meio piso, encontra-se a arrecadação aberta em galeria sobre a cozinha. Este piso encontra-se à cota superior do logradouro o que facilita o acesso dos funcionários e as descargas de produtos.

O balneário situado na torre (Fig.144), inclui uma zona de cacifos com cabide e banco, um sanitário e dois duches. O arco da torre encontra-se neste momento ocultado pelo prolongamento deste piso para fora da torre. Com o intuito de afirmar a imponência da torre perante o conjunto e de revelar o arco, propõe-se que o balneário e sanitário do piso inferior não ultrapassem o perímetro da torre e a demolição das lajes e parede que o ultrapassam.

Fig. 251 Planta Meio Piso





Neste piso encontra-se a recepção do programa cultural, situada no compartimento 1 (Fig.156) a eixo da escadaria principal. Este é um compartimento com elementos de valor e aqui a intervenção passa apenas pela reposição da porta que foi emparedada (Fig.155) e das restantes portas e rodapés que foram retirados; pelo restauro do tecto e sanca; e pela instalação do mobiliário necessário ao funcionamento da recepção

O compartimento seguinte, o salão nobre (Fig.160), passa a albergar a loja devido à sua grande área e porque devido à sua posição chave, entre a escadaria e o corredor esquerdo, permite incluir a loja na lógica de percurso e abertura do edifício. Este espaço é o mais rico do edifício em termos espaciais e de acabamentos no entanto, encontra-se bastante danificado. Deste modo, a intenção é restaurar as pinturas, o tecto e a sanca, assim como repor o pavimento, rodapés e portas em falta.

A disposição e dimensão do mobiliário deste espaço foi pensada de maneira a não perturbar o seu invólucro. Assim propõe-se apenas o uso de mesas para a exposição dos produtos, e que estas fiquem afastadas das paredes permitindo circulação em torno de toda a sala.

O gabinete da administração, em articulação com a recepção, ocupa o compartimento 3 (Fig.167) no quadrante esquerdo, o mais danificado. Dado o estado em que este espaço se encontra, a intervenção aqui é mais expressiva e significativa procedendo-se à construção de uma laje em betão armado e à substituição da parede de tabique que separa este espaço do seguinte, por uma de betão armado que dá continuidade à do piso inferior, com vista a suportar a laje do ultimo piso e também para resolver os danos estruturais existentes na parede de alvenaria do alçado lateral.

Nos compartimentos 5 (Fig. 174), 6 (Fig.178) e torre (Fig.179), optou-se por instalar os ateliers provisórios por três motivos: primeiro porque a opção de colocar o elevador e os espaços técnicos nesta zona, assim como, o cumprimento das disposições legais referentes à dimensão da zona de acesso ao elevador, implica que estes coincidam com o compartimento 5 e o alargamento do corredor existente, o que obriga a uma reformulação desta

parte do edifício; segundo devido à vontade de dar um uso à torre, mais digno que o actual (sanitários); e em terceiro porque esta é uma zona do palacete que se assume claramente como traseiras, o que está patente nos acabamentos e no desenho do alçado tardoz.

Tendo os pontos anteriores em conta, a colocação dos ateliers provisórios nesta zona do palacete, apresentou-se como uma oportunidade de beneficiar e regularizar o edifício. Para isso, propõe-se a uniformização da cota do último piso, estendendo o seu sobrado para o tardoz, o que permite o acréscimo de um meio piso entre o primeiro e o último, resultando num alçado com uma métrica mais regular do que o actual e proporcionando mais um atelier.

Os ateliers provisórios são constituídos por um quarto, dentro da torre, um quarto de banho e cozinha comunicante com sala de trabalho e estar. A configuração espacial desta sala é alterável através de dois painéis que rodam em torno de um pivô central, o que permite separar a zona de estar da de trabalho, assim como, disposições maiores ou menores dos dois. Um pouco à semelhança da adaptabilidade do projecto Void Space/Hinged Space Housing de Steven Holl (Fig.s 252,253)

A torre ao passar a albergar os quartos, implica a construção de novas lajes a cotas diferentes das originais, assim como a abertura de novos vãos, tanto para iluminar e ventilar o compartimento, como para lhe aceder.

Quanto ao acesso ao quarto, devido à espessura da parede e ao facto de ser algo acrescentado ao edifício, a intenção é tratar o vão como uma passagem, daí a moldura da porta ser saliente em relação à parede, marcando, então, o corte do novo sobre o existente. O interior do quarto é pautado por duas materialidades, a pedra exposta dos planos paralelos que contêm os vãos e a madeira que forra a cabeceira da cama e o plano oposto, onde se encontram os armários e a secretária.

No compartimento 4 (Fig.169) passa a existir a sala polivalente. Este espaço, tal como o anterior, também se encontra muito danificado o que implica construção de uma laje nova em betão armado.

Indo de encontro à intenção de ter um

edifício aberto e transparente, neste espaço propõe-se a demolição da parede de tabique que o separa do corredor. No alinhamento desta parede passa existir um pano de vidro que tanto separa a sala da circulação, como permite que esta a absorva e passe a ser parte do percurso do edifício. Esta dualidade permite manter viva uma pré-existência – o corredor e o alinhamento da parede – como ao mesmo tempo mantém a circulação em torno do núcleo central o que reforça a intenção de criar um edifício percurso, que se assume como prolongamento da rua. Para isto, propõe-se também a remoção da parede de alvenaria (Fig.244) que foi acrescentada aquando da divisão do palacete em duas habitações.

A necessidade de também construir uma nova laje no último piso e conseqüente remoção do actual tecto falso resultam num pé direito total, que é aproveitado através da proposta de uma galeria superior no seguimento da da laje do segundo meio piso, que ao assumir a direcção do pano de vidro da sala polivalente, reforça o tributo ao corredor pré-existente.

Apesar das alterações que esta sala introduz no edifício serem de certa maneira agressivas perante o existente, trata-se de uma decisão tomada tendo em conta o facto de que este é um espaço de grandes dimensões, que não tem elementos de valor e encontra-se em mau estado, o que o torna na melhor resposta à necessidade programática de uma sala polivalente.

Neste piso inclui-se ainda um sanitário e um quarto de banho associados à circulação existente. O primeiro entre a sala polivalente e o elevador, numa posição de remate do plano do corredor com o palco da sala polivalente. O segundo ocupa uma arrecadação anexa ao salão nobre, capacitado para utilizadores de mobilidade reduzida, e com uma escala e ambiência mais doméstica.

Para a escadaria principal que se encontra bastante danificada e desprovida de vários elementos, propõe-se o redesenho de uma escada nova mais regular e de desenho simples, toda em madeira envernizada, que se distingue dos acabamentos existentes. Propõe-se também, a reposição das colunas dos arcos do patamar de chegada e os rodapés na mesma materialidade que as escadas.

Quanto aos vãos do patamar de chegada a intenção passa por repor as portas e respectivas guarnições dada a necessidade de encerrar os espaços a que dão acesso mas, nas janelas em torno da escadaria (onde não existe essa necessidade) apenas repor as guarnições e colocar um vidro.



Fig.s 252, 253 Steven Holl Hinged/Voyd





Sala Polivalente

Gabinete de Administração

Recepção

Salão Nobre | Loja

Atelier Temporário

Quarto de Banho

+5.75

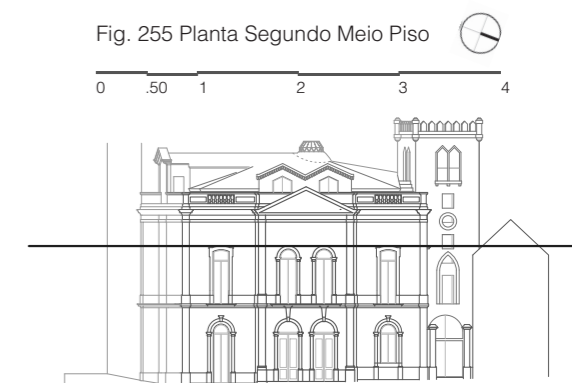
+7.08

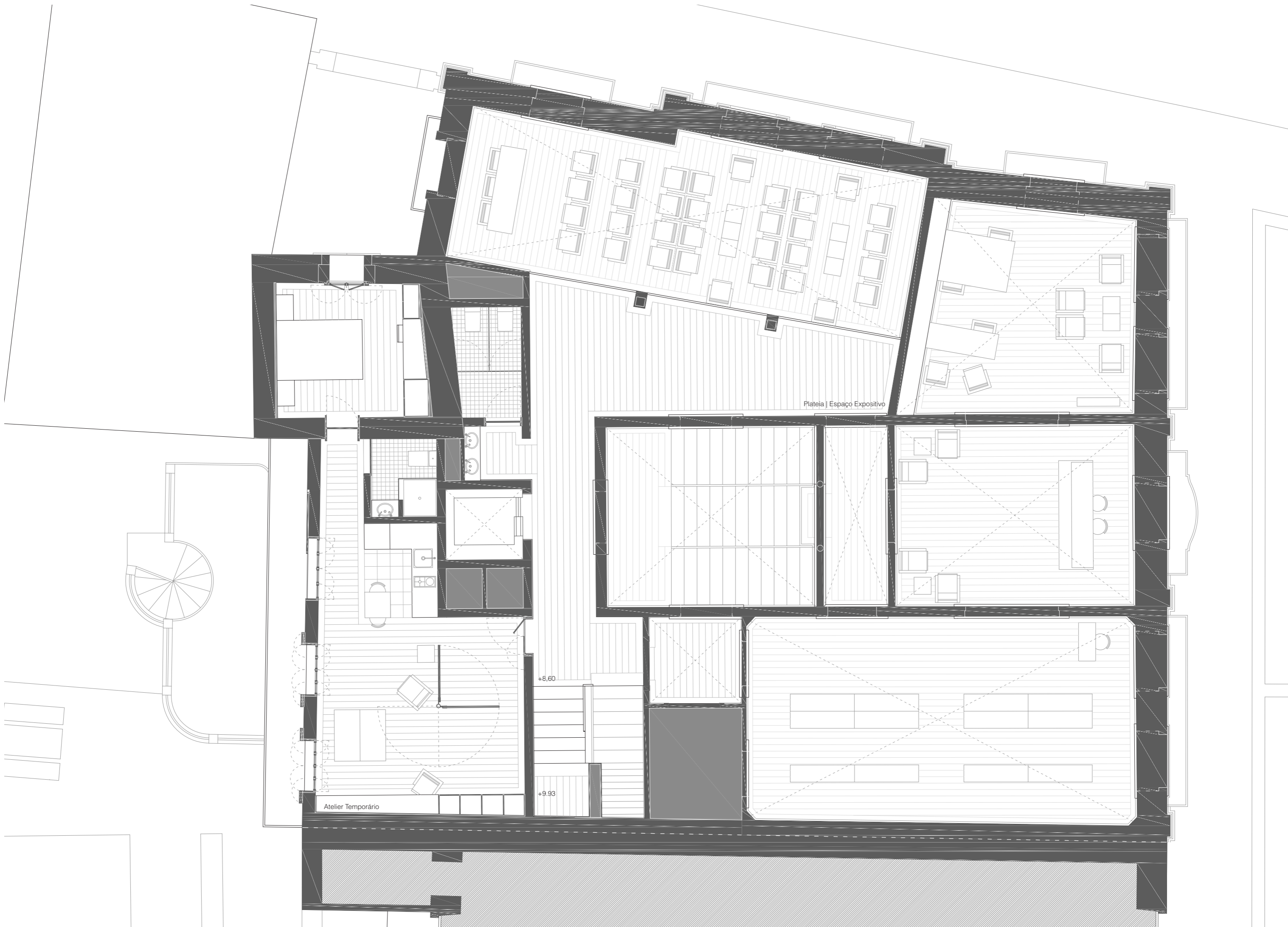
+5.75

A galeria sobre a sala polivalente foi pensada com o intuito de aumentar a plateia (da sala) e também integrar-se no percurso expositivo do edifício, que inclui o átrio, a loja, o espaço expositivo do último piso e possivelmente também a sala polivalente. Como este espaço é visível a partir do enfiamento criado pelo corredor, em frente à escada que liga o primeiro piso ao último, optou-se por não o encerrar de maneira a permitir a sua descoberta por parte do utilizador que deambula pelo edifício e assim participar na premissa de projectar um edifício aberto.

Neste piso, repete-se o atelier provisório e o sanitário do lado esquerdo.

Fig. 255 Planta Segundo Meio Piso





Atelier Temporário

Plateia | Espaço Expositivo

+8,60

+9,93

No último piso de águas furtadas os compartimentos voltados para a fachada principal e lateral, apresentam fraca salubridade, com excepção da trapeira do óculo da fachada principal e ao compartimento 1 (Fig.s 16,17 e 190). Com vista a melhorar a iluminação e ventilação do piso, optou-se, no início do projecto por prescindir do existente revestimento (chapas onduladas) das paredes de tabique por detrás da platibanda, implementando aberturas maiores. Isto parte também da vontade de tirar partido da posição chave do edifício e da sua altura, criando uma varanda à volta de todo o piso que remata no último piso da torre, o miradouro, fim do percurso que é o edifício. Para aceder à torre é proposta uma escada que remata a torção que esta provoca no interior do compartimento cinco.

O compartimento 1 (Fig.190) junto com a galeria da escadaria principal (Fig.186) passam a acolher o espaço expositivo. A galeria muito rica em termos espaciais e de acabamentos apresenta alguns danos. Deste modo, a intenção é restaurar os fingidos de mármore, o tecto e a clarabóia, assim como, repor os rodapés e o guarda corpos. As paredes do compartimento do óculo apresentam danos estruturais e as escadas estão bastantes apodrecidas, pelo que se propõe que ambos seja refeitos, com a introdução da porta para a varanda do lado esquerdo.

O compartimento 2 (Fig.191) e os situados no lado esquerdo do piso, o 3, 4 e 5 (Fig.s 192,193 e 211) passam a acolher os ateliers permanentes. Todos estes compartimentos apresentam sobrados e paredes muito debilitadas como já foi constatado na análise do existente. Tendo isto em conta, para os do lado esquerdo, propõe-se a construção de uma laje em betão ficando o compartimento 5 à cota do resto do piso, e a reconstrução das paredes e cobertura em madeira, corrigindo o desenho dos espaços mas mantendo a sua compartimentação original (incluindo as mansardas). Com o intuito de melhor aproveitamento do espaço, optou-se por retirar o corredor esquerdo (Fig.201) assumindo-se a galeria como elemento distributivo. Isto resulta num conjunto de quatro ateliers comunicantes, que podem ser divididos em três (I+I+II) ou funcionar em conjunto, num ambiente de partilha de conhecimento.

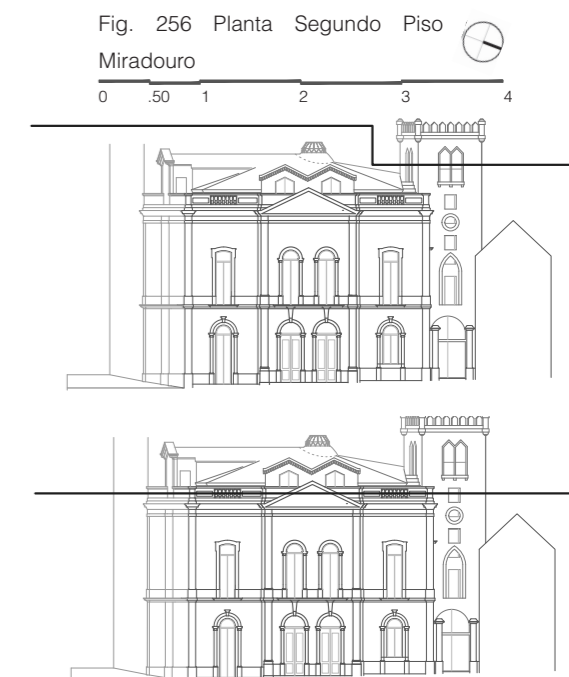
Os ateliers situados nos extremos do lado esquerdo e no compartimento 2, introduzem uma

nova linguagem no que toca ao tratamento da parede. Deste modo, opta-se por despir a parede dos seus revestimentos, permanecendo apenas os prumos que suportam a cobertura e estrutura da varanda, entre os quais se instalam os caixilhos. Isto traduz-se num espaço salubre e visualmente mais amplo, cujo limite (deixa de ser a parede e) passa a ser a platibanda.

Este gesto permite também aproveitar o espaço existente debaixo da varanda para arrumação que roda para os planos perpendiculares às fachadas transformando-se em balcão.

Na capela (Fig.s 196 e 197) propõe a demolição da parede de tabique que a separa do arrumo, de maneira a transformar este espaço numa arrecadação para o programa. Este espaço é submetido a esta alteração tendo em conta o estado desvirtuado em que a capela se encontra e por se considerar que não é útil ao programa.

No compartimento voltado para o taroz encontra-se o último atelier provisório. Por fim, neste piso, propõe-se mais um sanitário no alinhamento vertical do sanitário do primeiro piso.



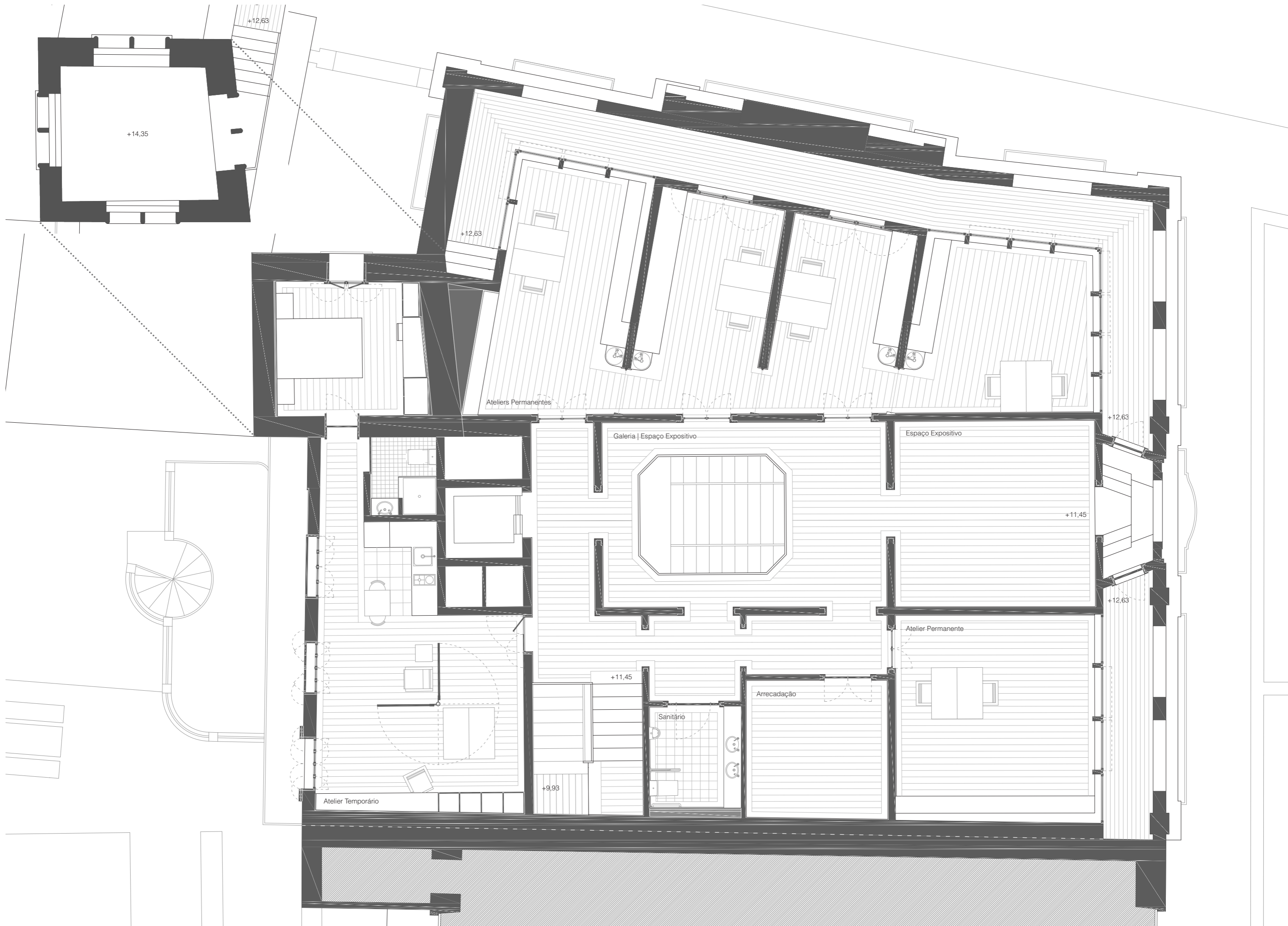




Fig. 257 Planta de demolições e novas construções - piso rés-do-chão - escala 1:200



Fig. 258 Planta de demolições e novas construções - meio piso - escala 1:200



Fig. 259 Planta de demolições e novas construções - primeiro piso - escala 1:200



Fig. 260 Planta de demolições e novas construções - segundo meio piso - escala 1:200

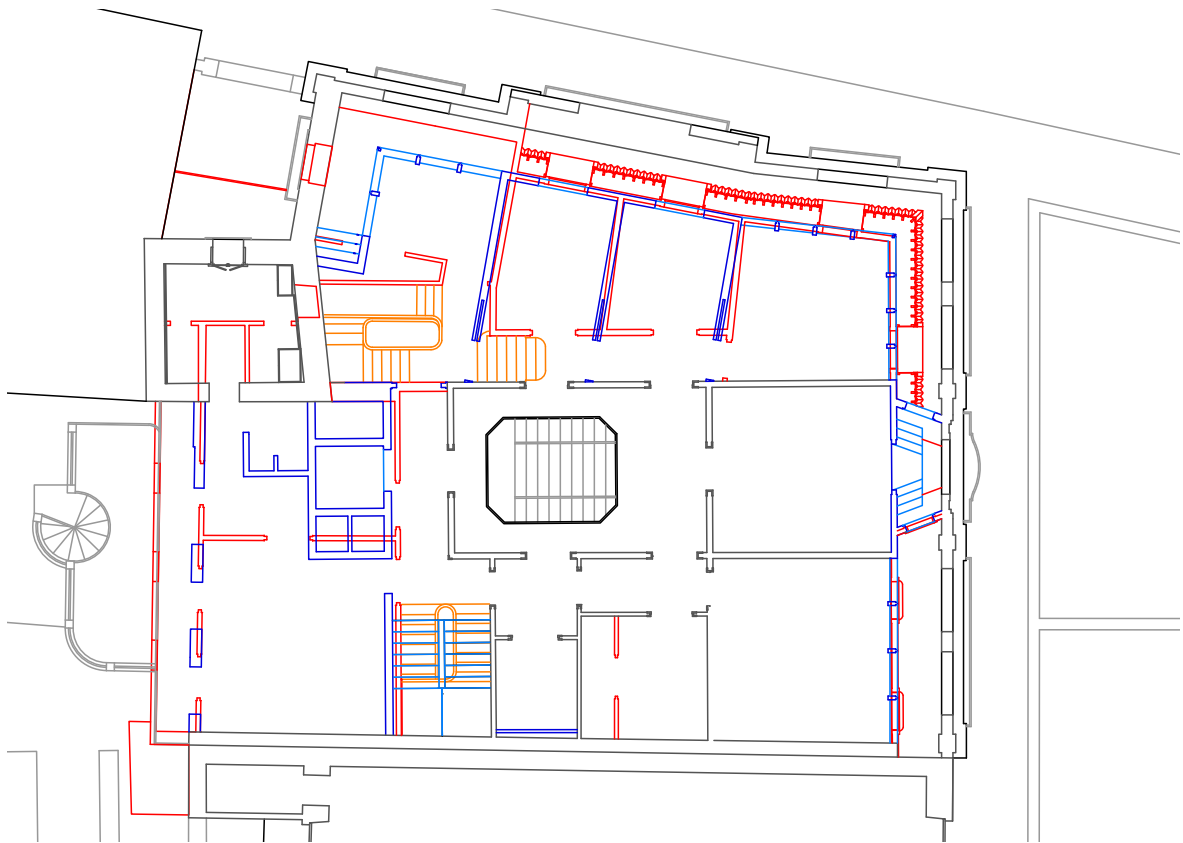


Fig. 261 Planta de demolições e novas construções - segundo piso - escala 1:200

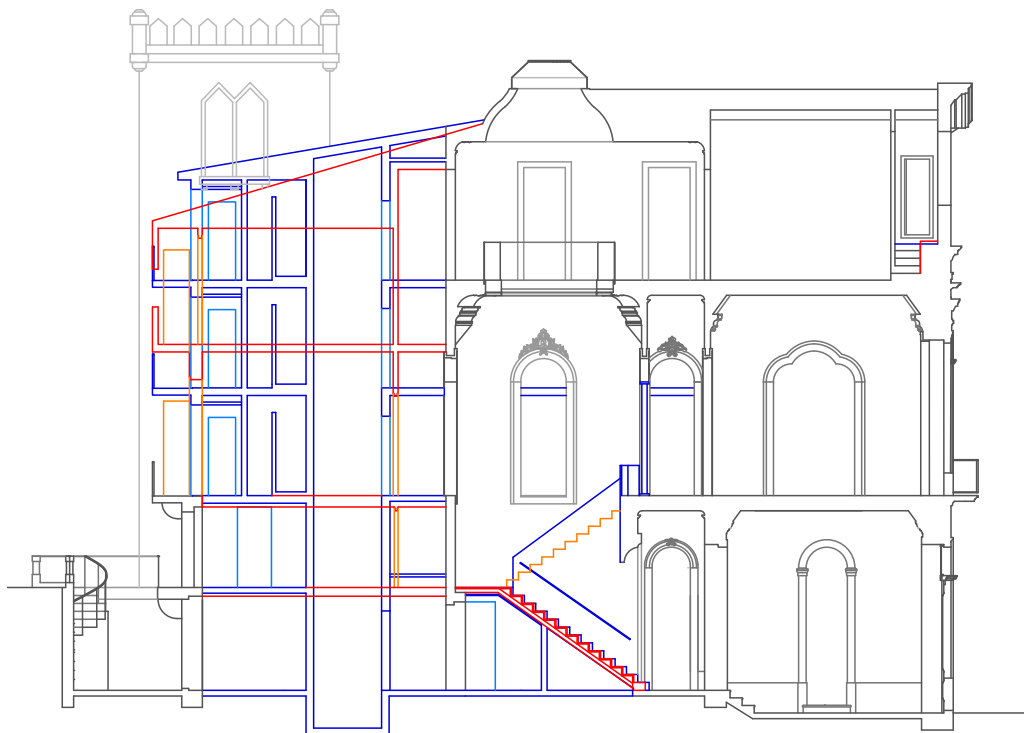


Fig. 262 Demolições e novas construções - Corte central - escala 1:200

Fig. 263 Corte AA'

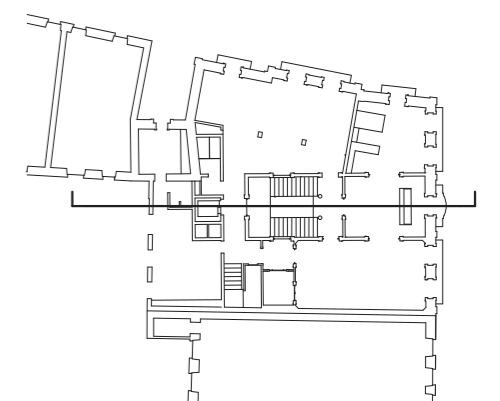
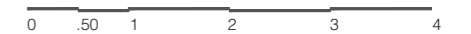
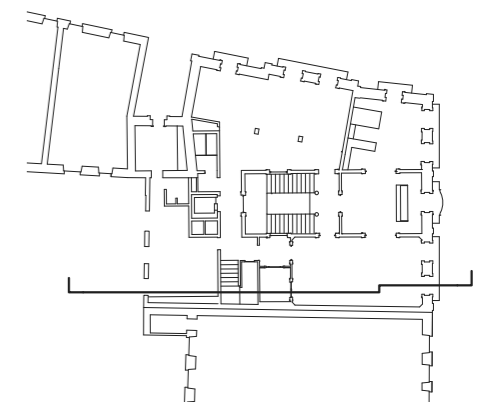
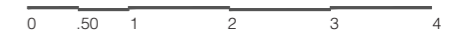
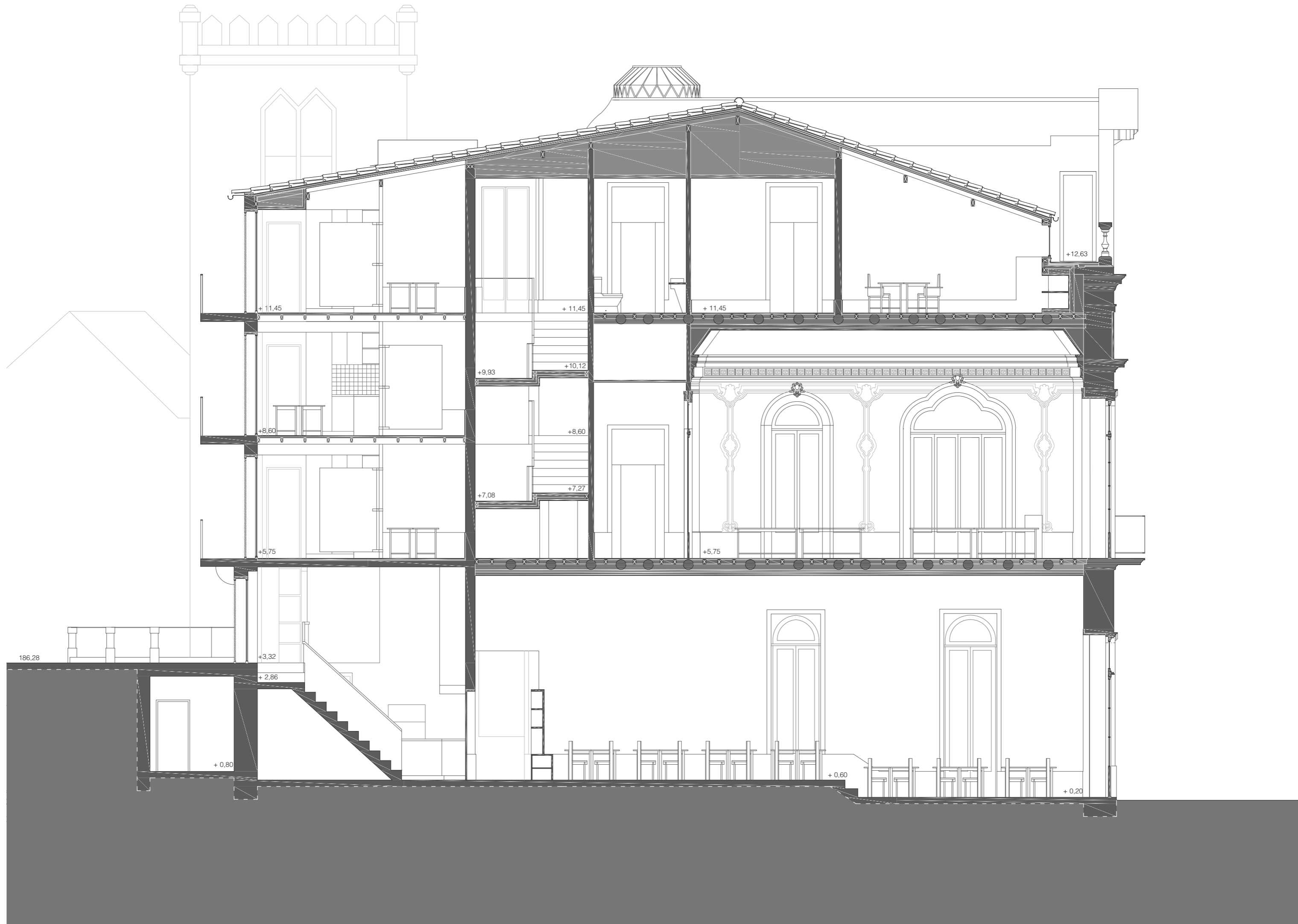




Fig. 264 Corte BB'





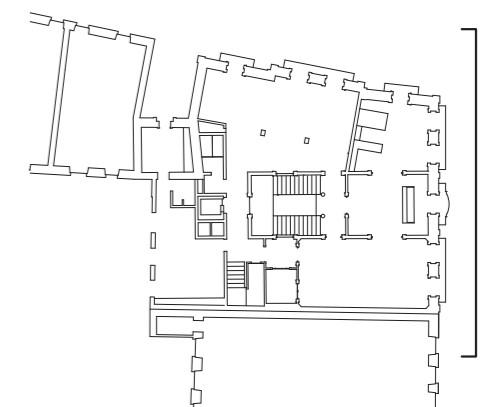
Os alçados estavam aquando da primeira visita muito desvirtuados, devido a falta de caixilhos, sujidade, destacamentos no reboco e colonizações biológicas. Apenas alguns vãos do primeiro piso do alçado principal continham os caixilhos originais. Aos restantes casos correspondiam alterações para caixilhos de menor qualidade e mais simples.

No piso térreo à excepção das portas principal na RDPM e das laterais RFCB consideradas as originais, todos os vãos foram adulterados com caixilhos e grades metálicas incompatíveis com um edifício tão nobre.

Assim sendo nos alçados lateral e frontal a intervenção é mínima e passa apenas pela resolução das patologias existentes e por uma reinterpretação dos caixilhos originais brancos, que se estende a todos os vãos do rés-do-chão e primeiro piso, numa perspectiva de uniformizar o edifício e restabelecer o equilíbrio original.

Fig. 265 Alçado Frontal

0 .50 1 2 3 4





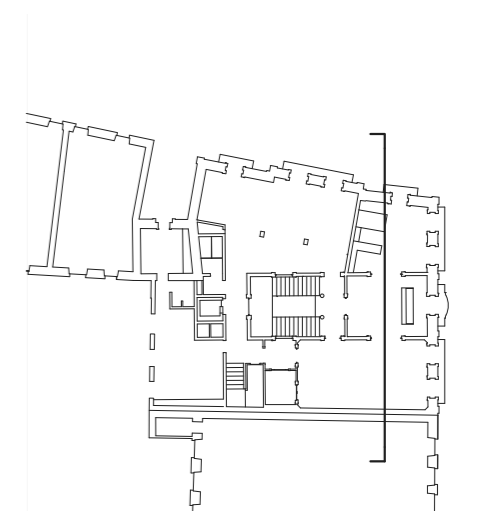
183,24

182,96

182,79

Fig. 266 Corte CC'

0 .50 1 2 3 4





A torre passa a acolher os quartos dos ateliers provisórios, que se abrem para a RFCB. O aumento de pisos obriga à abertura de novos vãos o que implica sérias alterações no alçado da torre. Aqui a intenção é assumir o novo perante o existente, propondo um segundo alçado justaposto ao original, que aproveita as aberturas existentes e propõe outras, que se regem pela métrica regular dos novos pisos.

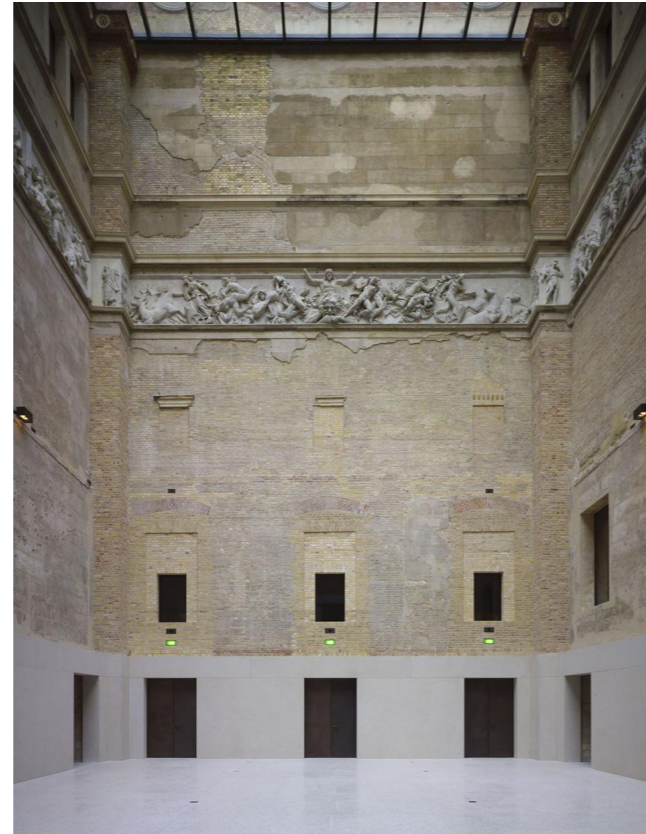


Fig. 267 Tratamento vãos Neues Museum

Fig. 268 Alçado Lateral

0 .50 1 2 3

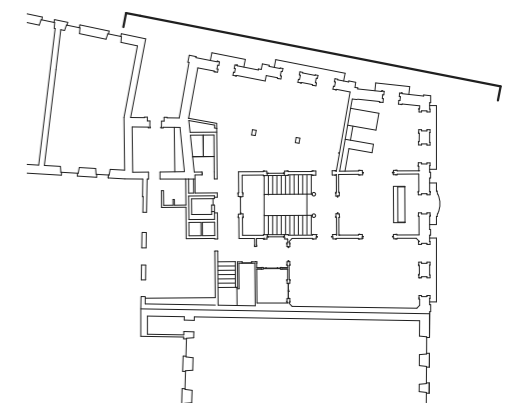
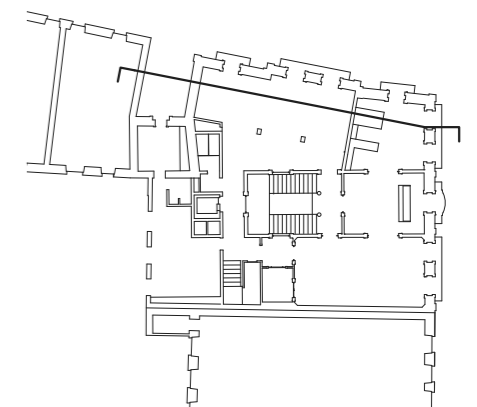
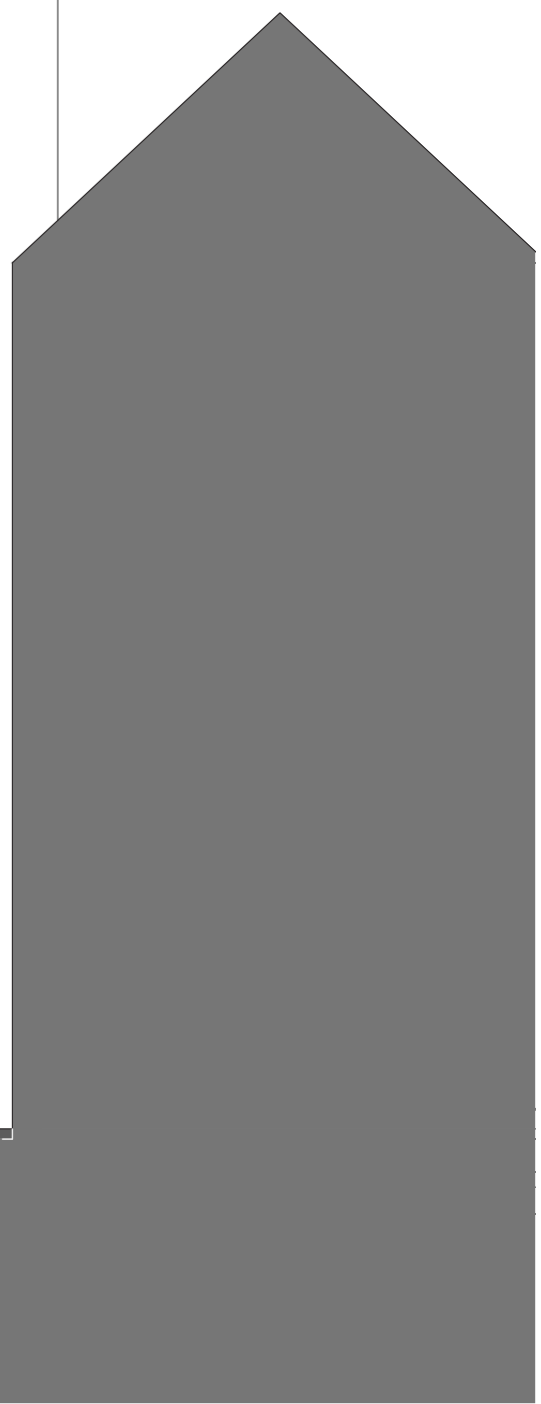




Fig. 269 Corte DD'





0 | 182,96

O alçado tardoz encaixado entre a torre e o edifício anexo, mais pobre que os restantes, encontra-se muito alterado e descaracterizado devido às alterações a que foi sujeito.

Os ajustes feitos nas cotas dos pisos do palacete, assumiram-se como uma oportunidade de regularizar este alçado, um pouco à imagem do edifício anexo e de atribuir algum destaque a uma parte do conjunto conotada como traseiras.

Desta maneira propõe-se uma métrica regular de 2,65m, continuando o embasamento com o pé direito original de 2,20m. Os vãos propostos repetem o alinhamento dos do embasamento com a exceção do mais próximo da torre, que se desloca para a direita por questões funcionais, mas que mantém o alinhamento através da reentrância onde encaixa a portada de correr.

Fig. 270 Alçado Tardoz

0 .50 1 2 3 4

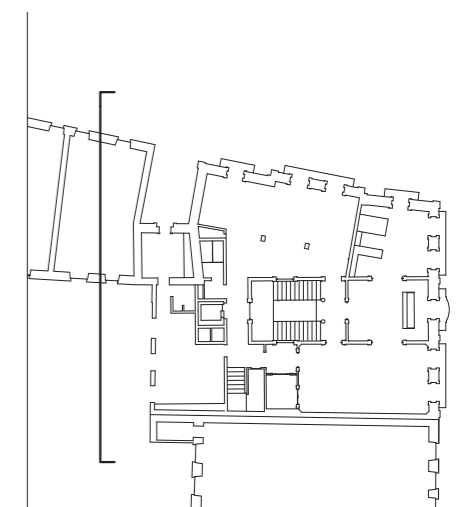
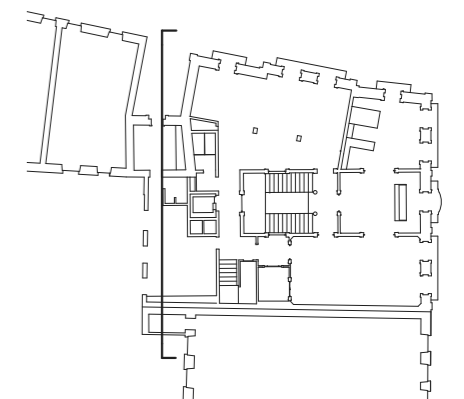
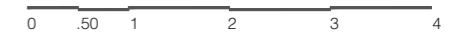




Fig. 271 Corte EE'





183,30

183,56

+ 14,35

+ 11,45

+ 8,60

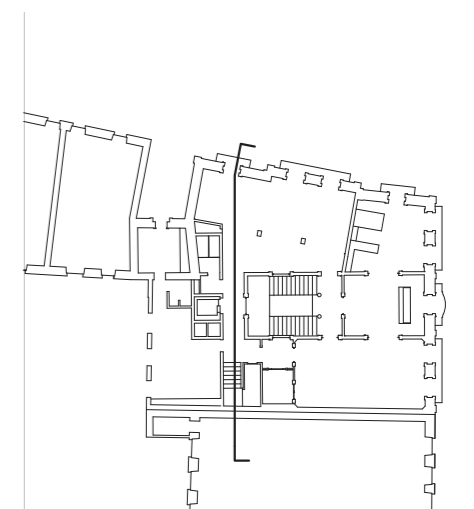
+ 5,75

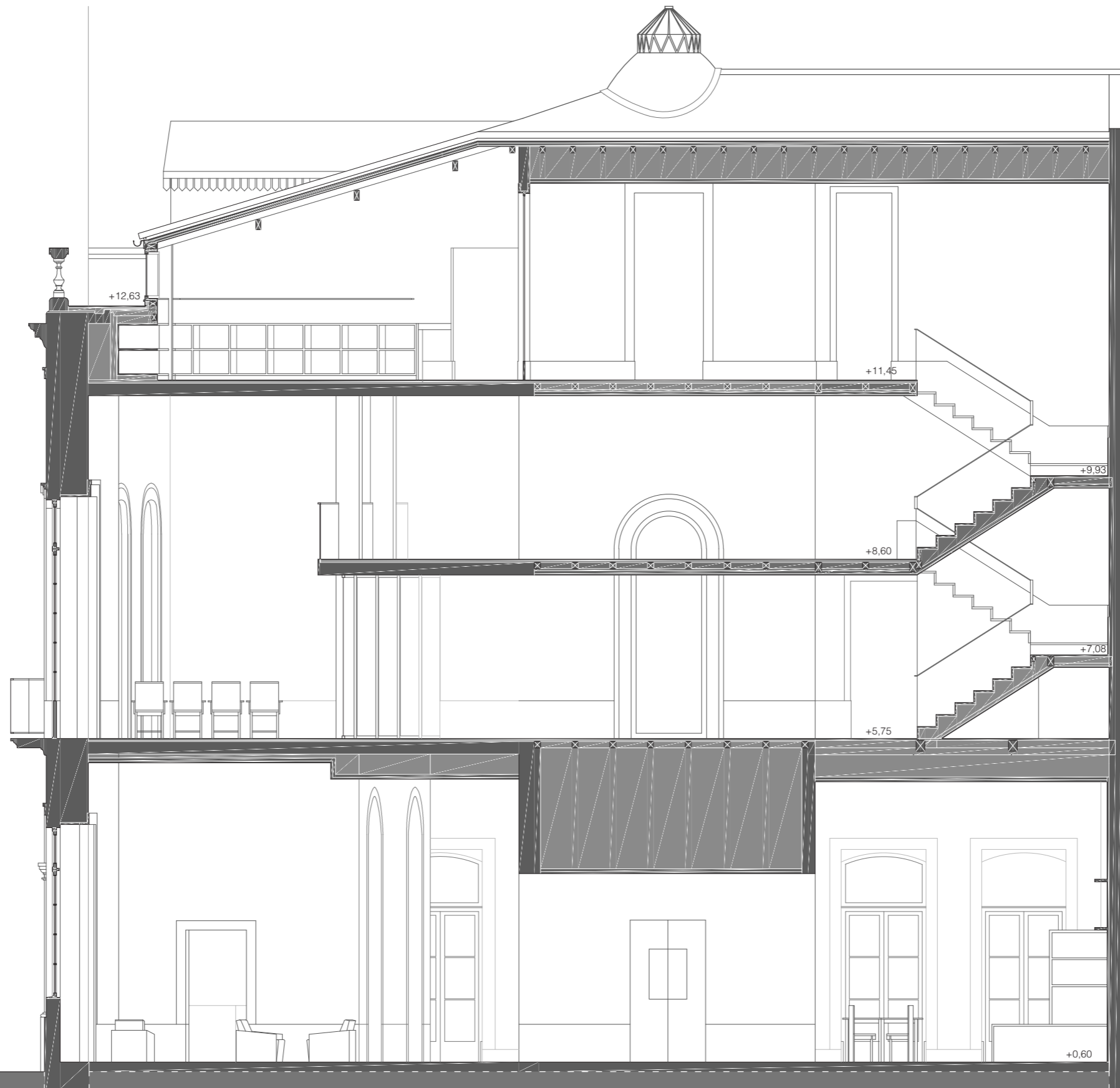
+ 3,32

+ 0,60

Fig. 272 Corte FF'

0 .50 1 2 3 4





5 Considerações Finais

No culminar desta dissertação conclui-se que foi adquirida uma metodologia de intervenção em património edificado que se encontra patente nos resultados obtidos com o projecto e no percurso que se tomou para se chegar a este momento.

Desta metodologia ressalta a importância do conhecimento e compreensão do existente, isto é, o levantamento do objecto alvo de intervenção, das suas características, elementos de valor, patologias, características construtivas e da envolvente onde se insere. É neste levantamento que se encontra a matéria de projecto e a partir dele que se definem as estratégias a tomar perante a intervenção. Demolir ou reabilitar, recuperar ou converter.

Tratando-se de uma proposta para um edifício de grande dimensão, do qual existe pouca informação, considera-se que esta dissertação também conseguiu cumprir o objectivo inicial de o inventariar e registar, dentro do que foi possível dado o seu estado. Estes dois factores acabaram por resultar numa maior incidência sobre as componentes gráfica e prática.

No entanto, durante a elaboração deste trabalho, surgiram duas problemáticas que se consideram pertinentes para abordar em futuras discussões. A primeira, aquando da conversa e visita ao edifício com o assessor do proprietário, deriva da dificuldade que existe em intervir sobre edifícios com valor patrimonial por parte dos proprietários particulares, devido às exigências económicas e condicionantes impostas sobre os mesmos; a segunda foi provocada pelo estado despido em que me deparei com este palacete, o que motivou conversas com o meu orientador em que se discutiu a falta de apreço e cultura manifestada pela sociedade em geral no que toca a edificado com valor arquitectónico

e patrimonial. No caso deste palacete, as suas madeiras, provavelmente exóticas, foram vendidas aquando da sua hipoteca, precisamente devido ao conhecimento do seu valor. Em outros casos, edifícios são despídos de elementos e adulterados com outros.

Em tom conclusivo considero que o desejo inicial de adquirir conhecimentos na área de intervenção sobre património edificado ficou de certa maneira saciada, na medida que esta dissertação introduziu bases e despertou-me uma sensibilidade perante o existente, que não se manifestava no início.

Referências Bibliográficas

- BANDEIRA, Miguel Sopas de Melo (1984) - *O espaço urbano de Braga em meados do século XVIII: a reconstrução da cidade a partir do Mappa das Ruas de Braga e dos Índices dos Prazos das Casas do Cabido*. Porto: Edições Afrontamento.
- BOITO, Camilo (1989) - *Il nuovo e l'antico in architettura*. Citado In OLIVEIRA, Mário Mendonça de (2003) - A ciência, a prática e a projectação do restauro. In 3º ENCORE : encontro sobre conservação e reabilitação de edifícios : actas. Lisboa : LNEC.
- CARNEIRO, Roberto (2009) - "Importância do ensino artístico e o seu impacto na elevação e criatividade de excelência". In revista Fábrica de Talentos nº2, Fundação da Juventude.
- CHIPPERFIELD, David (2010) - In *El Croquis n. 150*. Madrid : El Croquis Editorial.
- DRU (1999) - Memória descritiva do projecto, Braga.
- FEIO, Alberto (1984) - *Coisas Memoráveis de Braga*. Braga, Universidade do Minho, B.P.B, Pub.
- MOURÃO, Joana; PEDRO, João Branco (2010) Portugal. - *Sustentabilidade ambiental da habitação*. Laboratório Nacional de Engenharia Civil. Lisboa: LNEC.
- OLIVEIRA, Eduardo Pires de; MOURA, Eduardo Souto; MESQUITA, João (1982) - *Braga : evolução da estrutura urbana*. Braga : C.M. (Estudos Bracarenses). Catálogo de uma exposição.
- PAIVA, José Vasconcelos; [et al] (2006) - *Guia técnico de reabilitação habitacional*. Lisboa : I.N.H.
- PIMENTA, Joana (2009) - *AAPH arquitectos, 1996 2009*. Casal de Cambra : Caleidoscópio.
- RIBEIRO, João Mendes (2013) - *Casa da escrita : Coimbra*. Coimbra : CMC.
- RUSKIN, John (1889) - *The Seven Lamps of Architecture*. Londres : George Allen & Unwin.
- SIZA, Alvaro, Lectio Magistralis. In *Lettere ad Álvaro : scritti in occasione della laurea magistrale ad honorem in architettura ad Álvaro Siza Vieira*. Milano : Politecnico.
- TÁVORA, Fernando (1996) - *Da organização do espaço*. 3ª ed . Porto : Faup Publicações.

Artigos, entrevistas, publicações periódicas

- *ArchiNews n.36*, Archi&Book's, Lisboa, 2016, ISSN:1646-2262
- APPLETON, João (2003) - *O presente do passado*. In 3º ENCORE : encontro sobre conservação e reabilitação de edifícios : actas. Lisboa : LNEC.
- CRUZ, Maria Teresa. Mediação e património : cultura e mnemotécnicas : revista património. Lisboa : DGPC, 2015. Revista Património, nº3, dezembro 2015.
- MARTINS, Manuela; RIBEIRO, Maria do Carmo Franco (2013) - *Em torno da Rua Verde. A evolução urbana de Braga na longa duração*. In *Evolução da paisagem urbana: transformação morfológica dos tecidos históricos*. Braga: CITEM e IEM.

Trabalhos académicos

-FREITAS, Ricardo Jorge Pombal Caetano de (2010) - Reabilitação e revitalização urbana : a consciência dos valores do património como indutora de recuperação integrada da cidade histórica. Dissertação de mestrado em metodologia de intervenção no património arquitectónico da FAUP (MIPA).

-MACEDO, João Braga – Processos de reabilitação dos centros históricos : o centro histórico de Braga /; Prof^a responsável Teresa Fonseca. - Porto : Faup, 2003.

-TEIXEIRA, Joaquim - Salvaguarda e Valorização do Edificado Habitacional da Cidade Histórica. Metodologia de Intervenção no Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto. Prova Final para Doutoramento em Arquitectura apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, FAUP 2014.

-RIBEIRO, Maria do C. (2008) - Braga entre a época romana e a Idade Moderna. Uma metodologia de análise para a leitura da evolução da paisagem urbana. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia Área de Conhecimento de Arqueologia da Paisagem e do Povoamento. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/8113>

Legislação consultada:

- Programa de Execução e Plano de Financiamento do PDMB.

- Programa Estratégico de Reabilitação Urbana do Centro Histórico de Braga (2011).

- Regulamento Salvaguarda Revitalização Centro Histórico da Cidade de Braga (2012).

Recursos digitais:

- MARTINS, A. - *Castro Máximo, ou Monte de Castro*. Disponível em :<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/73977/> Consultado em Fevereiro de 2016.

- VASCONCELOS, Maria da Assunção Jácome de - *Braga Revisitada 1750. O Livro do Mapa das Ruas de Braga de 1750*. Disponível em: <http://www.bragavirtual.com/index.php?lang=pt§ion=mappa> Consultado em Maio de 2016.

-Memória descritiva do projecto do Neues Museum disponível em: <http://www.davidchipperfield.co.uk/downloads/projects/> consultado em Maio de 2016.

-Memória descritiva do projecto do GNRation disponível em: <http://www.carvalhoaraujo.com/pt/pro/gnr-ration-p/> consultado em Maio de 2016.

Créditos de Imagem:

Capítulo 2

Figura 1, 2, 3, 4 e 8 - MARTINS, Manuela; RIBEIRO, Maria do Carmo Franco - Em torno da Rua Verde. A evolução urbana de Braga na longa duração. Braga 2013.

Figura 5, 6, 7, 9 e 10 – Arquivo Municipal da CMB.

Figura 11 – Google Maps.

Figura 21 e 22 – Autoria desconhecida.

Figura 16 a 20 - 23 a 43 - Levantamento de 2003 – CMB.

Figura 44 a 54 CMB (projecto)

Capítulo 3

Figura 55 - http://www.nccsc.net/sites/default/files/Piranesi_ViaAp

Figura 56 - <http://www.france-pittoresque.com/IMG/jpg/Viollet-Duc.jpg>

Figura 57 e 58 - <http://www.culture.gouv.fr/culture/carcassonne/fr/rt403.htm#>

Figura 59 - <http://f.tqn.com/y/architecture/1/S/q/n/1/Ruskin-171095873-crop.jpg>

Figura 60 - <http://www.victorianweb.org/painting/ruskin/drawings/14.jpg>

Figura 61 - http://www.vitruvius.com.br/media/images/magazines/grid_9/d5e0_resenha230.jpg

Figura 62 - <http://www.canalgrandevevezia.it/mappa/palazzi/lato-destro-550/080-palazzo-cavalli-franchetti.jpg>

Figura 63 - <http://www.arquiteturaportuguesa.pt/definicao-de-urbanismo/>

Figura 64 - <http://www.wwii-photos-maps.com/poland/Warsaw/index.html>

Figura 65 - <http://archinect.com/news/gallery/135337269/0/why-we-blame-buildings#>

Figura 74, 75, 76, 77 - <http://www.archdaily.com/150913/casa-da-escrita-joao-mendes-ribeiro>

Figura 67, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84 - http://www.davidchipperfield.co.uk/project/neues_museum

Figura 88, 89, 90, 91 - <http://www.carvalhoaraujo.com/pt/pro/gnracion-p/>

Figura 69, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100 - <http://aapharquitectos.com/index/index.php?/rec/edificio-douro/>

Capítulo 4

Figura 253, 254 - <http://www.stevenholl.com/projects/fukuoka-housing?>

As restantes figuras pertencem do arquivo pessoal.